

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

Gabrielle Ineu Coradini

**ROTINAS PRODUTIVAS NO RÁDIO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE DO
PROGRAMA ARENA ESPORTIVA DA RÁDIO IMEMBUÍ**

Santa Maria, RS
2018

Gabrielle Ineu Coradini

**ROTINAS PRODUTIVAS NO RÁDIO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE DO
PROGRAMA ARENA ESPORTIVA DA RÁDIO IMEMBUÍ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo, da
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do grau de **Bacharel em
Jornalismo.**

Orientador: Prof. Dr. Maicon Elias Kroth

Santa Maria, RS
2018

Gabrielle Ineu Coradini

**ROTINAS PRODUTIVAS NO RÁDIO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE DO
PROGRAMA ARENA ESPORTIVA DA RÁDIO IMEMBUÍ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo, da
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do grau de **Bacharel em
Jornalismo**.

Aprovado em 03 de dezembro de 2018:

Prof.º Dr.º Maicon Elias Kroth (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Prof.º Dr.º Gilson Luiz Piber da Silva (UFN)

Prof.ª Dr.ª Márcia Franz Amaral (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos quatro anos percorridos neste curso, tive a oportunidade de conviver com pessoas incríveis que contribuíram, e muito, para a minha formação, não só como profissional, como também pessoal. Mas nenhum passo dado nessa trajetória faria sentido se eu não tivesse ao meu lado as pessoas mais importantes da minha vida: minha mãe Rosilaine, meu pai Adair e minha irmã Clarissa. O apoio recebido por eles durante o curso foi fundamental para que eu acreditasse na minha formação e confiasse em cada ação tomada. É a eles que eu agradeço primeiramente, pois estiveram e estarão o tempo todo ao meu lado.

Agradeço, também, a todos os professores que passaram pela minha vida durante todos os meus anos de estudo no 1º e 2º grau. Os ensinamentos adquiridos na pré-escola e os conteúdos aprendidos no ensino fundamental e médio fizeram a diferença para que chegasse até aqui. Aos professores do curso, que convivi ao longo dos quatro anos, e passaram os ensinamentos teóricos e práticos da profissão, meus sinceros agradecimentos.

Igualmente gostaria de agradecer a todos os familiares, amigos e colegas que estiveram comigo durante esse processo de aprendizado e contribuíram para afastar os instantes de dúvidas e incertezas com momentos de diversões e brincadeiras.

Não posso, jamais, deixar de agradecer ao meu orientador, Maicon Kroth, que me indicou as melhores direções a ser tomadas durante a elaboração desta monografia e que me ajudou, desde o início, a encontrar um tema que me satisfizesse enquanto pesquisadora. Além de professor, virou um grande amigo no qual eu posso confiar.

Por fim, agradeço à professora Márcia Franz Amaral e ao professor Gilson Piber por terem aceitado o convite de participar da banca de avaliação deste trabalho e aos repórteres Angélica Varaschini, Tiago Nunes e demais profissionais da Rádio Imembuí por terem oportunizado a realização desta pesquisa.

Sou grata a todas essas pessoas que ajudaram no meu crescimento, afinal, “a gratidão é uma forma singular de reconhecimento, e o reconhecimento é uma forma sincera de gratidão” (Alan Vaszatte).

*Metade de mim
Agora é assim
De um lado a poesia, o verbo, a saudade
Do outro a luta, a força e a coragem pra chegar no fim*

*E o fim é belo, incerto, depende de como você vê
O novo, o credo, a fé que você deposita em você e só [...]*

(Fernando Anitelli)

RESUMO

ROTINAS PRODUTIVAS NO RÁDIO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA ARENA ESPORTIVA DA RÁDIO IMEMBUÍ

AUTORA: Gabrielle Ineu Coradini

ORIENTADOR: Maicon Elias Kroth

Em um cenário midiático permeado pelas tecnologias e imerso em um ambiente digital, buscou-se, nesta monografia, observar como funcionam as rotinas produtivas de Angélica Varaschini¹ e Tiago Nunes² na produção do programa “Arena Esportiva” da Rádio Imembuí. Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se, durante o percurso metodológico, a observação simples *in loco* na emissora de rádio durante cinco dias, além das pesquisas bibliográficas, exploratória e descritiva analítica. Nesta pesquisa qualitativa, foi aplicada, com os apresentadores, a entrevista em profundidade do tipo semiaberta como uma técnica de coleta de dados. No referencial teórico, buscou-se autores sobre as teorias do jornalismo e as rotinas de produção no radiojornalismo esportivo. Refletiu-se, também, sobre as mudanças tecnológicas ocorridas no meio radiofônico e as consequências dessas transformações na cultura profissional dos radiojornalistas. A mutação em decorrência de afetações do ecossistema digital pode ser identificada nas operações produtivas jornalísticas, desde o processo de seleção, produção do conteúdo, edição, apresentação e interatividade com a audiência.

Palavras-chave: Rotinas produtivas. Radiojornalismo hipermidiático. Rádio esportivo. Rádio Imembuí. Arena Esportiva.

¹ Apresentadora e repórter da Rádio Imembuí

² Coordenador de Jornalismo, apresentador e repórter da Rádio Imembuí

ABSTRACT

AUTHOR: Gabrielle Ineu Coradini

ADVISOR: Maicon Elias Kroth

In a media scenario permeated by technologies and immersed in a digital environment, this monograph sought to observe how the productive routines of Angélica Varaschini and Tiago Nunes work in the production of the program "Arena Esportiva" of Radio Imembuí. In order to reach the proposed objectives, during the methodological step, the simple observation in loco in the transmitter during five days, in addition to the bibliographic, exploratory and analytical descriptive research, was used. In this qualitative research, the interview was applied to the interview in depth of the semiaberta type as a technique of data collection. In the theoretical reference, we sought authors on theories of journalism and the routines of production in sports radiojournalism. It was also reflected on the technological changes occurring in the radio medium and the consequences of these changes in the professional culture of the radiojournalists. The mutation as a result of digital ecosystem affectation can be identified in journalistic production operations, from the selection process, content production, editing, presentation and interactivity with the audience.

Keywords: Productive routines. Hypermediatic radiojournalism. Sport radio. Radio Imembuí. Arena Esportiva.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Sede atual da Rádio Imembuí, em conjunto com a Rádio Nativa.....	53
Figura 2 – Repórter Angélica Varaschini, na sala de redação da Rádio Imembuí, durante a produção do Arena Esportiva.	58
Figura 3 – Repórter Tiago Nunes, na sala da redação da Rádio Imembuí, durante a sua rotina de trabalho.	59
Figura 4 – Live no Facebook durante o programa Arena Esportiva com o convidado ao vivo.	91

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 ROTINAS PRODUTIVAS NO JORNALISMO – UM PROCESSO EM RECONFIGURAÇÃO	12
3 A RADIOMORFOSE	23
3.1 O RÁDIO E AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS	23
3.2 ROTINAS PRODUTIVAS DO RADIOJORNALISMO ESPORTIVO.....	28
3.3 AS AFETAÇÕES NA CULTURA PROFISSIONAL DO JORNALISTA NO RÁDIO... 38	
3.4 A PRODUÇÃO DE UM PROGRAMA DE RÁDIO	41
4 O OBJETO DE PESQUISA	48
4.1 BREVE CENÁRIO DO RÁDIO EM SANTA MARIA	48
4.2 RÁDIO IMEMBUÍ – A RÁDIO DA GENTE DAQUI	52
4.2.1 Programa Arena Esportiva	55
4.2.2 A repórter Angélica Varaschini – Perfil profissional.....	57
4.2.3 O repórter Tiago Nunes – Perfil profissional.....	58
5 A PRODUÇÃO RADIOJORNALÍSTICA DO ARENA ESPORTIVA	60
5.1 OBSERVAÇÕES DAS ROTINAS PRODUTIVAS.....	65
5.1.1 Arena Esportiva - Edição do dia 16 de julho de 2018	65
5.1.2 Arena Esportiva - Edição do dia 24 de julho de 2018	70
5.1.3 Arena Esportiva - Edição do dia 1º de agosto de 2018	76
5.1.4 Arena Esportiva - Edição do dia 09 de agosto de 2018	81
5.1.5 Arena Esportiva - Edição do dia 17 de agosto de 2018	86
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	102
ANEXO A – E-MAIL ENTREVISTA.....	136
ANEXO B – ROTEIRO DO PROGRAMA “ARENA ESPORTIVA”	138

1 INTRODUÇÃO

Dos primeiros transistores até a tecnologia que se tem hoje, o rádio passou por profundas modificações que permitiram a sua reinvenção. A chamada radiomorfose (PRATA, 2008) caracteriza 96 anos de adaptações às tecnologias que surgiram ao longo do tempo no Brasil. O rádio superou o advento da televisão nos anos 50, que havia pregado o fim do meio sonoro, e posteriormente da internet, em 1996, que representou uma ameaça aos radialistas. O fato é que essas mudanças possibilitaram ao rádio não só o convívio, como também a incorporação das tecnologias nas rotinas de produção dos radiojornalistas. Os profissionais de rádio beneficiaram-se desses momentos, pois vislumbraram novas formas de linguagens e narrativas para compor e complementar o som. Diante disso, tecnologias como a internet e o celular estão presentes no dia a dia dos radiojornalistas e afetam as lógicas de produção. Somado a esse contexto, os profissionais também precisam acompanhar a evolução do próprio ouvinte-internauta (LOPEZ, 2010), que tem a sua disposição as mesmas ferramentas utilizadas pelos profissionais de rádio e que, com as possibilidades de interação ampliadas, participa do processo produtivo cada vez mais.

O contexto radiofônico, que está imerso em uma era digital, também possibilitou alterações nas rotinas dos jornalistas esportivos, já que no esporte a interação pode assumir níveis ainda maiores devido à intensidade de sentimentos como paixão e emoção. Dessa forma, o ouvinte opina sobre os acontecimentos do mundo esportivo e avalia a fase atual de seu time. Desde as primeiras transmissões até hoje, os profissionais de rádio esportivo tiveram a seu favor a evolução dos dispositivos tecnológicos, que permitiram o deslocamento até o gramado e a gravação de entrevistas ao vivo com os jogadores durante a saída de campo. Já o computador possibilitou maior agilidade na produção das reportagens esportivas, pois esse objeto pode ser carregado junto com os profissionais até o Centro de Treinamentos dos clubes. Assim, os jornalistas nem precisam voltar ao estúdio para enviar áudios, textos ou fotografias, pois com a internet, isso tudo é feito à distância. Dessa forma, no jornalismo esportivo também é possível explorar os conteúdos multimídia, a fim de criar novas narrativas que mesclam som, texto, fotografia e vídeo.

A partir dessas características, possíveis de se observar naquilo que Lopez (2010) chama de radiojornalismo hipermediático, partiu-se para a proposição de uma reflexão sobre como as emissoras de rádio do interior estruturam suas rotinas de produção a partir de afetações das lógicas da cultura da convergência, cuja imagem, texto e outras opções de linguagens podem ser incorporadas ao som, sem, no entanto, desconfigurar o meio sonoro.

Dessa forma, foi elaborado o presente projeto de pesquisa, o qual sugeriu o encaminhamento do Trabalho de Conclusão de Curso. A investigação, como recomendam as referências sobre o trabalho científico, organizou-se em torno de diversos questionamentos. Entretanto, um eixo central foi escolhido para nortear o processo: como funcionam as rotinas produtivas dos profissionais Angélica Varaschini e Tiago Nunes na produção do programa “Arena Esportiva” da Rádio Imembuí? Assim, o objetivo central da pesquisa é analisar as rotinas de produção dos dois profissionais no programa “Arena Esportiva”. Para tanto, definiu-se alguns objetivos específicos, os quais se constituíram como tarefas a fim de responder o problema de pesquisa e alcançar o objetivo geral proposto. Primeiro, avaliou-se como ocorre o processo de apuração dos conteúdos para o programa. Na sequência, observou-se os critérios utilizados para selecionar as pautas do programa e verificou-se como se dá o contato com as fontes e agências de notícias e, também, como são editados e apresentados os conteúdos visando o público-alvo. Por fim, ainda se analisou como as rotinas são afetadas pelas lógicas produtivas características do radiojornalismo hipermidiático contemporâneo.

A escolha da rádio em questão foi ocasionada pelo fato da emissora ter migrado para a Frequência Modulada em 2017. Completado um ano e meio dessa migração, optou-se pela Rádio Imembuí a fim de visualizar o modo como a emissora está utilizando as possibilidades tecnológicas e digitais disponíveis. Já a escolha do programa foi feita por meio de uma investigação inicial na grade de programação da rádio, na qual foi constatado que o Arena Esportiva é o único programa dedicado ao esporte produzido pela emissora.

A escolha do tema radiojornalismo esportivo foi motivada a partir da afinidade com a mídia e o assunto em questão. O contato com as disciplinas de rádio contribuíram para aumentar a percepção de que ainda há outras possibilidades de avanço do meio sonoro a fim propiciar aos ouvintes novas narrativas. Assim sendo, o dinamismo desse meio de comunicação, somado à crescente participação do público nas rotinas de produção, foram determinantes na preferência pelo estudo. Ao tratar-se do rádio esportivo, tem-se a percepção de que, nessa segmentação, há uma interação ainda maior entre profissionais e usuários, propiciada não só pelos dispositivos tecnológicos, como também pela própria linguagem esportiva, que permite o uso de termos técnicos próprios do assunto em questão. Além do mais, observou-se que os estudos sobre rotinas de produção no rádio esportivo ainda não foram muito explorados, o que evidenciou que uma pesquisa nessa área seria relevante tanto para a Universidade e a comunidade científica, como também para os próprios profissionais do rádio esportivo.

No percurso metodológico, realizou-se uma pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2006), a fim de conhecer o material já existente, uma pesquisa exploratória (GIL, 2014), na qual a pesquisadora aproximou-se do objeto a ser estudado, uma pesquisa de caráter descritiva analítica (GIL, 2014), em que foram descritas as observações *in loco*, e a técnica da entrevista em profundidade do tipo semiaberta (DUARTE, 2006), a fim de coletar os dados para a monografia. Sendo esta uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 2002), a observação simples (GIL, 2014) serviu para que a pesquisadora investigasse as rotinas de produção do programa Arena Esportiva, realizado pelos profissionais Angélica Varaschini e Tiago Nunes.

A presente monografia está dividida em quatro capítulos, sendo três deles de caráter teórico e um metodológico. O primeiro capítulo, denominado de Referencial Teórico, aborda as rotinas de produção no jornalismo, além das teorias que permeiam a profissão e estão em processo de reconfiguração. O terceiro capítulo, denominado Radiomorfose, apresenta a evolução da tecnologia no meio sonoro e as afetações na cultura profissional do jornalista do rádio. Além disso, são retratadas as rotinas do radiojornalismo esportivo e como se produz um programa de rádio.

O quarto capítulo é dedicado ao objeto de pesquisa. Para isso, o capítulo descreve, de forma breve, o cenário do rádio em Santa Maria, apresenta a Rádio Imembuí, o programa Arena Esportiva e o perfil dos profissionais Angélica Varaschini e Tiago Nunes.

O quinto capítulo detalha os procedimentos metodológicos desenvolvidos nesta pesquisa, desde a pesquisa bibliográfica até a investigação *in loco* na emissora. Para tanto, são abordados nesse capítulo os cinco dias de observação, por meio de uma análise criteriosa realizada na emissora. Observou-se a rotina dos profissionais Angélica Varaschini e Tiago Nunes na produção do programa Arena Esportiva. Somada à descrição do dia a dia de trabalho dos repórteres, foi feita uma análise fundamentada no referencial teórico proposto e descrito nesta monografia, que contempla as rotinas de produção. Por fim, no último capítulo, são apresentadas as considerações finais do trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo é apresentado o aporte teórico construído ao longo do tempo a respeito de práticas e processos jornalísticos. Ainda se estrutura um texto que aborda a reconfiguração das práticas jornalísticas contemporâneas e, por sua vez, a ressignificação dos modos de explicar como tais práticas estão se dando. Avaliou-se que seria importante contextualizar as teorias sobre *gatekeeping*, *newsmaking* e critérios de noticiabilidade por meio de autores como Wolf (1987), Hohfeldt (2001) e Traquina (2005), pois são conceitos solidificados como aporte teórico do Jornalismo como prática social. Frente a isso, buscou-se outros autores que auxiliaram na compreensão de práticas e processos de produção e consumo de informação no cenário atual, como *gatewatching*, curadoria e *produsage* por meio de autores como C.W. Anderson, Emily Bell e Clay Shirky (2013), Moreno e Cardoso (2015) e Ferreira (2018).

2.1 ROTINAS PRODUTIVAS NO JORNALISMO – UM PROCESSO EM RECONFIGURAÇÃO

O texto que compõe o presente capítulo passou por um processo de reestruturação devido às mudanças ocorridas no campo profissional e que foram constatadas por meio de discussões realizadas nas orientações durante a escrita desta monografia. Comprovou-se, à luz das observações feitas em torno do objeto empírico e das práticas profissionais, que as teorias solidificadas nos estudos sobre o Jornalismo não dão mais conta de explicar os modos contemporâneos de produção jornalística. As teorias estão, assim como as práticas, sendo ressignificadas diante de lógicas de processualidades, inerentes às transformações da cultura da convergência (JENKINS, 2013) instaurada no cotidiano social, “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2013, p. 30). Dessa forma, conceitua-se convergência como:

fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2013, p. 30).

Diante disso, buscou-se autores que se preocuparam em analisar as teorias contemporâneas e as novas lógicas de produção e consumo, cenário que já faz parte do contexto digital e tecnológico na qual se inserem práticas e processos sociais e que trazem consequências profundas às práticas jornalísticas. Diante disso, os profissionais devem repensar as suas atividades, pois os indivíduos consumidores de informações dispõem de ferramentas para produzi-las e compartilha-las, constituindo-se como coprodutores de conteúdos. A principal mudança, observada por Moreno e Cardoso (2015) diz respeito à intermediação feita pelos jornalistas, que permeava os conceitos de *gatekeeping* e *newsmaking*, papel esse que se adequava à sociedade hierárquica e massiva da época. Porém, essa atribuição “não faz sentido na Sociedade em Rede mediada por tecnologias de informação e comunicação digitais. Isso afeta a função social do jornalismo e consequentemente também os conceitos, regras, procedimentos e rotinas para a sua operação no dia a dia” (MORENO; CARDOSO, 2015, p. 546). Frente a isso, tornou-se necessário questionar e rever algumas abordagens que se modificaram significativamente e que fazem parte das rotinas de produção dos jornalistas.

No entanto, convencionou-se retomar as teorias tradicionais, pois a prática de muitas delas encontram-se visíveis no objeto em estudo e que, portanto, sinalizam para uma mudança gradual e lenta em emissoras radiofônicas, como a que se estudou. Diante disso, ainda são observados métodos os quais os jornalistas utilizam durante a produção das notícias a fim de otimizar o tempo e tornar o processo mais simples. Para isso, muitas lógicas de produção ainda estão estruturadas em rotinas, que se dividem em três fases: recolha, seleção e apresentação das notícias.

A primeira fase, constituída como “a recolha dos materiais informativos” (WOLF, 1987, p. 194) serve como o ponto de partida para a produção de um noticiário e tem nas fontes o seu principal elemento (WOLF, 1987). O modo de recolher os materiais que serão utilizados muda de um veículo para outro, pois depende dos recursos que cada um dispõe (WOLF, 1987). Dentre as várias influências que são exercidas nessa primeira fase, existe o dever dos jornalistas de estar sempre veiculando notícias, para manter o fluxo constante dos jornais, por isso a preferência é pela escolha de fontes institucionais e notícias de agências. “Esta forma de organizar a recolha dos materiais noticiáveis está intrinsecamente ligada à necessidade de rotinizar o trabalho [...]” (WOLF, 1987, p. 196-197). Diante disso, opta-se, por exemplo, por racionalizar o trabalho e os custos, além de reduzir o tempo com que o material é preparado (WOLF, 1987). Isso é visto cada vez mais, diante da escassez de profissionais responsáveis por produzir as informações. De certa forma, por mais que a internet disponha

aos jornalistas uma infinidade de conteúdos e fontes de informação, os profissionais encontram-se cada vez mais pressionados pela aceleração da velocidade e de estar sempre visível na *web*, o que coloca em cheque a qualidade do material produzido, além de influenciar as rotinas produtivas (FERREIRA, 2018).

A segunda fase proposta por Wolf (1987) é a seleção das notícias. Segundo o autor, “o material recolhido pelos correspondentes, pelos enviados especiais e pelos repórteres e que chega por intermédio das agências, é reduzido a um certo número de notícias destinadas à transmissão no noticiário ou à imprensa diária” (WOLF, 1987, p. 214). A seleção das notícias realizada pelos jornalistas não é feita de maneira subjetiva, afinal isso envolve um “processo complexo, que se desenrola ao longo de todo o ciclo de trabalho, realizado a instâncias diferentes – desde as fontes até o simples redactor – e com motivações que não são todas imediatamente imputáveis à necessidade directa de escolher as notícias a transmitir” (WOLF, 1987, p. 214). Além disso, nesta fase, os veículos de comunicação prezam pela eficiência do processo e disponibilizam procedimentos eficazes aos jornalistas para que eles possam utilizar o tempo de trabalho da melhor forma possível com as ferramentas disponíveis, como computadores e telefones com gravador para que eles não precisem ir até a fonte realizar a entrevista, segundo Gans (1979 apud WOLF, 1987).

Nessa fase atual, há um elemento considerado essencial, embora ele passe por ressignificações, que visa auxiliar os jornalistas em relação às notícias a serem selecionadas: os critérios de noticiabilidade. Utilizados pelos jornalistas para sistematizar a rotina de trabalho, os critérios de noticiabilidade são “o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia [...]” (TRAQUINA, 2005, p. 63). Os valores-notícia são usados durante todo o processo de produção das notícias, desde a escolha das pautas até a escolha de fontes de informação e servem para orientar os jornalistas na redação. Wolf (1987) destaca que os valores-notícia devem ser de fácil aplicação para que os jornalistas possam os utilizar rapidamente, sem que exista a necessidade de fazer uma análise sobre os fatos ou ocasionar a dúvida de ter realizado a escolha adequada. Outra característica apontada pelo autor é a flexibilidade dos valores-notícia, para que esses se adaptem à diversidade dos fatos à disposição. Fato a ser notado é que os valores-notícias são relacionados e comparados uns com os outros, já que existe um grande leque de notícias à disposição para serem divulgadas.

No jornalismo, os valores-notícias sempre estiveram presentes e já eram visualizados nos primeiros conteúdos jornalísticos, em 1616, nas chamadas folhas-volantes (TRAQUINA, 2005). Com o passar dos anos, os valores-notícia se ressignificaram e ainda permanecem em

constante mutação, já que o modo de consumir as informações também se modificou devido a incorporação das tecnologias, o que torna difícil de classificar as notícias nos critérios já solidificados. “Na medida em que as novas tecnologias reconfiguram a escrita no sentido de um papel mais ativo por parte do leitor e alteram o código de leitura, [...] mudam igualmente os critérios da noticiabilidade, da conceituação e produção de notícias” (SODRÉ, 2010, p. 15). Diante disso, Volpato (2017) observa que os valores-notícia relativos à proximidade geográfica e espacial têm se tornado mais relevantes durante os últimos anos. “Hipóteses à parte, o que se observa é que, mesmo em meio ao grande fluxo de informação global em que estamos inseridos, as novas tecnologias parecem contribuir para revigorar o interesse pela informação de proximidade, pelo hiperlocal, pela comunidade” (VOLPATO, 2017, p. 140).

Diante disso, a atividade considerada básica aos jornalistas, que é utilizar os valores-notícia a fim de determinar se um fato deve ou não ser noticiado, torna-se complexa (MORENO; CARDOSO, 2015). De modo geral, para os autores, as informações que são consideradas significativas para a sociedade têm relevância jornalística. A questão é que existe uma gama diversificada de valores-notícia e “aquilo que tem ou não tem valor-notícia e deve ou não deve ser reportado como jornalismo não é um conceito absoluto, mas antes um conceito relativo. Historicamente relativo, culturalmente relativo e tecnologicamente relativo” (MORENO; CARDOSO, 2015, p. 547). Diante disso, esses três princípios colaboram para remodelar os critérios e valores-notícia diante do contexto digital.

Cada autor que se debruçou sobre os valores-notícia, elaborou a sua própria lista dos principais critérios utilizados pelos jornalistas. Para os pesquisadores Galtung e Ruge (1965/1993 apud Traquina, 2005), são doze os valores-notícia:

1) a frequência, ou seja, a duração do acontecimento; 2) a amplitude do evento; 3) a clareza ou falta de ambiguidade; 4) a significância; 5) a consonância, isto é, a facilidade de inserir o “novo” numa “velha” ideia que corresponda ao que se espera que aconteça; 6) o inesperado; 7) a continuidade, isto é, a continuação como notícia do que já ganhou noticiabilidade; 8) a composição, isto é a necessidade de manter um equilíbrio nas notícias com uma diversidade de assuntos abordados; 9) a referência a nações de elite; 10) a referência a pessoas de elite, isto é, o valor-notícia da proeminência do ator do acontecimento; 11) a personalização, isto é, a referência às pessoas envolvidas; e 12) a negatividade, ou seja, segundo a máxima “*bad news is good news*” (p. 69).

Já o autor Mauro Wolf (1987), considera que os valores-notícia são derivados dos seguintes pressupostos: “a. às características substantivas das notícias; ao seu conteúdo; b. à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo; c. ao público; d. à concorrência” (WOLF, 1987, p. 176). Como explicação, o autor descreveu que o primeiro

item está relacionado ao acontecimento que será transformado em notícia; o segundo está envolto aos vários métodos que compõem a produção; o terceiro e quarto item estão descritos como “a imagem que os jornalistas têm acerca dos destinatários [...] e às relações entre os *mass media* existentes no mercado informativo” (WOLF, 1987, p. 177-178).

Os critérios substantivos são articulados em dois elementos: importância, que se divide em outros quatro fatores, e interesse da notícia (WOLF, 1987). Dentro do item importância, estão:

1. Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável, quer no que respeita às instituições governamentais, quer aos outros organismos e hierarquias sociais; [...]
2. Impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional [...]. Associado a esse factor está igualmente o valor/notícia da proximidade, quer como vizinhança geográfica, quer como afinidade cultural;
3. Quantidade de pessoas que o acontecimento (de facto ou potencialmente) envolve; [...]
4. Relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação. Gans individualiza um exemplo deste factor, na cobertura reservada aos primeiros episódios de acontecimentos que têm uma duração prolongada [...]. (WOLF, 1987, p. 178-181).

Quanto à categoria dos critérios relativos ao produto, Wolf (1987) descreve esse item em relação às características dos produtos e dos materiais noticiosos que estão disponíveis, como o valor-notícia atualidade. Para Golding e Elliot (1979 apud WOLF, 1987), a terceira categoria, que diz respeito aos critérios relativos ao meio de comunicação, menciona, em termos gerais, que a maneira como a notícia é apresentada influencia mais no tempo que será dedicada a ela, do que o conteúdo da notícia. Os critérios relativos ao público dizem respeito “à imagem que os jornalistas têm do público [...]” (WOLF, 1987, p. 188), já que os jornalistas não possuem amplo conhecimento de quem é, realmente, o seu público. O último critério descrito diz respeito à concorrência, que pode ser visualizada de diversas formas, tais como um veículo informar determinado acontecimento por pensar que os outros também o noticiarão. Essa prática, segundo Gans (1979 apud WOLF, 1987) colabora para aumentar a semelhança entre as coberturas noticiosas de noticiários concorrentes.

A terceira e última fase das rotinas produtivas proposta é a preparação e apresentação das notícias. O formato das transmissões das notícias, segundo Altheide (1976 apud WOLF, 1987), deve ser semelhante a uma história, com início, meio e fim. A preferência por essa linguagem de apresentação é escolhida de forma com que o público entenda o que está sendo dito. A própria seleção nas notícias também é pensada com base no que é mais relevante para os usuários, principalmente diante do fato de que o público tem um contato maior com os profissionais frente as possibilidades permitidas pela internet. Essa etapa também sofreu

modificações nos últimos anos com a chegada das tecnologias e com o avanço da participação dos usuários. “As narrativas passaram, a partir da cultura digital, a receber formatos diferentes do até então aprendidos nas faculdades e aprimorados nas redações. As várias linguagens possíveis para contar um fato marcaram tão fortemente o jornalismo que isso afetou a profissão” (LIMA; PAULINO, 2017, p. 17-18).

Diante disso, tem-se a possibilidade de, mesmo no rádio, produzir conteúdos multimídia para disponibilizar na internet, como será visto nos capítulos posteriores. Perante esse cenário, exige-se dos profissionais a multidisciplinaridade, que devem aliar as lógicas da verdade e apuração com o desenvolvimento de novas habilidades. Diante disso, “vivenciamos o processo de adaptações e reflexões constantes no campo sobre como os jornalistas devem encarar a realidade de mudanças tão rápidas que vem ocorrendo em sua profissão” (LIMA; PAULINO, 2017, p. 18). Além do público, a velocidade do fluxo de informação também é um elemento que influencia nessa etapa diante do contexto digital, uma vez que a pressão do tempo força os profissionais a selecionar as informações de fontes institucionais e as divulgar sem terem feito a edição e verificação (FERREIRA, 2018).

Como conclusão das três fases que compõem as rotinas produtivas dos jornalistas, Wolf (1987) argumenta que:

Observei que: a. a relevância de um acontecimento é individualizada e avaliada a partir das experiências organizativas do órgão de informação; b. os valores/notícia constituem critérios que não são activados um a um mas <<em cacho>> e segundo hierarquias mutáveis; c. na utilização das fontes, funcionam igualmente múltiplos critérios práticos, flexíveis; d. a própria composição dos noticiários é uma espécie de <<compromisso>> entre elementos pré-definidos (agenda de serviço) e elementos imprevisíveis; e. as modificações *in extremis* das notícias são avaliadas na sua factibilidade em relação a critérios opostos entre si (importância do acontecimentos *versus* <<custos>> da operação de modificação); f. a rigidez da organização do trabalho é atenuada pela tendência para a receptividade aos acontecimentos imprevistos, à actualização das notícias (a própria hora tardia, em relação ao momento da transmissão, em que se decide o mapa de notícias definitivo e a excitação das últimas fases de trabalho a contrastar com a aparente calma das horas anteriores, são sinais dessa tendência) (p. 222).

É com base nessas lógicas de funcionamento que as escolhas dos jornalistas podem ser tomadas. O principal objetivo é dinamizar as rotinas de produção, que precisam corresponder não somente ao *deadline*, como também aos recursos de pessoal e financeiro, aos quais os veículos de comunicação estão submetidos.

Frente a isso, o processo noticioso no qual o jornalista está inserido é organizado como uma rotina industrial (PENA, 2012), com seus próprios modos de fazer e limitado pelas normas organizacionais, já que

Diante da imprevisibilidade dos acontecimentos, as empresas jornalísticas precisam colocar ordem no tempo e no espaço. Para isso, estabelecem determinadas práticas unificadas na produção de notícias. É dessas práticas que se ocupa a teoria do *newsmaking*. Como explica Tuchman, a atividade jornalística é extremamente complexa, apesar de seu objetivo parecer simples: fornecer relatos de acontecimentos significativos e interessantes (PENA, 2012, p. 130).

Assim, a teoria do *newsmaking* se propõe a explicar que as notícias são como são devido à determinação das lógicas rotineiras (PENA, 2012). Dentro dessa rotina, Tuchman (1978 apud PENA, 2012) identifica três deveres que os meios de comunicação devem realizar na produção do noticiário: mostrar acontecimentos até então desconhecidos; não tratar cada fato de modo idiossincrático; e trabalhar os acontecimentos organizativamente no tempo e espaço disponíveis.

A questão posta em debate é que as práticas desenvolvidas na teoria do *newsmaking* alteraram-se e oferecem aos jornalistas novas possibilidades de trabalho. Atualmente, junto com os profissionais há uma gama de cidadãos que produzem e distribuem a informação, o que afeta as lógicas de *newsmaking*, já que esses usuários utilizam os mesmos canais e as mesmas ferramentas de produção dos jornalistas (MORENO; CARDOSO, 2015).

Isso significa, tão simplesmente, que os jornalistas deixam de ter o exclusivo (ou mesmo a primazia) na produção e distribuição de informação. Claro que os jornalistas podem argumentar que só a informação produzida com critérios jornalísticos tem realmente valor para ser considerada jornalismo. Mas caberá à sociedade na sua pluralidade determinar que informações têm ou não têm relevância social. (MORENO; CARDOSO, 2015, p. 547).

Os consumidores, que se transformam em produtores virtuais, têm a seu dispor computador e internet e aproveitam esse novo ambiente tecnológico para tornarem-se uma fonte emissora (SODRÉ, 2010). O fato dos cidadãos aproveitarem os recursos técnicos para criar conteúdos, como uma foto, não termina com a exigência de jornalistas na produção das informações. O profissional deixa de ser o responsável por registrar a primeira imagem ou fazer uma observação inicial e passa a ser aquele que solicita a informação e, em seguida, filtra e contextualiza o que recebe (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

Apesar de se ter visualizado uma ressignificação do conceito tradicional de *newsmaking*, convencionou-se abordá-lo na sua forma convencional pelo fato desta monografia estudar um meio de comunicação tradicional. Frente a isso, tem-se que uma das premissas do trabalho jornalístico e que constitui a preocupação da hipótese do *newsmaking* (PENA, 2012) são as notícias.

Diante do fato de que a hipótese do *newsmaking* é traduzida como “os *fazedores de notícia* ou a *criação da notícia*” (HOHLFELDT, 2001, p. 204), o seu principal foco de estudo é a “potencial transformação dos acontecimentos cotidianos em notícia” (HOHLFELDT, 2001, p. 203-204). Para tanto, o emissor, no caso o jornalista, tem papel fundamental na construção da notícia, afinal, intrinsecamente ligado ao *newsmaking* está a teoria do *gatekeeping*, que “é o processo de seleção e transformação de vários pequenos pedaços de informação na quantidade limitada de mensagens que chegam às pessoas diariamente [...]” (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 11). Sendo está uma teoria da ação pessoal, o conceito diz respeito ao selecionador (PENA, 2012) e o que se constituiu como critério determinante na escolha das notícias. “Ou seja, diante de um grande número de acontecimentos, só viram notícia aquelas que passam por uma cancela ou portão (*gate* em inglês). E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (o *gatekeeper*), que é o próprio jornalista” (PENA, 2012, p. 133).

O primeiro teórico que se debruçou sobre o conceito e o trouxe para o campo do jornalismo foi David Manning White, em 1950. Por meio de observações, White analisou diariamente as atividades de um jornalista, apelidado de Mr. Gates, na redação do jornal em que trabalhava. Durante uma semana, White atentou-se para as razões que faziam o jornalista excluir determinadas notícias, que estavam a sua disposição através dos despachos das agências. A conclusão do estudo foi de que “as decisões de Mr. Gates foram subjetivas e arbitrárias, dependentes de juízos de valor baseados no conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*” (PENA, 2012, p. 134). Ou seja, White pensava que o processo na qual o *gatekeeping* estava inserido era realizado por uma pessoa, no caso o jornalista, e não pelas organizações, pois as escolhas eram feitas com base nas influências sofridas pelo indivíduo e impostas pelos limites organizacionais, como os prazos (SHOEMAKER; VOS, 2011). Porém, apesar da conclusão de White, “os estudos posteriores chegaram à conclusão que as decisões do *gatekeeper* estavam mais influenciadas por critérios profissionais ligados às rotinas de produção da notícia e à eficiência e velocidade do que por uma avaliação individual de noticiabilidade” (PENA, 2012, p. 134).

Esse processo de determinar a forma com que uma pessoa analisa o mundo torna o processo ainda mais difícil e decisivo, pois traz consequências a todos. Diante disso, os jornalistas escolhem determinados assuntos para noticiar. Os acontecimentos que são descartados acabam podendo se tornar inexistentes para uma parte do público que acompanha apenas determinado veículo de comunicação. “As pessoas não tem como saber o que a mídia não lhes conta, a menos que experienciem diretamente os eventos” (SHOEMAKER; VOS,

2011, p. 14). No entanto, apesar da existência desses conceitos, deve-se ter a noção de que as práticas propostas pelas teorias se ressignificam ao longo do tempo e sofrem alterações na forma de produção das notícias devido às mudanças no modo de consumo das informações. Para tanto, diante da era digital, o conceito de *gatekeeping* é afetado e exige, portanto, novos olhares para a forma como os jornalistas se comportam diante dos acontecimentos que devem ser transformados em notícia.

A prática inicial do *gatekeeper* foi utilizada devido à escassez não só de locais para a publicação de notícias no jornal impresso, como também mediante a existência de poucos canais de comunicação (BRUNS, 2011). Diante disso,

qualquer crescimento no espaço global para as notícias tem que desafiar necessariamente o papel desta prática. Para começar, se mais publicações impressas de notícias e mais canais de transmissão com cobertura das notícias se tornarem disponíveis, por que todos eles têm que aderir às convenções quase idênticas daquilo que tem e daquilo que não tem valor como notícia, por exemplo? (BRUNS, 2011, p. 123).

O autor sinaliza ainda que, apesar de não ser mais necessário o trabalho do *gatekeeper* em sua forma tradicional, os jornalistas tem agora a função de direcionar as notícias mais importantes para o público, a fim de destacar quais são as principais a serem lidas. Diante disso, a exclusão de matérias consideradas irrelevantes para o público não precisa mais ser feita. “Esta mudança da exclusão do menos importante para o destaque do mais importante não é apenas uma possibilidade, mas uma necessidade” (BRUNS, 2011, p. 123).

Essas práticas que põem em questionamento o papel do *gatekeeping* são marcadas por novas opções disponíveis aos usuários, que podem se tornar os seus próprios *gatekeepers*, já que há, em alguns portais, a possibilidade de personalização das páginas de notícias de acordo com as escolhas de cada um (FERREIRA, 2018). Surge, diante disso, um modelo mais horizontal de comunicação, pautado pela colaboração e conexão entre o público e os jornalistas, por mais que ainda seja uma participação comedida, que foi impulsionada pelos dispositivos digitais e sociais (BRUNS, 2011). As plataformas também possibilitam aos usuários o compartilhamento dos conteúdos que mais lhe interessam, o que acaba por surgir, segundo o autor, o modelo de *curation* colaborativa das matérias pelo público: “os usuários encontram, compartilham, e (muitas vezes) comentam as informações e os eventos que têm valor como notícias; eles divulgam em vez de publicarem as matérias noticiosas” (BRUNS, 2011, p. 124).

Semelhante a essa prática está a lógica de *produsage*, na qual os usuários colaboram com os conteúdos de forma a compartilhá-los e não produzirem o material, ou seja, “a premissa dentro da comunidade de *produsage* é que quanto mais participantes puderem examinar, avaliar e expandir as contribuições dos seus predecessores, mais provável será um resultado de qualidade forte e crescente” (BRUNS, 2008, p. 24 apud BRUNS, 2011, p. 124).

O surgimento dessas novas práticas e processos que estão inseridos na rotina dos jornalistas leva à suspensão do modelo em *gatekeeping* e o surgimento do *gatewatching*, de acordo com o autor. O conceito diz respeito às práticas realizadas por usuários que, por mais que não façam eles mesmos as reportagens, eles observam as notícias que passam pelos canais, compartilham-nas e fazem a curadoria do material, já que eles não detêm o controle sobre os canais. É possível também visualizar o aumento dos próprios espaços de comentários para o público, já que antigamente essa prática era limitada.

Porém, apesar das teorias recentes abordarem essa prática de produção, o conceito inicial não será totalmente diluído (FERREIRA, 2018). O que será visualizado, segundo o autor, é que a função de *gatekeeper* será observado sob novas perspectivas que, por mais que o modifiquem de modo significativo, não vão remover o seu valor. Diante disso,

[...] o papel desempenhado pelos indivíduos, pelas multidões e pelos computadores no novo paradigma de informação e comunicação leva Anderson, Bell e Shirky a considerarem que estes novos agentes do processo não vêm na realidade substituir os jornalistas, mas antes deslocá-los para uma posição diferente na cadeia informativa, menos ligada à recolha direta de informações e mais vocacionada para a verificação e interpretação de dados [...]. Ou seja, neste entendimento, estamos perto das funções de agregação e curadoria que outros autores também preveem que seja a dos jornalistas na era digital (MORENO; CARDOSO, 2015, p. 548).

Junto a essas novas perspectivas profissionais, soma-se o fato da existência de conteúdos e fontes de informação em abundância nas redes, o que proporciona, aos jornalistas, o surgimento de novas atividades.

Nesse caso, como no de tantas outras mudanças no jornalismo, a erosão de velhas formas de agir é acompanhada da expansão de novas oportunidades e de novas necessidades de um trabalho jornalisticamente importante. O jornalista não foi substituído – foi deslocado para um ponto mais acima na cadeia editorial. Já não produz observações iniciais, mas exerce uma função cuja ênfase é verificar, interpretar e dar sentido à enxurrada de texto, áudio, fotos e vídeos produzida pelo público (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2013)³.

³ Citação retirada do artigo publicado na página do site <http://observatoriodaimprensa.com.br/>

Diante desse cenário digital, que redefine as práticas profissionais, os jornalistas tendem a utilizar mais pontos de vista nas reportagens. Além disso, o próprio contato com o público é modificado, pois, com as mídias digitais, os profissionais tem a possibilidade de aproximarem-se mais dos usuários (FERREIRA, 2018), já que a esses é dada a oportunidade de reclamar e comentar as matérias noticiosas. Assim sendo, o autor argumenta que as notícias estão inseridas em um processo cujo fim é inexistente, já que a elas somam-se as reações dos usuários. Todas essas práticas contribuem para modificar as rotinas de produção no rádio e inseri-lo em um processo de radiomorfose (PRATA, 2008).

3 A RADIOMORFOSE

No dia 7 de setembro de 2018 o rádio brasileiro completou 96 anos desde a sua primeira transmissão. Ao longo de quase um século da presença do rádio no país, o meio sonoro vivenciou a sua época de ouro nos anos 40, com uma programação dominada pelo entretenimento (FERRARETTO, 2000). No mesmo período, com a Segunda Guerra Mundial, o radiojornalismo começou a conquistar a audiência, “tornando-se, no início dos anos 50 [...] a primeira expressão das indústrias culturais no Brasil” (FERRARETTO, 2000, p. 112). O primeiro acontecimento que colocou em xeque o futuro do rádio foi o advento da TV em 1950. Com isso, além do rádio perder publicidade para o novo meio, houve também a transferência dos radialistas para a televisão. O renascimento do rádio inicia quando o meio sonoro começa a buscar alternativas para captar a audiência. Segundo Ortriwano (2002-2003, p. 75-76), “o rádio procura outros espaços e descobre no período matutino o seu horário nobre. Das produções caras, com muitos contratados, o rádio chega a se tornar quase um vitrolão que apenas reproduz a música gravada em discos [...]”. Somado a isso, o rádio teve ao seu lado o desenvolvimento de variadas tecnologias, como o transistor, a frequência modulada, novos dispositivos tecnológicos e a internet, que permitiram que o veículo se reinventasse. É sobre essa rádiomorfose (PRATA, 2008) que o capítulo irá se debruçar.

3.1 O RÁDIO E AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS

Com a chegada da televisão e de outras tecnologias da informação, muito se afirmou que o rádio perderia o seu espaço. O que na verdade ocorre, é que “os profissionais deste meio têm percebido que essas tecnologias são, na verdade, parte de um (novo) processo de revisão e de reestruturação do rádio. Agora, novas ferramentas permitem a apuração – e atribuem a ela novas dinâmicas, mais ágeis” (LOPEZ, 2010, p. 144), o que caracteriza esse meio comunicativo como um rádio em mutação (BIANCO, 2004). Um dos períodos determinantes para o rádio foi que, ao final da fase de ouro nos anos 40, o meio sonoro aproveitou as oportunidades dos aparelhos eletrônicos para se reestruturar. Dentre as inovações que ajudaram no renascimento do rádio e no próprio aperfeiçoamento das transmissões estão o gravador magnético, o transistor e a frequência modulada. Além de baratear os gastos, o gravador magnético trouxe ao rádio a rapidez, característica fundamental do meio, e ainda aprimorou a qualidade das gravações externas. Ao mesmo tempo, possibilitou aos operadores de áudio a viabilidade de editar as entrevistas, depoimentos e reconstruir os trechos gravados.

Uma das primeiras e mais importante inovação ocorrida no rádio foi o transistor em 1947. Com a função de facilitar e aprimorar as transmissões, o aparelho foi logo popularizado. Com ele, “o aparelho receptor não precisa mais estar ligado às tomadas de eletricidade, seu tamanho fica cada vez mais reduzido e seu preço mais baixo. E o ato de ouvir torna-se individualizado. Ao mesmo tempo, o rádio ganha em mobilidade, tanto de emissão como de recepção” (ORTRIWANO, 2002-2003, p. 76). Somado a isso, o transistor foi acoplado aos próprios automóveis. Essa modernização modificou a cobertura jornalística, juntamente com a facilidade de manuseio dos gravadores magnéticos, que se tornaram menores e não necessitavam mais o uso de fios e tomadas.

No Brasil, a Frequência Modulada (FM) começou a ser experimentada em meados da década de 70 e permitiu ao rádio realizar a cobertura local. Apesar do alcance menor, a frequência modulada possui uma melhor qualidade do que a da Amplitude Modulada (AM), além de diminuir os gastos com a transmissão. Ao mesmo tempo, “torna-se possível o emprego de unidades móveis de transmissão, valorizando sobremaneira a agilidade do rádio e suas características, como imediatismo, simultaneidade e mobilidade” (ORTRIWANO, 2002-2003, p. 76). Em 2016, a rádio Progresso, de Juazeiro do Norte (CE), foi a primeira rádio no Brasil a migrar do AM para FM. Em janeiro de 2018, o governo brasileiro estabeleceu um prazo de 180 dias para que as emissoras que ainda operavam em AM fizessem o pedido de migração para o FM. De acordo com os dados do então ministro da Ciência, Tecnologia e Comunicações, Gilberto Kassab, ao todo, das 1.781 rádios AM no Brasil, 1,5 mil fizeram a solicitação da mudança. Em um primeiro momento, apenas 960 emissoras puderam operar na faixa de FM, entre 88 megahertz (MHz) a 108 MHz. As demais emissoras devem aguardar o final do processo de digitalização da televisão, para que seja liberado mais espaço para modificações. O custo da migração é de R\$ 8,4 mil à R\$ 4,4 milhões. Além disso, as emissoras deverão adquirir novos equipamentos para que possam transmitir o sinal FM com melhor qualidade.

Ocorrida no rádio no início dos anos 90, a mudança analógica para o digital trouxe novas e importantes alternativas para o radiojornalismo, como o uso do celular. A partir dessa ferramenta, os jornalistas não só passaram a transmitir as notícias do local do acontecimento, como também puderam realizar entrevistas e participações ao vivo de qualquer local, de uma maneira muito mais ágil. “Essa tecnologia contribuiu para alterar o conceito de velocidade e instantaneidade na divulgação da informação” (BIANCO, 2004, p. 4). Segundo a autora, com o celular, as primeiras informações chegavam até o público por meio do rádio, e não mais do jornal ou da televisão, fato que ampliou o uso dos gêneros notícia, reportagem e entrevista e

reforçou, ainda mais, a cultura do ao vivo. Com o passar do tempo, o próprio celular evoluiu e trouxe, cada vez mais, novas possibilidades. O celular permite ao jornalista produzir um conteúdo noticioso multimídia, com a utilização de fotografias e vídeos, mas que ainda tem no áudio o seu foco. Junto a isso, “o processo de digitalização dos equipamentos de áudio também afetou a produção do radiojornalismo. O principal avanço foi a invenção do aparelho mini-disc (MD) o que mudou a performance do armazenamento e edição do registro sonoro” (BIANCO, 2004, p. 5). Com o MD, os editores podiam fazer edições nos áudios, como a exclusão de determinado trecho, ou ainda alterar diversas partes de uma gravação em um mesmo conteúdo. O próximo passo que contribuiu para a evolução do radiojornalismo foram os “*softwares* de operação de áudio para programação ao vivo, que permitiram a automatização na reprodução de músicas, comerciais, chamadas e locução gravada” (BIANCO, 2004, p. 5). O uso de *softwares* de edição de som para os computadores configurou-se, conforme traz a autora, como um importante passo, pois a informatização da redação possibilitou, ao processo da notícia, novos modos de produção.

A mutação ocorrida no rádio nos anos 90 também foi intensificada com a chegada da internet, pois esse nova ferramenta modifica, de forma significativa, a maneira como trocamos informações. Para tanto, Silva (2001 apud Prata, 2008) denominou a última década do século XX como a geração virtual, em que há um processo de transformação devido à comunicação mediada por computador ou internet, pois, na “era da globalização a tecnologia destrói barreiras de tempo e distância, e torna-se possível a troca de informações entre pessoas por meio de redes de computadores, informações essas que variam desde textos verbais até vídeos” (SILVA, 2001, p. 207 apud PRATA, 2008, p. 50). Foi essa inovação que permitiu a criação de *sites* pelas emissoras de rádio e a partir do qual o meio radiofônico teve, ao seu dispor, um número infinito de ferramentas e possibilidades de reinvenção. A internet tem o poder de interferir na produção radiofônica através de diversos modos. Segundo Palácios (1999 apud ALMEIDA e MAGNONI, 2009), existem algumas características que são encontradas na *web* e podem ser adaptadas ao rádio, como: multimídia ou convergência, em que todos os meios de comunicação juntam-se em apenas um, com a possibilidade de unir imagem, áudio, vídeo e texto em um mesmo conteúdo; hipertextualidade, que através da ligação entre os *hiperlinks*, os usuários podem transitar de um *site* a outro e aprofundar o conteúdo; personalização, que permite ao usuário customizar os seus próprios conteúdos através de ferramentas de filtros; e interatividade que, por meio da internet, foi potencializada e permitiu um aumento de ferramentas direcionadas ao jornalismo, pois o próprio público passou a inserir-se e fazer parte do processo informativo.

A internet possibilita ao rádio duas formas de desenvolvimento, de acordo com os Almeida e Magnoni (2009): a primeira é uma complementaridade e a segunda é constituída por um ato de concorrência. A ação complementar diz respeito ao protagonismo que a internet assume no processo evolutivo do rádio, pois com o uso da multimídia como uma forma de aumentar o seu conteúdo, o meio sonoro ampliou e diversificou a sua audiência. Já na segunda possibilidade, segundo os pesquisadores, a internet e o rádio competem um com o outro. Porém, o fato de ainda não existir no Brasil a digitalização da radiodifusão, a inserção do rádio em um ambiente inteiramente digital atrasa o seu processo evolutivo, o que acaba por permitir a expansão de rádios na internet. “As rádios virtuais não dependem de autorização ou concessão oficial, precisam de poucos recursos de custeio e se beneficiam da cultura criativa e colaborativa dos internautas” (ALMEIDA; MAGNONI, 2009, p. 3-4).

O único problema das rádios virtuais, apontado pelos autores, é a perda da principal característica do meio sonoro: a transmissão em tempo real. Isso ocorre devido às ferramentas que, com a ajuda da internet, as emissoras dispõem aos ouvintes, como o acesso ao conteúdo já transmitido ao vivo em qualquer momento do dia, ou seja, o armazenamento dos dados. Além disso, existe outra possibilidade que se relaciona ainda mais com a essência do rádio: a interatividade. “O rádio sempre foi o meio mais interativo por possibilitar o acesso dos ouvintes à emissora, por telefone ou carta. Com a internet, essa interatividade aumenta consideravelmente” (ALMEIDA; MAGNONI, 2009, p. 4).

Com o avanço das tecnologias, o rádio atual é classificado a partir de três modelos:

1. O modelo generalista: tradicional, com programação de informação, opinião e entretenimento;
2. O modelo temático: compreende as emissoras com programação monotemática: informação, música, economia, esporte, educação, etc.;
3. O modelo convergente: onde se integram os serviços sonoros, visuais e escritos, que é o modelo de rádio multimídia ou integrado à internet (PRATA, 2008, p. 52).

A autora observa que o último modelo, classificado como convergente, ainda não existe em sua totalidade, pois ainda está sendo construído. Para Prata (2008), existe o “modo hertziano com presença na internet” (p. 60), que surgiu com a chegada da *web*. A autora analisou que as emissoras criaram páginas na internet para dialogar com os ouvintes e disponibilizar várias informações, como o perfil dos locutores e anúncios publicitários. Com o passar do tempo, as emissoras de rádio começaram a transmitir os programas ao vivo na internet, o que possibilitou aos ouvintes o acesso tanto pelo rádio, quanto pelo computador. Diante dessa evolução de tecnologias, a autora considera que o futuro que vem sendo

desenhado é a convergência das mídias, com a internet congregando, simultaneamente, rádio, jornal, livro, televisão e telefonia.

Atualmente, sem ainda existir um modelo convergente totalmente definido e configurado, o rádio passou a concorrer com a internet em termos de instantaneidade e isso possibilitou ao meio sonoro outras alternativas para se destacar do meio *online*, como o aprofundamento de seu conteúdo por meio de opiniões, programas de debates e reportagens especiais, “formatos que antes eram subestimados em nome da rapidez do veículo e do tempo curto e da atenção superficial do ouvinte de rádio” (ALMEIDA; MAGNONI, 2009, p. 8).

O próprio radiojornalismo hipermidiático, “que fala em diversas linguagens, em distintos suportes e, ainda assim, mantém no áudio seu foco” (LOPEZ, 2010, p. 119) permite uma alteração na estrutura da informação. Com a criação dos *sites* de emissoras, proporcionada pela internet, o jornalista tem ao seu dispor novas ferramentas para o texto, como a infografia multimídia, hipertextualidade, que servem para complementar o áudio. Essas alternativas hipermidiáticas configuram-se como um:

[...] rádio expandido, em que novos elementos embaralham a caracterização estabelecida exclusivamente a partir da sonoridade. Testos de apoio, *hiperlinks*, espaços para comentários, *webcams* em estúdios, fotos ilustrando chamadas de áudios em páginas na web são apenas alguns destes elementos, que vão engendrar diferentes parâmetros de análise, complexificando o entendimento das interações comunicacionais que se dão em torno da radiofonia (KISCHINHEVSKY; MODESTO, 2014, p. 13).

Os autores argumentam que o rádio não está mais apenas nas ondas hertzianas, como também nos celulares, na TV por assinatura e na internet. Nessa última plataforma, a aproximação dos ouvintes com os profissionais adquire novas características que, antigamente, não eram usuais, como o rádio em imagens. Por meio do vídeo disponibilizado nas redes sociais, é possível explorar outros conteúdos e linguagens audiovisuais. Em sua pesquisa, Lopez (2012) realizou uma classificação dos vídeos produzidos por emissoras. Uma dessas classificações, e que pode ser visualizado no objeto aqui estudado, são as produções institucionais, ou seja, “[...] vídeos que apresentam os programas e a emissora ao público, ‘trazendo’ o ouvinte para perto da rádio sem, no entanto, inserir-se em conteúdos jornalísticos. Podem ser [...] as hoje tão disseminadas câmeras no estúdio” (LOPEZ, 2012, p. 87). A autora ainda aborda outros vídeos, de cunho jornalístico, em que são apresentados conteúdos informativos, semelhantes a uma reportagem televisiva.

O que se deve ter como entendimento é que essas ferramentas e suportes na qual o rádio está inserido apenas possibilitam outras formas de apropriação e uso pelo meio sonoro,

o que configura uma “radiomorfose” (PRATA, 2008, p. 75). O termo cunhado pela autora foi criado a partir da palavra *mediamorfose*, trazida por Fidler (1997 apud PRATA, 2008) como o processo de adaptação dos antigos meios às inovações da tecnologia. “Assim, poderíamos afirmar que o rádio dos anos 50, através do processo de radiomorfose, superou o impacto tecnológico do advento da TV e buscou uma nova linguagem. O veículo não morreu, apenas se transformou” (PRATA, 2008, p. 76).

A autora afirma que o rádio continua inserido no processo de radiomorfose, pois o meio continua se reconfigurando. Isso pode ser visualizado com a chegada das tecnologias digitais e da internet que, por meio da readaptação e convívio com essas ferramentas, o rádio busca uma linguagem adaptada aos suportes atuais. Porém, a estrutura do rádio, cuja essência é o som, e a “sincronia de transmissão com a vida do ouvinte” (PRATA, 2008, p. 71) são determinantes ao meio radiofônico, pois, se não proceder assim, não pode ser considerado rádio.

3.2 ROTINAS PRODUTIVAS DO RADIOJORNALISMO ESPORTIVO

O esporte, seja ele futebol, vôlei, handebol, ou qualquer outro, cativou os brasileiros na medida em que foi desenvolvido e espalhado ao redor do mundo. Apesar de ser confundido, muitas vezes, com entretenimento, o esporte não se constitui como um assunto menos importante do que os demais, afinal, jornalismo é jornalismo, como mencionou Barbeiro e Rangel (2015), pois a estrutura e as regras da prática profissional não se alteram e estão, todas, unidas em prol do interesse público.

Diante disso, o processo de modernização que atingiu os profissionais de radiojornalismo também encontrou espaço no jornalismo esportivo. Com os avanços tecnológicos, os repórteres adquiriram novos equipamentos de trabalho para que pudessem se informar sobre os últimos acontecimentos no mundo do esporte. Essa finalidade tem em vista preparar os profissionais para as coberturas esportivas, a fim de que eles mantenham-se sempre informados. Visualiza-se, dessa forma, “o perfil atual de um profissional que fala no mínimo um idioma estrangeiro fluentemente e domina com facilidade importantes ferramentas de trabalho, como *e-mail*, processadores de texto, laptop, câmera digitais, etc.” (BARBEIRO; RANGEL, 2015, p. 20). Esta nova fase, na qual todos os jornalistas estão inseridos, traz uma nova realidade para os profissionais e para as empresas, pois também é exigido do jornalista esportivo o desenvolvimento de múltiplas funções. “Dentro do período que foi contratado, o jornalista tem de apurar, escrever, falar, apresentar, enfim, participar de

todas as etapas da produção” (BARBEIRO; RANGEL, 2015, p. 34). Somado a isso, os profissionais devem não apenas especializar-se em determinado esporte, como também obter conhecimentos em outras modalidades, como os esportes olímpicos.

Apesar da tecnologia ser uma ferramenta importante na rotina dos profissionais, Barbeiro e Rangel (2015) pedem cautela em relação ao manuseio dos dispositivos digitais, pois eles não podem prejudicar a divulgação dos conteúdos informativos. Essa mesma precaução deve ser tomada com a internet, pois ela não pode colocar em xeque a veracidade dos veículos de comunicação, o que pode ocorrer por meio do compartilhamento de notícias duvidosas inseridas no meio *online*. Essa questão também é debatida por Coelho (2011) que observava o quanto os jornalistas esportivos não se preparavam o suficiente para entrevistarem técnicos e jogadores de futebol. Para o autor, a atividade do jornalista esportivo é justamente utilizar os estudos adquiridos no esporte e produzir conteúdos relevantes para a população. Esses conhecimentos serão valiosos para que sejam produzidas boas reportagens.

Os horários que ditam a rotina dos profissionais esportivos são baseados na agenda dos campeonatos. Isso acaba por tornar as pautas mais burocráticas e presas à programação. “Os jogos são na quarta-feira, quinta-feira, sábado e domingo, o time treina na segunda, terça e sexta-feira [...]. Assim, as notícias resumem-se ao jogo que acontece amanhã, ou que aconteceu ontem” (BARBEIRO; RANGEL, 2015, p. 26). Essa prática é visível quando os jornalistas esportivos são encarregados de acompanhar a rotina de determinados times de futebol. Esses profissionais despendem boa parte de suas manhãs e tardes no Centro de Treinamento (CT) de certo clube de futebol, carregados de equipamentos tecnológicos para registrar os treinos dos jogadores (COELHO, 2011).

Já nos dias de jogos, a rotina exige mais agilidade. Na sala de imprensa do estádio, os jornalistas anotam os lances acontecidos no primeiro tempo. No segundo tempo, os jornalistas começam a escrever, no computador, a reportagem do jogo, atividade essa que não permite pausas. São eventos como esses que compõem a programação esportiva ao longo da semana. Como a maior parte os conteúdos se baseiam nas entrevistas e coletivas de imprensa com jogadores de futebol e demais profissionais dessa modalidade, os autores visualizam a homogeneização do noticiário esportivo, que se limita a reproduzir as declarações. Aliás, é sobre a responsabilidade do repórter esportivo frente às fontes de informação que os autores também teorizam. “O jornalista esportivo, quando está diante de um entrevistado, deve saber que é o representante do público diante deste tema. Uma pergunta bem colocada instiga o público como se fosse ele, público, o entrevistador” (BARBEIRO; RANGEL, 2015, p. 36).

Para tanto, os jornalistas tem de imaginar o que os torcedores desejariam perguntar aos jogadores e técnicos.

As coberturas realizadas pelo jornalismo esportivo mesclam emoção e realidade e é essa realidade que faz a cobertura esportiva ser “tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo” (COELHO, 2011, p. 22). O autor observa que é viável escrever uma reportagem de economia sobre futebol. Pode-se, por exemplo, fazer uma matéria sobre as altas cifras pagas aos jogadores. Além do mais, analisar taticamente as partidas e produzir um conteúdo sobre isso captura o torcedor e o faz gostar deste tipo de reportagem tanto quanto a descrição minuciosa dos jogos de futebol e os relatos emocionantes dos esportistas.

Conteúdos como esses já puderam ser vistos em programas de rádio. O pesquisador detalha um formato que se destacou. O programa era transmitido nas manhãs de domingo e era o responsável por dar início às jornadas esportivas. A proposta era a prestação de serviço aos torcedores. Ao longo de quatorze anos, o apresentador do programa preenchia o horário de transmissão com os mais variados relatos sobre o futebol, como antigas escalações e finais de campeonatos memoráveis. Junto a isso, o jornalista também levava entrevistados aos programas, que eram considerados as atrações do dia. Porém, a grande dificuldade em manter programas de sucesso no ar reside na baixa receita paga pelos patrocinadores. Como consequência disso, os jornalistas recorrem a outras emissoras, e o programa, que muitas vezes atinge o êxito devido à personalidade do profissional de rádio, não é levado adiante (COELHO, 2011).

Logo com o início da internet, os diferentes veículos existentes observaram a chance que tinham de se desenvolverem a partir dessa diferenciada plataforma. Junto a isso, vários jornalistas esportivos migraram para o ambiente digital (COELHO, 2011). Em um exemplo demonstrado pelo autor, na qual um jornal impresso criou o seu próprio *website*, é mostrado o quanto essa alternativa era viável economicamente:

O *site* gastava pouco dinheiro. As matérias chegavam da rua. Toda reportagem escrita para o jornal ia diretamente para o *site*. Com o tempo, a estrutura do portal melhorou. Em janeiro de 2002 três pessoas se revezavam na coleta de informações. Recebiam-nas da rua, conversando por telefone com os repórteres do diário. Escreviam dois, três parágrafos. E pronto [...] (COELHO, 2011, p. 61).

O jornalismo esportivo é caracterizado por possuir uma linguagem própria, por meio da utilização de termos técnicos que cada modalidade desportiva dispõe. Apesar dessa característica, os autores observam que nunca existiu uma escola propriamente dita sobre a linguagem esportiva. Logo a partir das primeiras transmissões, já despontou um modo

emotivo de narração. “Os locutores chegavam a gritar para demonstrar a explosão do gol. Muitas vezes não se preocupavam com quem estava em volta e se o estádio estava lotado: eles falavam mais alto para não ter seu som abafado pelos urros da torcida enlouquecida” (BARBEIRO; RANGEL, 2015, p. 54).

Já nos dias de hoje, cada veículo determina e possui a sua própria linguagem esportiva. E mais do que isso: cada narrador tem a sua própria forma de narrar, muitas vezes baseada na referência de outro narrador. Porém, todos têm em comum a tarefa de passar o máximo de realidade e vivacidade da emoção para o público. De acordo com os autores, essa função é mais trabalhosa para os narradores de rádio, pois eles precisam descrever os jogos da maneira mais detalhista o possível, para que o ouvinte consiga construir a imagem da partida.

As transmissões do esporte são responsáveis por atrair grande parte da população, independentemente da mídia que for escolhida. Barbeiro e Rangel (2015) observam a vontade que existe nos torcedores em saber os detalhes dos jogos através dos meios de comunicação, bem no momento em que ocorrem. No rádio, os autores notam que o narrador-locutor noticia, em vários momentos ao longo do jogo, o minuto e o placar da partida, além dos jogadores que balançaram as redes e outros acontecimentos do jogo. Junto a isso, devido às novas tecnologias, é preciso que os profissionais estejam sempre alerta durante as partidas, pois os ouvintes exigem cada vez mais novas informações. “Mas a velocidade da tecnologia não pode interferir na qualidade do jornalismo. Na internet, o jornalista teve de adaptar-se a essa nova mídia, que reúne texto, áudio, vídeo e interatividade em variadas formas de difusão” (BARBEIRO; RANGEL, 2015, p. 99). Junto a isso, é preciso que os próprios jornalistas produzam os diferentes conteúdos para as distintas mídias, como fotografar, gravar vídeos e editar. Tudo isso deve ocorrer em um curto espaço de tempo para que, após publicação da matéria no *site*, ela já possa circular nas redes sociais.

Na cobertura diária esportiva, cada emissora possui o seu próprio setorista, repórter esportivo que acompanha um clube ou um esporte específico, que deve possuir especialização no esporte a ser coberto. Nas transmissões futebolísticas, esse mesmo repórter assume a função de repórter de campo, “constituindo-se no interagente da equipe, mais próximo dos lances de uma partida” (FERRARETTO, 2000, p. 321). O papel do setorista é essencial para as emissoras, pois:

“O jornalista tem, nesse campo, uma atuação ampla. Pode mostrar os preparativos para as grandes partidas, descrever o que se passa nas concentrações, os treinos (individuais ou coletivos), os atletas que deverão passar (passaram ou foram barrados) pelos exames médicos e as possíveis substituições ou modificações nos quadros. Há ainda a abordagem das contratações ou vendas, declarações dos

técnicos, eleições das diretorias e a missão dos olheiros ou emissários, que pretendem comprar passes de jogadores de outros clubes” (ERBOLATO, 1982, p. 16 apud FERRARETTO, 2000, p. 321).

Além disso, Amaral (1982, apud FERRARETTO, 2000) indica ser fundamental a comunicação realizada entre o setorista e as fontes de informação, pois, por meio de uma conversa, podem surgir notícias, reportagens e alguma novidade no clube. Já as coberturas realizadas em outros esportes eram feitas essencialmente por meio das agências de notícias. Com o tempo, modalidades como vôlei, basquete e futsal começaram a despertar a atenção no público e as emissoras passaram a transmitir competições desses esportes. Para isso, passou-se a exigir cada vez mais dos repórteres esportivos o domínio das regras e normas de cada modalidade (FERRARETTO, 2000).

Com a finalidade de enriquecer este trabalho, optou-se por analisar quatro dissertações, sendo uma sobre rotinas produtivas no radiojornalismo e três sobre radiojornalismo esportivo. Esses trabalhos vêm a colaborar com a discussão apresentada neste subcapítulo, pois traz discussões mais contemporâneas sobre rádio e jornalismo esportivo.

Como introdução às pesquisas escolhidas, destaca-se a dissertação “A construção da notícia no rádio e as novas rotinas produtivas: um estudo da Rádio Jornal de Pernambuco”, de Karoline Maria Fernandes da Costa e Silva, defendida ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco em 2014. Por meio da revisão histórica do rádio no Brasil, a pesquisadora inicia o seu trabalho com a descrição da primeira transmissão sonora no país em 1922. A Era de Ouro do rádio, na década de 40, também mereceu destaque, principalmente com a observação de quais gêneros conquistaram a audiência na época. Já nos anos 1950, com a chegada da TV, até os anos 60, o rádio mudou o foco do entretenimento para o radiojornalismo. Nesse meio tempo, as tecnologias também evoluíram e permitiram ao rádio explorar novos territórios. Por causa dos ouvintes, as rádios alteraram as programações e se especializaram na apresentação de música, jornalismo, prestação de serviços e esportes. Nesta época, houve a regulamentação do rádio brasileiro com a instituição do Código Brasileiro de Telecomunicações. Nessa linha de evolução histórica, a pesquisadora também apresenta o desenvolvimento do modelo informativo nas emissoras ao longo dos anos e a linguagem radiofônica que compõem o meio sonoro.

Com o objetivo de aprofundar o processo de construção da notícia no rádio, a pesquisadora discorre sobre as teorias e hipóteses contemporâneas do jornalismo. A hipótese do *newsmaking* é a primeira a ser mencionada, seguida pelo estudo do *gatekeeper*, valores-notícia e critérios de noticiabilidade, todas já apresentadas nesta monografia. Junto a elas é

acrescentado o paradigma da *Teoria do Espelho*, na qual a pesquisadora descreve que o jornalista é responsável por fazer o relato da realidade através dos princípios de honestidade, equilíbrio e imparcialidade. Para justificar a escolha por mencionar essa última teoria, a pesquisadora argumenta que a Teoria do Espelho ainda encontra aceitação no campo jornalístico, em especial no âmbito da informação no rádio. Diante das teorias e hipóteses do jornalismo, é discorrido sobre o papel desenvolvido pelos jornalistas em uma sociedade democrática, sendo esse, entre outros, o de informar o seu público. Nessa construção das notícias, estão inseridas as relações sociais e políticas que fazem parte do processo noticioso.

No prosseguimento de sua dissertação, a pesquisadora demonstra o novo cenário presente no rádio devido às tecnologias e a chegada da internet, pois a própria rotina jornalística no rádio é alterada com convergência das tecnologias e se exige, cada vez mais, jornalistas multimídia. A internet também foi responsável por reconfigurar os gêneros tradicionais no rádio. Agora, os profissionais do meio sonoro utilizam fotografias, *links*, imagens em movimento para compor o áudio. No entanto, esse novo modelo de radiodifusão ainda está sendo construído e solidificado, principalmente pelo fato de que a estrutura das emissoras está cada vez mais reduzida. Diante dessa realidade, a pesquisadora observa que muitas rádios deixaram de enviar repórteres para noticiar os fatos do local do acontecimento, característica essa essencial do radiojornalismo. Além do mais, muitas emissoras não oferecem mais conteúdos de qualidade e passaram a se limitar a assuntos sensacionalistas ou institucionais. Junto a isso, a autora aborda a objetividade, pois conforme ela visualizou, muitos jornalistas de rádio passaram a apresentar apenas uma versão dos acontecimentos. São questões como essas, somada ao fato de que muitas vezes existe um interesse por trás dos conteúdos veiculados no rádio, que foram investigadas na dissertação.

Outra pesquisa que auxilia na construção do conhecimento a respeito de práticas de jornalismo esportivo é a dissertação de Jéssica Gonçalves Pereira “Uso das redes sociais no radiojornalismo esportivo da equipe Globo/CBN São Paulo”, defendida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina em 2016, na qual ela observa os *sites* de redes sociais da equipe esportiva das rádios Globo e CBN e detalha o modo como essas emissoras os utilizam. Inicialmente, a pesquisadora contextualiza o rádio atual e as mudanças que esse meio sonoro vivenciou e continua a vivenciar. Os jornalistas atuantes neste novo rádio observam as alterações provocadas pelas novas tecnologias nos modos de fazer radiojornalismo, principalmente com a chegada das redes sociais, *sites* em que muitas emissoras de rádio já estão inseridas. Junto a isso, há a presença do ouvinte, que também interfere no conteúdo na medida em que ele tem em mãos novas ferramentas para

interagir com o profissional de rádio. Essa interação, proporcionada pelas novas tecnológicas, é aprofundada pela pesquisadora.

O radiojornalismo esportivo, em específico, também é abordado como um campo que sofreu o impacto das novas tecnologias. Essas modificações se fazem presentes no conteúdo transmitido. Através de um breve histórico de evolução do rádio esportivo, a autora contextualiza essa área de atuação do jornalista, que tem início em 1931 com a primeira transmissão de uma partida de futebol no rádio. O futebol transformou o perfil das emissoras de rádio na medida em que popularizou os conteúdos. O próprio formato das matérias noticiosas modificou-se a fim de adequar-se à população em geral. Com isso, houve um aumento na audiência e o esporte passou a ocupar mais espaço na programação. Além disso, o formato esportivo foi o responsável por desenvolver a tecnologia nas emissoras, pois os profissionais do meio necessitavam de equipamentos para realizarem a cobertura esportiva. Com a chegada da TV e da internet, o meio radiofônico foi desafiado a repensar os modos de produção, os conteúdos veiculados e a forma de atender o ouvinte-internauta, pois houve uma diversificação da audiência com o aumento do alcance das transmissões radiofônicas com a internet. Para isso, a autora observa que o radiojornalismo esportivo começou a veicular serviços de jogos. Além disso, os radiojornalistas esportivos incentivaram os ouvintes a escutar as narrações das partidas no rádio ao mesmo tempo em que as assistiam pela televisão.

As rotinas de produção das equipes esportivas no rádio, conforme a pesquisadora, são organizadas de acordo com o calendário dos jogos. Importante salientar que o futebol é o esporte que ocupa a maior parte da grade programação destinada ao esporte. Além disso, todos os âmbitos que envolvem a produção radiojornalística esportiva, como reportagens, transmissões, são pautados pela agenda esportiva. A pesquisadora observa que esses conteúdos foram, aos poucos, ocupando espaço na grade de programação das emissoras. O fato do rádio esportivo permitir o uso de uma linguagem própria, que mobiliza a audiência, colaborou para a popularização dessa segmentação no rádio, afinal a própria narração esportiva é entremeada por uma linguagem que exalta a emoção, metáforas, além do som ambiente da torcida, que ajuda a criar as cenas do jogo na imaginação do ouvinte. Essas rotinas produtivas do rádio esportivo são compostas por profissionais que ocupam as funções de repórteres, apresentadores, narradores, comentaristas, plantonistas e comentaristas. Esses profissionais compõem o departamento de esportes da emissora e elaboram a programação esportiva no radiojornalismo.

O jornalismo esportivo nas redes sociais, tema de estudo da pesquisadora, exigiu uma adaptação dos profissionais. Os meios de comunicação viram nessa plataforma a possibilidade

de ampliação de seus conteúdos, pois é possível não apenas divulgar as informações, como também receber avaliações dos usuário. Logo no início do surgimento das redes sociais, os meios de comunicação utilizavam a internet como espaço para divulgar as suas marcas. Posteriormente é que os jornais visualizaram a capacidade das redes em reverberar os conteúdos noticiosos. O próprio modo de fazer contato com uma fonte foi facilitada pelo *Facebook*. Já o *Twitter* auxiliou os jornalistas a fazerem coberturas de acontecimentos. As duas redes servem também para potencializar a interação com o público. É por meio da observação do uso das redes sociais pelo radiojornalismo esportivo que a pesquisadora desenvolveu a sua dissertação.

O tema esportivo é responsável por mobilizar muitas pesquisas no rádio. Como exemplo, existe a dissertação de Carlos Gustavo Soeiro Guimarães, intitulada “O comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre: uma análise das novas práticas profissionais na fase de convergência”, defendida ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2018. Para o pesquisador, o jornalismo esportivo é um campo que intersecciona dois campos: o do jornalismo e o do esporte. É com base na explicação de cada um dos campos que a teorização de Guimarães inicia. O futebol no Brasil tornou-se um esporte massivo após um longo período dedicado a sua prática. Inicialmente, o pesquisador relata que a modalidade era um entretenimento destinado apenas à elite. Foi a partir de 1930 que o futebol se tornou o que é hoje: um esporte que conquistou a população. Através de um recorte da pesquisa no âmbito de Porto Alegre, o pesquisador contextualiza o início dos dois principais times da cidade e que formam a rivalidade do estado: Internacional e Grêmio.

Discutido tanto no ambiente acadêmico, como na própria sociedade, o autor traz para a discussão a dúvida se o futebol é entretenimento ou jornalismo. De acordo com Guimarães, diante da relevância nacional adquirida por essa modalidade, o futebol é tratado como um material jornalístico, já que a grande mídia destina grande parte do seu tempo de programação para cobrir esse esporte. Para tanto, criou-se uma editoria chamada de esportes, que inclusive utiliza uma linguagem própria, recheada de especialidades técnicas e jargões. Além disso, o pesquisador argumenta que a editoria de esporte é desenvolvida e recebe o mesmo grau de importância que as outras editorias que compõe os meios de comunicação. Nesse sentido, importante destacar que os conteúdos esportivos ganham, em boa parte das vezes, a posição de destaque na capa dos jornais impressos.

No que cerne ao futebol no rádio, o pesquisador chama a atenção para a importância da construção no imaginário do ouvinte por meio das narrações esportivas. Com a

popularização dessa editoria no meio sonoro, as empresas construíram as suas equipes esportivas para acompanhar os campeonatos. Com isso, a programação das emissoras abriu maior espaço ao esporte, especialmente ao futebol. É à luz da evolução histórica que o pesquisador detalha as primeiras transmissões radiofônicas de futebol e como eram as escassas estruturas destinadas à equipe esportiva nos estádios. Com a evolução das técnicas e da própria cobertura realizada pelas emissoras de rádio, o narrador conseguiu ocupar seu espaço nas cabines e possuir uma visão melhor do campo. Junto a isso, outras funções foram incorporadas às narrações radiofônicas, como o repórter, o jornalista responsável pelo plantão de jogo e o próprio comentarista. Sendo o radiojornalismo esportivo um segmento no rádio, Guimarães também destaca os outros gêneros que compõem o meio sonoro.

Tema de sua dissertação, o pesquisador discorreu sobre o comentarista esportivo contemporâneo e a alteração de suas práticas com o passar dos anos. Para tanto, o autor, juntamente com Ferraretto, realizou uma proposta de periodização do comentário esportivo no rádio de Porto Alegre baseada nos processos tecnológicos. Nas três fases detalhadas, Guimarães enfatiza o papel do comentarista esportivo de rádio e apresenta os primeiros comentaristas radiofônicos de Porto Alegre, juntamente com aqueles que fizeram maior sucesso nas ondas do rádio esportivo. Sem deixar de situar o rádio no ambiente convergente, o pesquisador finaliza o seu aporte teórico por meio da contextualização dessa nova fase vivida pelo meio sonoro e os novos desafios apresentados aos jornalistas diante desse contexto, que serão detalhados nesta monografia.

O presente subcapítulo é finalizado com a dissertação de Jamile Gamba Dalpiaz, intitulada “O futebol no rádio de Porto Alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade)”, defendida ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2002. Como início, a pesquisadora detalha os primeiros anos de surgimento do rádio no Brasil e o que imperava na programação na época. Antes de adentrar no cenário esportivo, é feita uma abordagem sobre a indústria cultural no Brasil e a sua associação com a modernidade. De acordo com a pesquisadora, é esse contexto histórico que contribuiu para influenciar a vinda do rádio ao Brasil, marcada de forma efetiva com a implantação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Por meio de uma linha histórica evolutiva, a pesquisadora destaca os momentos importantes que marcaram o desenvolvimento do meio sonoro no país. Com a popularização desse meio pela maioria dos estados brasileiros, Dalpiaz debruça-se sobre a história do rádio no Rio Grande do Sul. Com a fundamentação de autores, a pesquisadora detalha os três momentos diversos do meio sonoro no início do século XX.

Chega-se então ao futebol, prática esportiva que se tornou popular e se espalhou pelo mundo com o passar dos anos. Ao detalhar o primeiro contato do Brasil com o esporte, em 1894, a pesquisadora contextualiza as questões políticas e sociais que permeavam o futebol no país. Nessa mesma linha, são detalhadas as décadas de 30, 40 e 50 no rádio em Porto Alegre. A de 30 trouxe a narração do lance por lance, e não apenas a indicação do nome dos jogadores. Já na década de 40, as transmissões deram um salto em questões de distância quilométrica e passaram a ser feitas fora do estado e do país. Na década de 50, há uma maior solidificação das transmissões no rádio e a narração é feita de uma forma mais detalhista. É a partir dessa época que houve uma tendência em padronizar as narrações, embora os profissionais ainda carecessem de equipamentos e despediam muito tempo na produção. Somado a isso, as emissoras tentavam, ao máximo, economizar os custos. Os próprios profissionais desempenhavam mais de uma função ao mesmo tempo, como a de narrador, em simultâneo com a de comentarista e motorista. Nesse mesmo período, a pesquisadora observa que houve a solidificação do futebol na programação das emissoras de Porto Alegre. Com o avanço das tecnologias, as transmissões radiofônicas tornam-se mais estruturadas, principalmente com a chegada de novos profissionais, como comentaristas e repórteres, que ajudaram a estruturar, em torno do futebol no rádio, um mercado competitivo. A pesquisadora destaca que a transmissão da Copa do Mundo de Futebol de 1958 foi o momento em que marcou essa nova fase das coberturas futebolísticas. A partir disso, as emissoras gaúchas evoluíram e passaram a acompanhar diversos campeonatos.

Sob um olhar atual, a autora identifica os elementos que compõem as transmissões contemporâneas. A programação esportiva observada nas emissoras estudadas é composta pelas coberturas diárias e transmissões de eventos. Os profissionais que atuam no primeiro item são os repórteres esportivos, responsáveis por atualizar o mundo do esporte. Já nas transmissões, destacam-se a figura do narrador, repórteres, comentaristas e o plantão. Na composição do departamento esportivo das emissoras, acrescentam-se, ainda, coordenador de esporte, apresentador, produtor e radio escuta. É a partir do estudo das funções desempenhadas por esses profissionais, juntamente com a análise da programação e transmissões feitas pelas rádios gaúchas, que a pesquisadora apresenta em sua dissertação.

As pesquisas analisadas neste subcapítulo contribuiram para elucidar as práticas rotineiras desempenhadas pelos jornalistas esportivos no rádio no âmbito de suas profissões.

3.3 AS AFETAÇÕES NA CULTURA PROFISSIONAL DO JORNALISTA NO RÁDIO

A evolução tecnológica ocorrida nos campos da informação e comunicação complexificou os métodos de produção das notícias (LOPEZ, 2010) e trouxe alterações nas rotinas produtivas dos jornalistas. Esse ambiente tecnológico no qual os profissionais estão inseridos sofre ainda influências de decisões que envolvem o mundo político e econômico. De acordo com a autora, os meios de comunicação são pressionados para que sejam introduzidos, rapidamente, no contexto da convergência, pois as mídias têm de acompanhar a informatização de seu público. Há, no jornalismo atual, uma soma de modificações que interfere em todos os âmbitos do trabalho, bem como na própria identidade e legitimação do profissional. A decorrência disso pode ser explicada pelo próprio surgimento das tecnologias que, juntamente com a atuação participante do público e os modos de inserção no espaço midiático, ocasiona um período de incertezas nos jornalistas (ADGHIRNI, PEREIRA, 2011).

As consequências desse contexto são refletidas “nos conteúdos, formas e modos do rádio, isto é, na própria construção da narrativa jornalística, mudando a configuração do papel dos meios de comunicação na sociedade contemporânea” (LOPEZ, 2010, p. 36-37). De acordo com a autora, o aumento significativo da utilização das tecnologias em um ambiente propício à atividade dos meios de comunicação, configura um marco para o rádio atual, pois altera toda a produção realizada no meio sonoro. Assim, como a produção, transmissão e consumo dos conteúdos são atingidos pela tecnologia, é preciso que os jornalistas discutam o fazer e a linguagem radiojornalística. “É tempo de repensar o radiojornalismo para além de sua concepção tradicional, considerando as especificidades de suporte que criam uma nova estrutura narrativa para o rádio” (LOPEZ, 2010, p. 37), pois com o avanço das ferramentas digitais, não apenas a profissão sofre mudanças e precisa ser reestruturada, como também o próprio relacionamento das emissoras com o público, fontes e concorrentes (BIANCO, 2004).

As mudanças no processo produtivo do rádio podem ser exemplificadas, em parte, à luz da evolução tecnológica. De acordo com Lopez (2010), até 1950, o profissional de rádio precisava apenas dominar as técnicas de locução e saber interagir com os ouvintes, ainda de maneira assíncrona. Com a implementação de departamentos jornalísticos nas emissoras, houve mudanças na sistematização das notícias. “Na coleta de informações, o jornalista precisava agora trabalhar com as tecnologias móveis de apuração: unidades móveis [...], telefones celulares e gravadores digitais permitiam que o repórter trouxesse para o ouvinte a informação diretamente do palco dos acontecimentos” (LOPEZ, 2010, p. 39-40).

Após duas décadas, a autora descreve que o jornalista começou a realizar a sua própria apuração e o ouvinte integrou a programação de forma mais intensa por meio da interação síncrona, duas mudanças significativas para a produção das notícias. Já nos anos 1990, o jornalista de rádio ficou responsável por editar o áudio de suas próprias reportagens. “Com isso, o profissional precisa agora, além de acumular as habilidades técnicas e inserir esta atividade em sua carga horária de trabalho diária, pensar as estratégias narrativas que irá adotar ao compor sua peça sonora” (LOPEZ, 2010, p. 40-41).

Ao mesmo tempo em que o jornalista amplia as suas atividades, o modo de exercê-las é facilitado pela informática, que torna o processo mais ágil e qualificado na própria escrita e correção dos textos (BIANCO, 2004). Com a presença de emissoras de rádio na *web*, a autora observa que essa prática tem se fortalecido, principalmente diante do fato de que os jornalistas de rádio precisam produzir, além do áudio, informações em texto. Com isso, é necessária a presença de um jornalista que produza conteúdos multimídia para o rádio e que considere não apenas as especificidades do meio, como também o próprio contexto em que o rádio está imerso. Assim, o jornalista de rádio vivencia uma mudança em suas rotinas produtivas, pois:

[...] esse jornalista passa, na década de 2000, a coordenar ações multiplataforma durante a apresentação de um programa, integrando aquela sua função inicial, da década de 1920, com uma das principais ferramentas do rádio: e surge o comunicador que, enquanto apresenta o programa, pesquisa informações na internet, conversa com sua equipe por telefone e interage com o público via ferramentas digitais. (LOPEZ, 2010, 40-41).

Para tanto os jornalistas de rádio e a própria emissora devem repensar esse veículo com o devido cuidado de não descaracterizar o rádio. De acordo com Lopez (2010), o rádio no futuro vai unir as produções de áudio, vídeo, texto e caberá aos jornalistas dominarem essas ferramentas e funções em um ambiente de convergência. É nesse novo ambiente, também digital, que o rádio e o fazer jornalístico têm de ser analisado. Diante disso, o repórter tornou a sua presença no rádio mais do que essencial, pois com a mobilidade adquirida pelo avanço das tecnologias, ele conseguiu se deslocar para o palco do acontecimento e ampliar as coberturas radiofônicas.

No processo de apuração, os jornalistas também obtiveram vantagens, não só com os meios tecnológicos, mas com a era digital. A procura não só por informações, como também por fontes na *web*, através das redes sociais ou *sites* de currículos, trouxe certa comodidade ao jornalista e inclusive coloca em xeque, pela pesquisadora Veiga (2006 apud Lopez, 2010), a presença do profissional de rádio no local da ocorrência dos fatos, pois é menos dispendioso

telefonar para as fontes e saber o que ocorreu, do que ir até o local e colher informações e depoimentos.

Além disso, a internet também trouxe outro auxílio à apuração: banco de dados. Por meio dele, os jornalistas podem, em pouco tempo, realizar uma pesquisa sobre um fato e encontrar diversas informações sobre ele armazenadas na *web* (LOPEZ, 2010). Com essas ferramentas, a velocidade foi intensificada e alterou as rotinas produtivas. Exige-se que os profissionais trabalhem mais e executem diversas funções simultaneamente em um menor tempo. “Ser multimídia e multiplataforma passa a ser quase uma exigência para o profissional de comunicação. No rádio, é preciso começar a pensar a informação visual, começar a ler os acontecimentos sob uma perspectiva – técnica e tecnologicamente – mais ampla” (LOPEZ, 2010, p. 116).

A facilitação proporcionada pela internet, na qual uma parte dos conteúdos transmitidos no ar são retirados da *web*, também traz pontos negativos: a padronização dos conteúdos, já que é comum os repórteres consultar as mesmas fontes e buscar as mesmas informações (BIANCO, 2004). Com isso, há uma tendência de homogeneização nas notícias transmitidas, já que é comum a busca por notícias em *sites* da mídia tradicional. A internet vai além de uma simples ferramenta à disposição dos profissionais do rádio, pois eles também são afetados por ela. “Esse conhecimento transcende ao nível operacional de entrar e extrair da rede. Envolve a forma de construção do conhecimento a partir dessa experiência diária. Nesse aprendizado acaba por constituir novas formas de percepção do mundo e do processo comunicativo” (BIANCO, 2004, p. 8), pois a própria internet é considerada como um dos meios utilizados para o entendimento da realidade.

A união das ferramentas, suportes e diferentes formas de narrativas complexifica o processo informativo e demanda das emissoras uma criação de suas imagens neste ambiente. Bianco (2004) complementa que é preciso que as emissoras interajam com os ouvintes e se atualizem em relação às novas demandas do público digital, sem esquecer que a preocupação central continua a ser a notícia. No radiojornalismo hipermediático, destaca-se a própria interatividade com os ouvintes que, com a *web*, podem enviar até mesmo mensagens de voz para que seja posto ao vivo no programa. O ouvinte atua, então, como repórter, num processo de coparticipação na produção dos conteúdos. Isso é ainda mais potencializado com o uso dos celulares.

A pesquisadora observa que, antigamente, o público exercia mais a função de fonte, pois relatava e denunciava os acontecimentos. Já com a chegada dos celulares, o ouvinte funciona como repórter ao enviar fotos e vídeos do local do acontecimento. É esse ouvinte-

internauta (LOPEZ, 2010), que interage e dinamiza os processos comunicacionais por meio da procura por informações e personalização de seus conteúdos.

Segundo a autora, esse novo ouvinte escuta o rádio ao mesmo tempo em que navega na internet, além de acompanhar os conteúdos e produções disponibilizados pela emissora. “Esta mudança no perfil do consumidor de rádio leva o comunicador a pensar uma nova dinâmica de produção, uma outra estratégia narrativa, a ampliação dos canais de comunicação e das possibilidades de construção da informação” (LOPEZ, 2010, p. 141). Uma das principais características deste ouvinte-internauta é a mobilidade. Com o celular, os novos conteúdos produzidos pelos jornalistas de rádio, como fotografias, textos e vídeos, são de fácil acesso pelo aparelho telefônico e possibilitam aos ouvintes fazer uso da interatividade, como enviar conteúdos multimídias às emissoras.

Diante desse ambiente de convergência, exigem-se várias funções do jornalista de rádio:

É preciso ser multiplataforma; ser multitarefa; conhecer as características de um ouvinte diferente, mais ativo, mais exigente, mais dinâmico e mais interativo; é necessário ter múltiplas habilidades; estar atualizado e se familiarizar a cada dia com novos sistemas, ferramentas e dispositivos (LOPEZ, 2010, p. 139).

Para a autora, essa demanda por produzir conteúdos multimídia é a mais notável modificação encontrada nas rotinas produtivas dos profissionais do rádio, pois a própria transmissão radiofônica atinge alcances cada vez maiores, visto que as emissoras possuem páginas na internet, na qual disponibilizam o programa ao vivo.

Porém, apesar de muitos repórteres acharem que a informação basta para produzir um programa radiofônico, é preciso, antes de tudo, estabelecer um planejamento e pensar em vários elementos que compõem um programa radiofônico, pois, sem eles, é possível que o projeto não saia conforme o esperado.

3.4 A PRODUÇÃO DE UM PROGRAMA DE RÁDIO

O rádio é um meio de comunicação que atinge uma população expressiva no Brasil. Segundo o “Book de Rádio”, projeto realizado pelo Kantar Ibope Media⁴ referente ao consumo do meio radiofônico no primeiro semestre de 2018, 87% da população escutam rádio em 13

⁴ <https://www.kantaribopemedia.com/estudos-type/bookradio2018/>

regiões metropolitanas no Brasil. Outro fato interessante é que (71) das pessoas escutam rádio em casa e (85) ainda o fazem no aparelho de rádio comum. O consumo através do celular é de 18%.

Uma das características principais do meio sonoro, de transmitir as informações em primeira mão, está expressa em 35% dos ouvintes de rádio, segundo a pesquisa realizada no 2º semestre de 2017⁵ pelo Kantar Ibope Media, que declararam utilizar o meio quando precisam de uma atualização rápida de notícias. Mas a função do meio sonoro não deve ficar limitada apenas a isso. Segundo Prado (1989), o papel exercido pelo rádio, somado à rapidez dos acontecimentos, deve oferecer aos ouvintes a explicação e análise, que pode ser fornecido por especialistas. Assim, o rádio consegue se comunicar com qualquer público, sem qualquer formação especial. Inclusive, é com base nesse público que os profissionais do rádio propõem e desenvolvem novos programas nas emissoras, com o objetivo de atender a população.

O planejamento de um programa de rádio deve estabelecer alguns critérios identificados por Kaplún (2017). Segundo o autor, o primeiro passo é o desenvolvimento de um projeto, que consta a estrutura, nome, gênero, formato e demais características. Juntamente a isso, é preciso apontar o tempo de duração do programa, bem como o horário em que será transmitido e a periodicidade. Esses são apenas os passos iniciais para que o projeto possa começar a ser discutido. O autor ainda menciona uma série de definições que devem ser feitas, como a escolha do conteúdo do programa, o público-alvo e, o mais importante, determinar o objetivo.

A importância em estabelecer esses itens deve-se pelo fato de que, somente com a definição da audiência é possível pensar sobre os conteúdos que irão ao ar, a linguagem que será empregada e o próprio horário em que o programa será transmitido. Kaplún (2017) observa ainda a necessidade do programa ter a sua própria personalidade, para que esse possa tornar-se atrativo. Já o tempo de duração está ligado com a qualidade e o grau de interesse que o programa desperta nos ouvintes. “A questão não reside, pois, na quantidade de minutos, e sim em ganharmos o direito a cada minuto, justificando-se pelo interesse e qualidade do que se coloca dentro dele” (KAPLÚN, 2017, p. 240). Quanto à frequência com que o programa é transmitido, o autor sinaliza quatro alternativas: diário, em dias alternados, duas vezes por semana e semanal.

Quando um programa vai ao ar, dificilmente ele é apresentado sem roteiro prévio, afinal, segundo o autor, é preciso dimensionar o conteúdo que será apresentado a fim de controlar o tempo do programa. O roteiro “é o esquema detalhado e preciso da transmissão, que compreende o texto falado, a música que será incluída e os efeitos sonoros a serem inseridos, e indica o momento preciso em que se deve escutar cada coisa” (KAPLÚN, 2017, p. 258).

⁵ <https://www.kantaribopemedia.com/book-de-radio-2o-semester-2017-2/>

Para a elaboração do roteiro, é preciso realizar uma documentação através de livros e artigos, bem como pesquisar sobre dados concretos que possam contextualizar os conteúdos. A etapa posterior apontada pelo pesquisador é a seleção do material que se quer transmitir. Isso ocorre com base nos conteúdos a ser passados aos ouvintes. Depois de selecionados, é importante que ele seja colocado para dentro do esquema inicial e que se estabeleçam previamente quantos minutos cada assunto será abordado.

A redação dos textos que compõem o roteiro, e que será lido pelo profissional de rádio, deve ser feita com base na linguagem coloquial, de acordo com Kaplún (2017). Além disso, a redação deve ser clara e concisa e adaptada ao público ao qual se destina (FERRARETTO, 2000). Segundo o autor, relacionado com o texto radiofônico está a linguagem do rádio, que compreende, além da voz humana, os efeitos sonoros e o próprio silêncio, que vão colaborar com a mensagem a ser passada pelo comunicador.

Nessa mesma linha, Prado (1989) também ressalta os outros elementos sonoros que compõe a voz humana, como música, ruído, silêncio e efeitos especiais. É com base na linguagem oral estabelecida pelo profissional de rádio, através do texto pronto para a leitura, que McLeish (2001) considera que o ouvinte tem que ter a sensação de que o comunicador fala com ele, e não lê para ele. Segundo o autor, de nada adianta um bom conteúdo se não houver uma boa apresentação por parte do locutor, que deve esforçar-se, constantemente, para que o ouvinte o entenda. Para que haja boa comunicação, deve-se combinar a velocidade da locução com a projeção e modulação da voz, de forma que o texto saia espontâneo. Somado a isso, existe o fato de que “nunca transmitimos uma só mensagem por vez, mas sempre um conjunto de mensagens paralelas. Mensagens paralelas que podem entrar em conflito com a principal e anulá-la em certa medida” (KAPLÚN, 2017, p. 255), visto que junto à voz do apresentador ainda existem sons que podem atrapalhar a enunciação, como a própria música.

Ao escrever o roteiro, os profissionais de rádio devem levar em consideração dois momentos decisivos, segundo o autor: os primeiros e os últimos minutos. Os minutos iniciais devido a sua força de capturar os ouvintes e fazer com que eles permaneçam acompanhando o programa até o fim. Já os minutos finais têm relação com a memória do ouvinte, pois é o último momento que será lembrado.

O programa, quando é transmitido no ar, é incorporado à programação da emissora. De acordo com a definição de Barbosa Filho (2003), programação é “o conjunto de programas ou produtos radiofônicos apresentado de forma sequencial e cronológica” (p. 72). A programação é a responsável por representar a personalidade própria de cada emissora e pode ser dividida em três formas: linear, que apresenta uma homogeneidade na programação, com programas

semelhantes; mosaico, em que se misturam variados programas; e em fluxo, em que há uma transmissão ininterrupta e toda a programação é vista como um só programa, mas com períodos bem determinados (FERRARETTO, 2000).

Inicialmente, as rádios possuíam uma programação que atendia a um gosto geral. A segmentação, que é a transmissão de conteúdos a um público bem definido, só foi desenvolvida na segunda metade dos anos 80. Segundo o autor, a segmentação pode ser visualizada somente em alguns programas da emissora ou em toda a grade de programação, como por exemplo, rádios destinadas a transmitir conteúdos sobre futebol 24 horas.

Os programas radiofônicos podem ser transmitidos dentro ou fora do estúdio, gravado ou ao vivo. Segundo Ferraretto (2000), eles são divididos em dois grandes grupos em relação aos objetivos: informativos, que congrega noticiário, mesa-redonda, documentário, programa de entrevista e de opinião; e de entretenimento, que conta com programas humorísticos, de auditório, musical e dramatização. O radorrevista ou programa de variedades pode ser enquadrado nas duas classificações. No grupo dos informativos, a categoria do noticiário é o programa constituído predominantemente por notícias, apresentadas no modelo de texto ou reportagem. Para Ferraretto (2000), o noticiário ainda subdivide-se em: síntese noticiosa, resumo dos principais acontecimentos desde a última vez em que foi ao ar; radiojornal, composto por boletins, comentários, editoriais, trânsito, mercado financeiro etc.; edição extra, entra ao ar quando um fato relevante acontece e não pode esperar para ser noticiado; toque informativo, espaço destinado à veiculação de uma ou duas notícias, sendo nas emissoras musicais a utilização mais comum; e informativo especializado, como o próprio nome diz, é a cobertura especializada de algo determinado, como os esportes e pode ser transmitido no formato de síntese noticiosa ou de radiojornal.

Os gêneros são muito estudados no jornalismo. O outro autor que se debruça sobre esse estudo, principalmente no âmbito do radiojornalismo é Barbosa Filho (2003), que define gênero jornalístico como:

o instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos. Os seus relatos podem possuir características subjetivas do ponto de vista dos conteúdos e, portanto, acrescentar ao ato de informar opiniões particulares sobre os acontecimentos (p. 89).

Dentro do gênero jornalístico no rádio, há vários formatos apontados por Barbosa Filho (2003). Os formatos que compõem o objeto estudado são: nota, informação transmitida de forma sintética sobre um fato que pode estar em andamento; boletim, programa de

informações apresentado durante a programação das emissoras, pode ser transmitido ao vivo ou gravado e também pode conter pequenos pedaços de entrevistas ou som ambiente, que servem para ilustrá-lo; entrevista, considerada fundamental para a coleta de informações e que serve para compor as matérias jornalísticas; comentário, na qual o comentarista apresenta a sua opinião em cima de um fato através de um conhecimento especializado; e o programa esportivo, que realiza não apenas a cobertura dos eventos esportivos, bem como a análise antes e depois deles. Esse formato é composto por vários outros formatos, como notícias, reportagens, entrevistas, comentários e mesas-redondas. Pode ser veiculado dentro de um radiojornal ou existir um programa esportivo permanente, os chamados radiojornais esportivos.

Para descrever este formato, o autor baseou-se nos estudos sobre rádio britânico realizado por Wilby e Conroy (1994), que mencionaram quatro variedades de programas esportivos, semelhantes aos do Brasil, como: boletins esportivos, que são transmitidos durante a programação das emissoras e são compostos por notícias, reportagens, entrevistas e comentários; programas de estúdio, na qual equivalem ao radiojornal devido à semelhança nas características e possuem periodicidade e duração fixadas; coberturas esportivas, que equivale a um programa esportivo, em que são transmitidos resultados de outros eventos, classificação dos campeonatos, além de informações sobre o serviço do jogo e reportagens e entrevistas com os jogadores e o público em geral; e o placar esportivo, que é apresentado na finalização da cobertura esportiva, pois são transmitidos os resultados finais de todos os campeonatos.

Já os formatos para Ferraretto (2000) estão organizados de diferentes formas. Segundo o autor “o formato representa uma espécie de filosofia de trabalho da emissora, marcando a maneira como ela se posiciona mercadologicamente no plano das ideias” (FERRARETTO, 2000, p. 61). O pesquisador divide-os em dois grupos: puros, formado pelo informativo, musical, comunitário, educativo-cultural e místico-religioso; e híbridos, em que estão a música-esporte-notícia e os da participação do ouvinte.

Apesar de existir uma classificação definida dos formatos, Kaplún (2017) chama a atenção de que nem sempre eles são usados em sua forma pura, até porque cada autor elabora a sua própria classificação. Dependendo do produtor dos programas, ele pode utilizar várias combinações de formatos, em que se torna difícil de classifica-los.

Um dos formatos muito utilizado no programa pesquisado para esta monografia e que merece uma atenção especial em função das técnicas e do modo como é realizado é a entrevista. Tanto é o grau de sua importância que Kaplún (2017) coloca que não há como planejar uma programação sem a utilização da entrevista. Para tanto, o autor argumenta que

atualmente o processo ficou mais fácil, pois com o uso dos gravadores, é possível fazer uma entrevista de qualquer lugar, em qualquer hora e, no instante seguinte, coloca-la no ar. “A entrevista é um diálogo baseado em perguntas e respostas. Resulta, portanto, sempre em algo mais interessante e dinâmico do que o monólogo. Um hábil entrevistador que saiba fazer perguntas oportunas pode conseguir que o entrevistado ofereça informação de forma ágil e atraente” (KAPLÚN, 2017, p. 219).

O autor considera que o critério mais relevante da entrevista é o fator do testemunho, pois ao escutar uma informação comunicada por um especialista, com conhecimento do assunto, os ouvintes tendem a dar mais credibilidade do que quando os profissionais de rádio comunicam essa mesma informação. Além do mais, é fundamental que seja pensado o motivo para aquele entrevistado estar ali. “A entrevista é uma oportunidade de informar não apenas o que o ouvinte quer saber, mas também o que ele precisa saber” (MCLEISH, 2001, p. 43).

Existem vários tipos de entrevista de acordo com a classificação de Ferraretto (2000). As que interessam para esta monografia são: entrevista noticiosa, que busca retirar informações do entrevistado e detalhar o que ocorreu; e entrevista de opinião, que tem como objetivo central a posição do entrevistado sobre determinado assunto.

Nos dois tipos de entrevista, é essencial que o jornalista estude a fundo o tema a ser debatido e conheça os seus entrevistados. Além disso, depois de documentar os dados adicionais que podem servir para contextualizar a entrevista, é importante que se estabeleça uma conversa antecipadamente com o entrevistado, para que ele saiba qual será o assunto abordado. O trabalho fundamental do entrevistador é “esclarecer o significado da entrevista e criar um certo grau de comunicação que produza as informações apropriadas numa sequência lógica [...]. Ele precisa obter a confiança do entrevistado enquanto estabelece seus meios de controle” (MCLEISH, 2001, p. 46).

Nem todos os profissionais de rádio que possuem um papel fundamental ficam à frente dos microfones. Assim como o repórter de TV possui o cinegrafista que fica atrás das câmeras, os jornalistas de rádio possuem os produtores. Responsáveis por planejar os programas que são transmitidos no ar, os produtores precisam ter grandes conhecimentos técnico e cultural, além de apresentar um bom domínio sobre eles (FERRARETTO, 2000). Segundo o autor, é fundamental que o produtor tenha conhecimentos sobre a sonoplastia, para que faça o uso do som de maneira correta a fim de criar a imagem no pensamento dos ouvintes.

Junto a isso, é importante que o produtor e o repórter de rádio tenham uma boa comunicação, para que o programa saia conforme o planejado. Aliás, outras funções do

repórter de rádio são a habilidade em se comunicar e observar os fatos que ocorrem. “A ele, por pretensão, não pode escapar nenhum detalhe do acontecimento. É necessária uma aptidão tal que permita ao profissional narrar de forma clara e audível, um fato, não raro enquanto este ocorre” (FERRARETTO, 2000, p. 253).

Junto a isso, é preciso que o profissional de rádio se mantenha informado para que possa contextualizar os fatos e possua conhecimentos sobre as várias funções do jornalismo. A pauta é uma delas. É preciso que o repórter desenvolva uma boa pauta para que consiga executar um bom conteúdo. Posteriormente, o trabalho do editor, que também pode ser executado pelos repórteres de rádio, é o de selecionar e organizar as informações que serão transmitidas. Além do mais, segundo Ferraretto (2000), os programas radiojornalísticos são bastante dinâmicos, o que pode ocasionar a inserção de uma notícia de última hora. Para isso, o repórter tem de estar munido de agilidade, conhecimento e informação.

4 O OBJETO DE PESQUISA

No presente capítulo, será apresentado, inicialmente, um breve cenário da história do rádio em Santa Maria, com foco na Rádio Imembuí, emissora estudada nesta pesquisa. Além do mais, será feita uma apresentação do programa Arena Esportiva, objeto escolhido para ser investigado, e do perfil profissional de Angélica Varaschini e Tiago Nunes, apresentadores do programa radiofônico esportivo.

4.1 BREVE CENÁRIO DO RÁDIO EM SANTA MARIA

No exato dia 13 de fevereiro de 1942, após 83 anos de emancipação, Santa Maria vivenciou um momento marcante para a comunicação do município. Foi fundado o primeiro veículo sonoro na cidade: a Rádio Imembuí AM⁶, sob a frequência de 930 KHZ. Localizada na Rua Walter Jobim, no mesmo prédio da Nativa FM, a emissora é comandada por Claudio e Alcides Zappe. No dia 30 de maio de 2017 a rádio passou por um importante momento ocorrido em todo o território nacional: a migração para o FM. Desde então, a emissora opera na frequência de 101.9 e integra a Rede Bandeirantes de rádio desde 2012.

No ano de 1950, Santa Maria é presenteada com mais uma emissora radiofônica: a rádio Medianeira AM. Pensada na época pelo bispo diocesano Dom Luiz Sartori, o veículo operava na frequência de 1.130 KHz e tinha como objetivo divulgar a cultura e a evangelização. Sua primeira sede foi junto à antiga Secretaria do Bispado, na Rua Silva Jardim, local em que funcionou por dez anos em caráter experimental. A partir do dia 13 de agosto de 1960, a emissora passou a ser definitiva e adquiriu uma nova sede, localizada na Avenida Rio Branco, endereço em que se situa até hoje. Também em caráter experimental, a Medianeira FM⁷ foi inaugurada em abril de 1989, sob a frequência de 100.9 MHz. Em pouco tempo a rádio já estava no ar de forma definitiva, com uma programação composta predominantemente por música. A fase de modernização foi realizada pelo diretor executivo da Medianeira na época, o bispo Dom Ivo Lorscheiter, que contribuiu, juntamente com outros padres-diretores, para a modernização da emissora com a instalação de novos aparelhos e uma programação 24 horas. Igualmente a Rádio Imembuí AM, a Medianeira AM também migrou para a FM no dia 26 de outubro de 2017. A novo sinal passou a ser chamada de Nova Rádio

⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A1dio_Imembu%C3%AD

⁷ <http://100.9.radiomedianeira.com.br/>

Medianeira FM⁸ e opera na frequência 102.7. A programação conta com quadros cujo foco é segmento popular e matérias de cunho jornalístico. Atualmente, as duas rádios funcionam na Avenida Rio Branco e são comandadas pelo Padre Sílvio Weber desde 2010.

Pertencente à Empresa Jornalística De Grandi desde 2000, proprietária do extinto jornal A Razão, a rádio Santamariense AM⁹ foi fundada em 1º de abril de 1954 pelo comerciante Cezar Astegginao de Ugalde sob a frequência de 630 KHz. Sua programação é composta por músicas, programas jornalísticos e de entretenimento, além da prestação de serviço à comunidade. A emissora está localizada na Paul Harris com a Serafim Valandro.

Fundada em 1960, a Rádio Guarathan AM¹⁰ teve como primeiros administradores José Salamoni, diretor, João Soares Moreira, diretor comercial e Nei Remédi de Souza, diretor superintendente. Sua primeira instalação foi no prédio localizado entre as Ruas Venâncio Aires e André Marques. Operada na época sob a frequência de 1.370 KHz, a programação da rádio Guarathan essa majoritariamente composta por música. No dia 13 de dezembro de 1972, um incêndio provocado por um curto-circuito destruiu o prédio da emissora e restou apenas a sala do escritório. Durante o período de reconstrução, a Rádio Imembuí cedeu seu estúdio à Guarathan para que essa continuasse com suas transmissões. A partir de 1980, começou a luta pelo canal FM. Após nove anos de tentativa, a emissora conquistou a frequência modulada de 99.5 MHz, no dia 27 de abril de 1989. Com a criação da nova estação, a rádio FM continha 12 horas de música nativista gaúcha e a AM constituiu a sua programação segmentada em jornalismo e esporte. No ano de 1994, Cláudio Zappe comprou as ações da Guarathan FM, que veio a se tornar a Nativa FM. Já a Guarathan AM ficou sob o comando de Luiz Carlos Cozer, que a administrou até o encerramento das atividades, no dia 08 de outubro de 2018. A rádio operava na frequência de 860 KHz e fazia parceria com a Rádio Guaíba na área esportiva. A Guarathan AM localizava-se na Galeria do Comércio, 1.336, 3º andar, no centro de Santa Maria.

A Rádio Universidade AM¹¹, emissora oficial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), foi instalada apenas oito anos após a fundação da universidade, no dia 27 de maio de 1968. Sob a frequência de 800 KHz, adotada por todas as emissoras educativas do país, a emissora é integrada à Coordenadoria de Comunicação Social da UFSM e tem um marco importante na sua história: a primeira mulher a comandar uma emissora de rádio na cidade, a jornalista Áurea Fonseca. Atualmente, a rádio é comandada pelo radialista Roberto

⁸ <http://102.7.radiomedianeira.com.br/>

⁹ <https://www.facebook.com/RadioSantamariense/>

¹⁰ https://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A1dio_Guarathan

¹¹ <https://www.ufsm.br/orgaos-suplementares/radio/>

Montagner e está localizada no 10º andar do prédio da reitoria. Sua programação é dedicada à comunidade e contém programas jornalístico, esportivo, musical e de variedades. Grande parte deles são produzidos e transmitidos pelos alunos da UFSM. Em novembro de 2017, a emissora conquistou o seu canal na frequência modulada. Sob o nome de UniFM, a rádio passar a operar também na frequência de 107.9 MHz. A programação do canal FM mescla os programas novos, criados especialmente para a nova frequência, com os programas transmitidos nos 800 AM, que segue no ar.

Sintonizada na frequência de 94.3 MHz, a Rede Atlântida FM¹² foi inaugurada em Santa Maria no dia 17 de janeiro de 1979. A maior parte de sua programação é composta pelos programas que entram em rede por Porto Alegre, além de ser formada por alguns programas locais. Em sua composição, estão programas musicais, debates e variedades. Voltada ao público jovem, a emissora está localizada juntamente com a RBS TV, da qual é afiliada, na Rua Maurício Sirotsky Sobrinho.

A Rádio Cultura FM/Antena 1¹³ foi fundada em 14 de julho de 1980. A rádio trazia no seu comando Paulo Roberto Ceccim e operava na frequência de 93.5 MHz. Com foco na música e no jornalismo, a emissora começou a retransmitir o sinal da Antena 1 de São Paulo em 1981. Já no ano de 2000, a rádio mudou o seu nome para Central de Difusora de Notícias (CDN), e passou a transmitir conteúdo jornalístico. Atualmente, a emissora situa-se na BR 158, na esquina com a Rua Duque de Caxias.

Passados dez anos da instalação da Rádio Antena 1, Santa Maria passou a contar com a Rádio Nativa FM¹⁴, fundada em 27 de abril de 1989, sob a frequência de 99.5 MHz. Com uma programação totalmente dedicada à música tradicionalista gaúcha, a emissora era chamada, primeiramente, de Guarathan FM. A denominação atual foi lhe dada no dia 24 de maio de 1994, quando o seu nome mudou para Nativa FM. Pertencente ao Claudio Zappe, a emissora é caracterizada pela interatividade que possui com seus ouvintes e está localizada no mesmo prédio da Rádio Imembuí.

Sob a frequência de 106.3 MHz, A Rádio Comunitária Carai FM¹⁵ integra a Associação Cultural de Divulgação Comunitária da Vila Tropical e Região Sul de Santa Maria. Fundada em 19 de setembro de 2004, os responsáveis pela programação da rádio são 14 colaboradores diretos e quatro equipes de estudantes de jornalismo, formadas pela UFSM e Universidade Franciscana (UFN). A rádio funciona das 6h às 14h e é comandada pelo diretor

¹² https://pt.wikipedia.org/wiki/Atl%C3%A2ntida_FM_Santa_Maria

¹³ <https://www.antena1.com.br/>

¹⁴ <http://www.radiosaovivo.net/nativa-santa-maria/>

¹⁵ <http://caraifm.com.br/>

Paulo Roberto Rodrigues. Atualmente, localiza-se na Rua Caracaráí, 49, Vila Tropical, região sul de Santa Maria.

Em 2011, pesquisas realizadas comprovaram que Santa Maria era uma cidade na qual se podia investir em uma rádio FM que transmitisse, durante 24 horas, notícias e futebol. Diante disso, o grupo RBS começou a investir em um canal radiofônico na cidade. O Editor chefe da Rádio Gaúcha à época, Guilherme Zanini, ficou responsável pela organização e planejamento da programação da nova frequência. No dia 2 de julho de 2012, no lugar da então Rádio Itapema, entrou no ar a Rádio Gaúcha Santa Maria FM¹⁶, na frequência de 105.7 MHz. O primeiro programa local da emissora é o “Gaúcha Hoje”, que entra ao ar às 7h3min da manhã. Além dele, há o “Notícias da Região Central”, dividido em quatro edições diárias, o “Programa Chamada Geral Primeira Edição” e o “Super Sábado”. Para complementar o restante da programação, a rádio entra em cadeia com a de Porto Alegre. A emissora está situada na Rua Maurício Sirotsky Sobrinho, no bairro Patronato, em conjunto com a RBS TV e a Rádio Atlântida.

A cidade de Santa Maria também conta com outras rádios que possuem o seu suporte em plataformas online. Chamadas de *web* rádio, elas já são reconhecidas na cidade, principalmente pelo fato de serem mais viáveis economicamente do que as rádios tradicionais. Exemplo é a *Web* Rádio Multicontinental¹⁷, canal de comunicação na qual tocam músicas ecléticas, sugestões de filmes, clipes e informações. A *web* rádio *On the rocks*¹⁸, de segunda a sexta-feira, prepara um repertório de músicas e notícias, de Santa Maria e do mundo. Soma-se a ela a *Web* Rádio Cultura¹⁹, inaugurada em 2002, na qual compõe a sua programação por músicas e informações 24 horas por dia durante toda a semana.

As *webs* rádios segmentadas também existem em Santa Maria, exemplo é a Aviva Brasil Gospel²⁰, que opera desde 2014 e a Voz do Calvário²¹, que transmite, durante 24 horas, músicas religiosas. Também em operação durante todo o dia, a *Web* Rádio Líder Som²² tem a missão de transmitir entretenimento através do meio online. Com uma programação ocupada por alunos de jornalismo e publicidade, a *web* rádio da Universidade Franciscana²³ começou a operar em 2007 e hoje conta com programas informativos e de entretenimento. Outro

¹⁶ <http://www.radiosaovivo.net/gaucha-santa-maria/>

¹⁷ <http://multicontinental.com.br/>

¹⁸ www.ontherockswebradio.com

¹⁹ <http://webradiocultura.com.br/>

²⁰ www.avivabrasilgospel.com.br

²¹ www.avozdocalvario.com.br

²² www.lidersomwebradio.com

²³ <http://www.universidadefranciscana.edu.br/site/radio>

exemplo de *web* rádio em Santa Maria é a Rádio Armazém²⁴, lançada em 2015 e formada por cerca de 30 colaboradores, responsáveis pelas 35 horas de programação ao vivo por semana. É por meio dos *sites* e dos aplicativos de celulares que as *web* rádios operam.

4.2 RÁDIO IMEMBUÍ – A RÁDIO DA GENTE DAQUI

A Rádio Imembuí foi fundada no dia 13 de fevereiro de 1942 com a frequência de 930 KHz. Primeira rádio a ser instalada na cidade, a Imembuí esteve, até 1997, sob a direção da família Isaías, casas Eny. Conhecida como “a pioneira”, a rádio conquistou os ouvintes com produções como radionovelas, desfiles, festas e programas de auditório. À época, a emissora localizava-se entre as ruas Doutor Bozano e Acampamento, em frente à Praça Saldanho Marinho, e a diretoria do veículo era formada pelo Dr. Antônio Olivé Leite, diretor superintendente, Dr. Carlos Brenner, vice-presidente, e pelo advogado e fazendeiro Gracileu Vaz da Silva. Os outros protagonistas que foram precursores na instalação da rádio foram Augusto Ribas, Luis Bolick e Salvador Isaías. No ano de 1998, a emissora foi adquirida por Cláudio e Alcides Zappe, presidente e superintendente respectivamente. A cobertura local passou a ser a principal característica da programação.

Localizada na Rua Walter Jobim, bairro Patronato, a rádio realizou a migração do AM para o FM, no dia 30 de maio de 2017 e passou a operar na frequência de 101.9 MHz. A programação da emissora não foi muito alterada com a migração e o radiojornalismo continuou sendo o seu foco principal. Desde então, a rádio aproveitou as possibilidades oferecidas pela internet e inseriu-se nas redes sociais por meio de uma página no *Facebook*²⁵, que é utilizada para a postagem de informações e fotos e para a produção de *lives*. No *Twitter*²⁶ da rádio são compartilhadas, basicamente, as publicações do *site* ou do *Facebook*. A conta também serve para transmitir alguma informação. Além disso, a rádio tem um *site*²⁷, que passou por uma reestruturação e foi relançado em outubro de 2018 e um aplicativo próprio, na qual é possível ouvir os programas ao vivo. O responsável pelo gerenciamento do *site* e das redes sociais é o coordenador de jornalismo da Imembuí, Tiago Nunes.

²⁴ www.radioarmazem.net

²⁵ <https://www.facebook.com/radioimbui/>

²⁶ <https://twitter.com/radioimbui>

²⁷ <https://www.radioimbui.com.br/#/>

Figura 1 – Sede atual da Rádio Imembuí, em conjunto com a Rádio Nativa.



Fonte: Rádio Imembuí.

A programação da Rádio Imembuí estrutura-se da seguinte forma:

SEGUNDA À QUINTA-FEIRA:

00:00 – 04:00: REDE BAND

04:00 às 06:35: Alvorada. Apresentação: Fernando Adão Schimdt.

06:35 às 08:00: Imembuí Bom Dia. Apresentação: Alcides Zappe e Fernando Adão Schimdt

08:00 – 08:10: NOSSO CORRESPONDENTE – I Edição.

08:10 às 10h:35: Controle Geral. Notícias, entrevistas, comentários e debates. Apresentação: Vicente Paulo Bisogno

10:35 às 12:05: Espaço Aberto. Variedades, entrevistas, comentários. Apresentação: Salete Barbosa

12:05 às 12:45: Arena Esportiva. Esportes. Apresentação: Tiago Nunes e Angélica Varaschini

12:45 às 12:50: NOSSO CORRESPONDENTE – II Edição.

12:55 às 13:00: Esporte pela Prática. Apresentação: Clery Quinhones de Lima

13:00 às 14:30: Canal Debates. Apresentação: Plínio Araújo

14:30 às 15:30: Imembuí de Ponta a Ponta. Apresentação: Derli Vargas

15:30 às 17:00: Imembuí News. Apresentação: Tiago Nunes

17:05 às 18:45: Tá na Hora. Apresentação: André Campos

18:45 às 18:55: NOSSO CORRESPONDENTE – III Edição.

19:00 às 21:00: Empreender com Sucesso. Apresentação: Lisete Frohlich

21:00: A VOZ DO BRASIL

22:00 – 00:00: O Repórter. Apresentação: Isaias Romero

SEXTA-FEIRA:

00:00 – 04:00: REDE BAND

04:00 às 06:35: Alvorada. Apresentação: Fernando Adão Schimdt.

06:35 às 08:00: Imembuí Bom Dia. Apresentação: Alcides Zappe e Fernando Adão Schimdt

08:00 – 08:10: NOSSO CORRESPONDENTE – I Edição.

08:10 às 10h:35: Controle Geral. Notícias, entrevistas, comentários e debates. Apresentação: Vicente Paulo Bisogno

10:35 às 12:05: Espaço Aberto. Variedades, entrevistas, comentários. Apresentação: Salete Barbosa

12:05 às 12:45: Arena Esportiva. Esportes. Apresentação: Tiago Nunes e Angélica Varaschini

12:45 às 12:50: NOSSO CORRESPONDENTE – II Edição.

12:55 às 13:00: Esporte pela Prática. Apresentação: Clery Quinhones de Lima

13:00 às 14:30: Canal Debates. Apresentação: Plínio Araújo

14:30 às 15:30: Imembuí de Ponta a Ponta. Apresentação: Derli Vargas

15:30 às 17:00: Sexta em Notícias. Apresentação: Marion Bittencourt

17:05 às 18:45: Tá na Nora. Apresentação: André Campos

18:45 às 18:55: NOSSO CORRESPONDENTE – III Edição.

19:00 às 21:00: Gente que Fez! Gente que Faz! Apresentação: Lisete Frohlich

21:00: A VOZ DO BRASIL

22:00 – 00:00: O Repórter. Apresentação: Isaias Romero

SÁBADO:

00:00 às 06:00: REDE BAND

06:00 às 08:00: Giro da Informação. Apresentação: Ogair França

08:00 às 08:10: NOSSO CORRESPONDENTE – I Edição

08:10 – 09:05: Giro da Informação. Apresentação: Ogair França

09:05 às 10:00: Pampeiro Ao Vivo Apresentação: André Campos

10:00 às 12:00: A cidade. Apresentação: Waldemar Roveda e Luis Vargas.

12:05 às 13:00: Sábado Esporte Show

12:45 às 12:50: NOSSO CORRESPONDENTE – II Edição

13:00 às 14:30: REDE BAND

14:30 às 16:30: A Voz da Itaara. Apresentação: Plínio Araújo

16:30 às 19:00: ESPORTES – REDE BAND

19:00 às 21:00: Semeando Cultura. Apresentação: Sauro Oliveira

21:00 à 01:00: Estação 101.9: Diego Fachini

DOMINGO:

01:00: 06:00 – Especial Imembuí

06:00 às 08:00: Canto da Terra. Apresentação: Ogair Franca

08:00 às 10:30: Rancho do tio Pípico. Apresentação: Valdir Oliveira

10:30 às 12:00: Bolsão de Negócios. Apresentação: Plinio Araújo

12:00 às 13:15: Almoçando no Rio Grande. Apresentação: Jose Luiz

13:15 às 22:00: ESPORTES – REDE BAND

Desde 2012 a rádio integra a Rede Bandeirantes de Rádios, além de entrar em cadeia com outras rádios do interior para a transmissão de jogos do Inter-SM.

4.2.1 Programa Arena Esportiva

Programa do gênero jornalístico (BARBOSA FILHO, 2003), o Arena Esportiva é apresentado por Tiago Nunes e Angélica Varaschini, sendo a repórter responsável pela produção. Caracteriza-se por um programa informativo, pertencente ao noticiário, de caráter informativo especializado (FERRARETTO, 2000). Estruturado no formato de programa esportivo, o programa é composto por outros formatos, na qual se destacam a nota, entrevista e comentário (BARBOSA FILHO, 2003). O Arena Esportiva é um programa de estúdio chamado de radiojornal esportivo devido às semelhanças com os programas jornalísticos de rádio. Além disso, uma edição especial do programa vai ao ar em formato de boletim esportivo durante a programação da emissora às tardes.

Desde a sua criação, o programa já teve como apresentadores Fabrício Vargas, Gilson Alves, Fabrício Minussi e Viviana Fronza e chamava-se “Meio Dia nos Esportes”. Com a saída dos jornalistas, o repórter Tiago Nunes assumiu a apresentação e, em 2014, Angélica Varaschini começou a realizar a produção. Em 2017, com a migração da emissora para o FM, o programa passou a se chamar “Arena Esportiva” e a repórter Angélica começou a dividir a apresentação com Tiago. A busca em privilegiar o esporte local sempre foi uma característica do programa desde o seu início. Junto com a mudança do nome, foram criados quadros para caracterizar o programa, que são apresentados na seguinte ordem: Dupla Grenal, Agenda da Bola, Esporte Local e Lance Rápido.

A abertura do programa é feito por Tiago Nunes e, logo após, Angélica Varachini é chamada para dar início aos **destaques** do programa, ou seja, uma prévia do que os repórteres vão abordar no esporte local. Os **boletins da dupla Grenal**, que vêm na sequência, são baixados por meio do *site* “Rádio Web”, que consiste em um portal de notícias radiofônicas. Os boletins são produzidos pela Rádio Bandeirantes e disponibilizados no *site* para serem baixados. Já no quadro **Agenda da Bola**, são emitidos os jogos que vão ocorrer no dia. Para isso, é consultado o *site* *Super Placar* e selecionadas as partidas da Copa Wianey Carlet ou Divisão de Acesso, Terceirona Gaúcha, Campeonato Gaúcho, Brasileiro Série A, B e C, Copa

do Brasil, Libertadores e Sul-Americana. Caso algum dia há muitos jogos, a prioridade é para os disputados por gaúchos, pelo fato da proximidade. A tabela de jogos só foge desse critério quando ocorrem partidas importantes da Liga dos Campeões. A não abordagem desse tipo de competição é justificada pelo fato de que esse público é bem específico e que, geralmente, vai em busca das informações na internet.

Na sequência vêm o **Esporte Local**, quadro em que são transmitidas as informações por meio de notas e entrevistas no âmbito esportivo santa-mariense, em especial sobre Inter-SM e Riograndense, foco principal do programa. Cada entrevista tem em média cinco minutos, a depender da quantidade de pautas do dia e se há dois apresentadores. O programa é finalizado com o quadro **Lance Rápido**, que consiste em manchetes retiradas dos *sites* Globo Esporte, Correio do Povo e Zero Hora, além de grupos no *Facebook* de campeonatos locais. Geralmente as manchetes começam com alguma notícia do esporte santa-mariense que não foi possível abordar no programa, e que será aprofundada no dia posterior, e partem para outras mais gerais sobre outros esportes, tanto do Brasil como do exterior. São selecionadas em torno de dez manchetes, o que pode variar de acordo com o tempo das entrevistas.

Uma vez por semana, os repórteres tentam levar um entrevistado ao estúdio, para que possa participar ao vivo. Nesse dia, o entrevistado é o foco do programa e ocupa quase todo o tempo da programação. O dia da entrevista varia de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. A depender da pauta, uma ou mais fontes podem ser convidadas para participar ao vivo.

O programa conta com uma vinheta de abertura, que identifica o programa. Nela é emitido o nome “Arena Esportiva”, gravado antecipadamente, acompanhado por uma música. O programa também é formado por uma cortina, breve trecho de músicas do Internacional e do Grêmio, tocada antes do quadro “Dupla Grenal”. Já o “Agenda da Bola” e o “Lance Rápido” recebem uma vinheta, constituída pela locução do nome dos programas com uma música de fundo, a fim de caracterizar o início dos quadros. O programa é finalizado com a vinheta de fechamento. Além disso, durante as falas de Angélica e Tiago, há um fundo musical, cujo áudio é mais baixo do que a fala dos apresentadores. Porém, durante a transmissão das entrevistas, não há a música.

Os apresentadores Angélica e Tiago possuem um roteiro durante o programa, produzido pela repórter. O roteiro consiste em um modelo pré-pronto, cuja estrutura é bem simples. Nele está o nome do programa, dos apresentadores e do comando técnico. No documento também estão indicados os momentos das vinhetas e o que os apresentadores falarão na sequência, mas sem informações sobre o assunto, como por exemplo: “Tiago dá os

destaques da sonora”. Na chamada para o boletim da dupla Grenal também não há especificação sobre o que será abordado nos áudios. No roteiro também está a indicação do fundo musical que acompanha os apresentadores enquanto eles falam. O assunto das entrevistas também não é detalhado, assim como não há as “cabeças” e nem os “pés” dos áudios. Apenas consta o nome dos entrevistados e, ao lado, o tempo de duração de cada sonora. Já o “Agenda da Bola” e o “Lance Rápido” são impressos em uma folha separada apenas para os apresentadores. Alguma outra informação sobre alguma das pautas, como os acontecimentos durante os jogos do final de semana e a posição dos times na tabela, também são impressos em uma folha separada.

O programa possui duração de aproximadamente 40 minutos e é transmitido de forma fixa na grade de programação da emissora de segunda à sexta-feira.

4.2.2 A repórter Angélica Varaschini – Perfil profissional

Natural de Ijuí e formada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em 2014, Maria Angélica Varaschini trabalha na Rádio Imembuí desde o ano em que concluiu a faculdade. Desde sua entrada, a repórter já começou a produzir as pautas para o Arena Esportiva, tornou-se a setorista do esporte e passou a acompanhar, principalmente, o Inter-SM e o Riograndense. Em 2017, quando a rádio migrou para o sinal FM, Angélica passou então a apresentar o programa junto com Tiago Nunes.

Apesar de já ter optado por jornalismo alguns anos antes de ingressar no curso, a repórter ainda não sabia com qual meio de comunicação tinha mais afinidade. A resposta veio quando, já no segundo semestre, Angélica começou a produzir um programa na Rádio Universidade. Desde então, esse tem sido o meio que mais despertou a sua atenção.

Embora o esporte fosse uma área que a jornalista apreciava, a inserção de Angélica neste campo foi por acaso, por meio de uma demanda da Rádio Imembuí. Como não conhecia as regras e nem os times da cidade, a repórter teve de procurar por informações a fim de se especializar na área.

A carga horária da jornalista na emissora não obedece a um horário delimitado, pois ela adapta-se aos eventos esportivos. Geralmente a sua carga horária inicia por volta das 9h. Já o horário de saída depende de quando terminam os treinos do Inter-SM e se tem eventos esportivos à noite. Somado a isso, Angélica também é repórter de campo das partidas do

Inter-SM, o que faz com que ela sempre acompanhe os jogos tanto durante a semana, quanto os que ocorrem aos finais de semana.

Além do Arena Esportiva, a repórter também produz e apresenta o “notícias 101.9” do período da tarde, noticiário gravado e transmitido de hora em hora, além de cobrir algum colega que sai de férias e ajuda em outras pautas externas que não são do âmbito esportivo.

Figura 2 – Repórter Angélica Varaschini, na sala de redação da Rádio Imembuí, durante a produção do Arena Esportiva.



Fonte: Fotografia capturada em 17/08/18.

Com a pretensão de trabalhar no esporte até quando for possível, Angélica atualmente faz um curso à distância sobre jornalismo esportivo, na qual aprende sobre assessoria, tática do jogo, análise de desempenho, dentre outros critérios do futebol. É a busca por novos conhecimentos no esporte e atualizações sobre as novas tecnologias que faz com que Angélica procure ser uma mulher diferenciada no meio.

4.2.3 O repórter Tiago Nunes – Perfil profissional

Com o registro profissional de radialista nas mãos, Tiago Nunes começou na Rádio Imembuí em 2010 e entrou para o curso de jornalismo na Universidade Franciscana (UFN) em 2013. O que o fez entrar para o rádio ainda cedo era o sonho de ser narrador de futebol.

Aos poucos, foi ganhando espaço na Imembuí e atualmente compõe o quadro de narradores da emissora.

Por influência da família em Pelotas, cidade natal do repórter, desde pequeno o rádio era o principal meio de comunicação para Tiago. Dentre os conteúdos do meio sonoro, o esporte era o que mais chamava a sua atenção.

Figura 3 – Repórter Tiago Nunes, na sala da redação da Rádio Imembuí, durante a sua rotina de trabalho.



Fonte: Fotografia capturada em 17/08/18.

A carga horária de trabalho de Tiago na rádio começa às 7h e se encerra às 17h. Dentre esse período, o repórter tem um tempo de intervalo após o almoço, mas é na Imembuí que ele passa o dia inteiro. De manhã, Tiago produz e apresenta o “Nosso Correspondente” das 8h e das 12h45min e as quatro edições do “Notícias 101.9”, que vai ao ar às 9h, 10h, 11h e 12h. À tarde, o repórter apresenta o programa “Imembuí News”, criado com a migração da rádio para o FM, que vai ao ar de segunda à quinta-feira, das 15h30min às 17h. O repórter então finaliza a sua rotina com o correspondente das 18h45min. Aos finais de semana, o profissional também narra os jogos de futebol.

Atualmente, Tiago é Coordenador de Jornalismo da Rádio Imembuí e é o responsável por atualizar a programação diária da emissora e enviá-la para todos os colegas por *e-mail*.

5 A PRODUÇÃO RADIOJORNALÍSTICA DO ARENA ESPORTIVA

Neste capítulo será explicitado o percurso metodológico desenvolvido nesta pesquisa. Todas as escolhas foram feitas com a finalidade de responder à questão problema e alcançar os objetivos propostos. O primeiro passo efetuado para a execução da monografia foi a realização de uma pesquisa bibliográfica, que consiste em um “conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos [...]” (STUMPF, 2006, p. 51).

A partir dessa prática, é possível revisar a literatura já existente, além de atualizar o pesquisador sobre a fase atual do problema a ser estudado. Essa primeira etapa, que acompanha todo o processo da pesquisa e orienta os passos a serem seguidos pelo pesquisador, envolveu uma investigação em anais de eventos, como a Intercom, e bibliotecas *online* de teses e dissertações de universidades, como a da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a fim de ambientar-se em relação às pesquisas já realizadas sobre rotinas produtivas no radiojornalismo esportivo, tema esse escolhido pela pesquisadora. Buscou-se por palavras-chave como “rotinas produtivas no radiojornalismo esportivo” e “radiojornalismo esportivo” e foi observada a pouca existência de estudos nessa área de especialização. Por meio da observação desse fato, aliado ao interesse da pesquisadora na obtenção de conhecimentos acerca desse âmbito e em contribuir com a produção acadêmica já existente, definiu-se que radiojornalismo esportivo seria o tema ser estudado. Partiu-se então para a escolha do objeto.

Movida pela curiosidade em observar como as emissoras de rádio do interior estruturam suas rotinas de produção a partir de afetações das lógicas da cultura da convergência, optou-se pela seleção de um programa da Rádio Imembuí, emissora que completou um ano de migração para a Frequência Modulada (FM). Após uma análise da programação da rádio, constatou-se que o único programa esportivo existente era o “Arena Esportiva”, que vai ao ar de segunda à sexta-feira, das 12h10min às 12h45min. Devido a essa singularidade, já que é comum encontrar uma aposta forte na editoria esportiva em outras emissoras, escolheu-se o programa como objeto a ser estudado.

A próxima etapa consistiu-se na realização de uma pesquisa exploratória (GIL, 2014), na qual ocorreu uma aproximação da pesquisadora com o objeto a ser estudado, para que se obtivesse uma visão geral do programa. Para isso, o Arena Esportiva foi ouvido em dias diferenciados e acompanhado por meio da página da Rádio Imembuí no *Facebook*, a fim de

conhecê-lo previamente. Para que se tivesse a certeza de que a pesquisa poderia ser realizada, foi feito um primeiro contato com Angélica Varaschini e Tiago Nunes, a fim de apresentar a proposta da investigação. Com a confirmação dos profissionais, seguiu-se com a elaboração da monografia, organizando os textos que sustentam teoricamente a pesquisa.

A primeira pré-observação dos elementos que compõem o programa, realizada em um momento anterior à investigação propriamente dita, foi essencial para que se fizesse o encaminhamento teórico-metodológico e, principalmente, a elaboração do problema e os objetivos da pesquisa. A partir disso, formulou-se o seguinte questionamento, o qual funcionou como fio-condutor da investigação: como funcionam as rotinas produtivas dos profissionais Angélica Varaschini e Tiago Nunes na produção do programa “Arena Esportiva” da Rádio Imembuí? Assim, com o objetivo de analisar as rotinas produtivas dos dois repórteres, definiram-se os seguintes objetivos: avaliar como ocorre o processo de apuração dos conteúdos para o programa; observar os critérios utilizados para selecionar as pautas do programa; verificar como ocorre o contato com as fontes e agências de notícias e como são editadas e apresentadas as notícias visando o público-alvo e, por último, analisar como as rotinas produtivas são afetadas pelas lógicas produtivas características do radiojornalismo hipermidiático contemporâneo.

A bibliografia, guiada pelo objeto e que serviu de parâmetro para a realização da investigação empírica, iniciou com uma pesquisa sobre o rádio e as mudanças tecnológicas que incidiram sobre o meio sonoro. Esse estudo serviu para contextualizar e situar o rádio atual e como as transformações possibilitaram a renovação desse meio. Para isso, utilizou-se os autores Ana Carolina Almeida e Antônio Francisco Magnoni (2010), que proporcionam uma visão do rádio somado à internet, Débora Cristina Lopes (2010), que serviu para contextualizar o radiojornalismo hipermidiático, e Marcelo Kischinhevsky e Cláudia Figueiredo Modesto (2014), com o conceito de rádio expandido.

Para finalizar a discussão sobre a caracterização do rádio ao longo do tempo, contou-se com as pesquisas de Nélia del Bianco (2004) e Gisela Svetlana Ortriwano (1987), que trouxeram um panorama histórico do meio sonoro, bem como os avanços que seriam possibilitados ao rádio caso já houvesse a digitalização. Já Nair Prata (2008), por meio de sua tese de dissertação, auxiliou na classificação das emissoras de rádio baseadas no suporte em que estão inseridos. Com base nessas pesquisas, torna-se necessário refletir sobre as afetações que elas provocam na cultura profissional do jornalista na era digital. Para tanto, utilizou-se os autores Fábio Henrique Pereira e Zélia Leal Adghirni (2011) para entender as modificações na

identidade e legitimação do jornalista, bem como o período de incertezas ocasionadas pelas novas tecnologias.

Na linha da evolução tecnológica, Débora Cristina Lopez (2010), em seu capítulo sobre rotinas produtivas no jornalismo de rádio, escrito em sua tese de doutorado, discorre sobre as alterações na produção, transmissão e consumo dos conteúdos, bem como a própria mudança na linguagem radiojornalística. Buscou-se a autora justamente para compreender como ocorrem as mudanças nas rotinas dos jornalistas e o modo como eles devem acompanhar não só os avanços tecnológicos, mas também os modos de consumo, no caso do rádio, que surgem devido às atuais possibilidades de interação e que colocam o ouvinte como um coprodutor de conteúdos. Como complementação, Nelia del Bianco (2004) debruça-se sobre as ferramentas à disposição dos radiojornalistas na internet.

Já o capítulo sobre rotinas produtivas no jornalismo, Mauro Wolf (1987) auxiliou no modo a compreender as etapas que fazem parte do dia a dia dos jornalistas e o processo por qual passa a notícia até a sua veiculação. À luz do objeto estudado, dimensionou-se que as teorias do jornalismo seriam de total importância para o desenvolvimento deste estudo, pois elas permitiram visualizar se as teorias trazidas pelos autores ainda estariam sendo postas em prática pelos jornalistas no rádio. Para tanto, autores como, Felipe Pena (2012), Antônio Hohlfeldt (2001), Pamela J. Shoemaker e Tim p. Vos (2011) e Nelson Traquina (2005) foram trazidos para uma discussão a respeito das teorias sobre *Gatekeeper*, *Newsmaking* e Critérios de Noticiabilidade. Para que fossem pensadas novas práticas jornalísticas e a redefinição do trabalho profissional na era digital, buscou-se Gil Ferreira (2018), Moreno e Cardoso (2015), Axel Bruns (2011), Marcelo de Oliveira Volpato (2017), Muniz Sodré (2010), Patrícia Lima e Rita Paulino (2017) e Cris W. Anderson, Emily Bell e Clay Shirky (2013).

Juntamente a eles, Paulo Vinícius Coelho (2011) e Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2015) trouxeram à tona as práticas das rotinas no âmbito esportivo. Para entender como é realizada a produção de um programa de rádio, processo esse acompanhado pela pesquisadora, utilizou-se os conhecimentos de Roberto McLeish (2001), Emilio Prado (1989), Luis Artur Ferraretto (2000) e Mario Kaplún (2017). Somado a eles, André Barbosa Filho (2003) possibilitou um entendimento sobre os conceitos de programação, gêneros e formatos no rádio.

O próximo passo foi estabelecer qual a técnica qualitativa a ser utilizada na coleta de dados. Tendo em vista o objetivo de colher as informações para entender o que está envolvido nas rotinas dos profissionais de rádio e o que as determina, optou-se pela escolha da entrevista em profundidade do tipo semiaberta (DUARTE, 2006). De acordo com o autor, a entrevista

em profundidade configura-se como uma entrevista que visa aprofundar um tema e descrever processos a fim de buscar informações para posterior análise. “Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas [...]” (DUARTE, 2006, p. 66).

Desse modo, a entrevista em profundidade do tipo semiaberta é uma técnica de coleta de dados, na qual se utiliza um roteiro com questões que servem para guiar o pesquisador sobre o tema a ser pesquisado. “A lista de questões desse modelo tem origem no problema de pesquisa e busca tratar da amplitude do tema [...]. Ela conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle” (DUARTE, 2006, p. 66). Dessa forma, elaborou-se uma lista de questões relacionadas às rotinas produtivas dos repórteres na Rádio Imembuí durante a produção do programa Arena Esportiva e aos elementos que podem ou não afetar as lógicas de produção. Foi realizada a entrevista individualmente com cada apresentador e utilizou-se o gravador a fim de registrar, de forma literal, a entrevista.

A presente monografia configura-se como pesquisa qualitativa, pois “ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p. 21-22). Além disso, caracteriza-se como uma pesquisa de caráter descritiva analítica já que tem como objetivo “a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...]” (GIL, 2014, p. 28). Além do mais, de acordo com o autor, esse tipo de pesquisa é a que mais realiza os pesquisadores sociais atentos ao trabalho prático.

A fim de dar início à pesquisa descritiva, realizou-se o primeiro contato *in loco* na Rádio Imembuí no dia 5 de julho, por meio de uma entrevista com o superintendente da emissora Alcides Zappe, que a respondeu por *e-mail*. Logo após, no dia 16 de julho, teve início a abordagem qualitativa de observação das práticas rotineiras de Angélica e Tiago. A observação simples propicia a investigação dos acontecimentos no ambiente estudado, sem que seja feita alguma interferência ou participação do pesquisador nas rotinas dos profissionais (GIL, 2004). Além disso, há o fato de que o pesquisador tem contato direto com o objeto, sem que ocorra a mediação de terceiros. Para tanto, as observações foram realizadas nos dias: 16/08 (segunda-feira); 24/08 (terça-feira); 01/09 (quarta-feira); 09/09 (quinta-feira); e 17/09 (sexta-feira). Os dias foram marcados antecipadamente com a repórter Angélica.

A escolha do primeiro dia, que acabou por desencadear uma sequência lógica de dias diferentes em semanas alternadas, foi baseada em uma data previamente estipulada de acordo

com o calendário seguido pela monografia. Isso se deu após a finalização do referencial teórico, que serviu como parâmetro de investigação. Além do mais, constatou-se que seria preferível realizar as observações durante a metade de julho e a metade de agosto para que se tivesse tempo suficiente para analisar e interpretar as rotinas descritas.

A opção pela análise de cinco programas foi justamente para que todos os dias da semana em que o programa vai ao ar fossem contemplados, já que em alguns deles são feitos a repercussão dos jogos e, em outros, são mostrados os resultados. A escolha pela observação em semanas alternadas foi realizada a fim de prolongar a investigação ao longo de cinco semanas e, assim, visualizar se a produção do programa transforma-se em uma rotina, com procedimentos automáticos independente dos dias da semana. Dessa forma, é possível observar se as práticas de produção alteram-se com o passar do tempo.

Durante as observações, a chegada da pesquisadora na redação deu-se entre 9h e 9h30, horário em que Angélica costuma chegar para fazer a produção do programa. Sem passar por qualquer tipo de restrição por parte dos profissionais da emissora durante o tempo de observação, o acompanhamento foi feito na sala de redação, cômodo esse em que Angélica e Tiago ocupam pela manhã. Durante o tempo permanecido na presença dos repórteres, acompanhou-se o desenrolar de suas atividades, principalmente a da jornalista, já que ela é quem realiza a produção do programa por meio da seleção de manchetes, placares e da captura das entrevistas, realizadas na pequena sala de gravação.

A documentação da observação realizada deu-se por meio de notas por escrito e registro fotográfico do local. Durante a transmissão ao vivo do Arena Esportiva, acompanhou-se, de perto, dentro do estúdio, a apresentação dos repórteres. Logo após o término de todos os programas observados, por volta das 12h45min, os profissionais retornaram à redação, período esse em que a investigação foi terminada.

Nos dias 16 e 24 de agosto, a observação das rotinas de produção foi realizada apenas com Angélica, pois o seu colega Tiago encontrava-se de férias. Apesar desse fato, optou-se pela permanência das datas previamente agendadas, pois se refletiu que a presença de Tiago representaria uma maior mudança na apresentação do programa, já que Angélica é a responsável pelas atividades de produção. Como o objetivo desta monografia é observar, justamente, a rotina produtiva do Arena Esportiva, conclui-se que a pesquisa não seria prejudicada com a presença apenas de Angélica.

Por fim, depois de realizada a entrevista com os apresentadores e finalizada todas as observações, foi feita a análise e interpretação das rotinas produtivas.

5.1 OBSERVAÇÕES DAS ROTINAS PRODUTIVAS

Com a finalidade de se verificar como funcionam as rotinas produtivas de Angélica e Tiago na produção do programa Arena Esportiva, serão descritos e analisados, a seguir, os cinco dias de observações *in loco* na Rádio Imembuí.

5.1.1 Arena Esportiva - Edição do dia 16 de julho de 2018

No dia 16 de julho, segunda-feira, Angélica Varaschini chegou à redação da Rádio Imembuí às 7h. Neste dia a repórter foi mais cedo à rádio porque Tiago Nunes estava de férias e ela precisava cobri-lo em algumas funções. Angélica é a responsável pela produção do programa “Arena Esportiva”, que consiste em pesquisar e apurar pautas, presenciar eventos e jogos esportivos, gravar entrevistas, selecionar manchetes do esporte e tabela de jogos, montar o roteiro e, por último, apresentar o programa com Tiago Nunes.

O primeiro passo que Angélica executa para a produção do programa é uma “ronda” nos principais *sites* de notícias do esporte local, EsporteSUL e Diário Esportes. Neste momento, foi identificada a primeira fase das rotinas produtivas detalhadas por Wolf (1987), que consiste em recolher conteúdos informativos e, posteriormente, consultar as fontes. Nesses *sites* Angélica verifica se há alguma notícia que havia sido divulgada que ela ainda não sabia. Dessa forma, visualiza-se a utilização de uma das fontes de informação significativas para os jornalistas: outros meios de comunicação, pois com base neles é possível, inclusive, observar os ângulos em que as pautas foram abordadas (WOLF, 1987).

Por volta das 9h, a jornalista participa do programa Controle Geral, de apresentação de Vicente Paulo Bisogno²⁸. A presença da repórter foi para comentar sobre a Copa Wianey Carlet, a ser ocorrida no próximo mês, e como estava a preparação do Inter-SM. Após, Angélica conversa pelo *WhatsApp* com a assessoria do time de futsal União Independente para marcar uma entrevista com o técnico Carlos Roberto da Silva, conhecido como Choco. O assunto da entrevista é a vitória conquistada pelo time santa-mariense na Série Bronze no final de semana.

Na apuração da primeira pauta do dia, realizada por meio de notícias na internet, nota-se a escolha dos valores-notícia proximidade (WOLF, 1987), por se tratar de um time da cidade, e atualidade (WOLF, 1987), pois o jogo tinha ocorrido no dia anterior. Esses dois

²⁸ Apresentador da Rádio Imembuí

valores praticamente correspondem à totalidade das pautas que compõem o programa, indo ao encontro do que Volpato (2017) visualizou, na qual as tecnologias colaboraram para que as informações locais tornem-se mais interessantes para a comunidade.

Enquanto a jornalista espera a assessoria do União Independente confirmar o horário da entrevista, ela faz a produção do “Notícias 101.09” para o período da tarde, noticiário gravado e transmitido de hora em hora. Com um microfone acoplado em sua mesa, Angélica grava as notícias. Após a edição do áudio, ela envia-o para o sistema *on-line*. Junto a isso, a repórter faz o contato com pessoas por meio de áudios do *WhatsApp* e apura quais os times que já haviam confirmado a participação na Copa Wianey Carlet. Dessa forma, observa-se um profissional que desenvolve mais de uma habilidade e demonstra familiaridade com os novos dispositivos (LOPEZ, 2010). Inclusive, as novas tecnologias informativas e comunicativas, bem como a própria internet, tornam-se ferramentas essenciais durante o dia a dia dos jornalistas da Rádio Imembuí, pois elas servem para remodelar as rotinas de produção, o que torna o processo mais rápido e ágil para os profissionais.

Angélica prepara-se para gravar a primeira entrevista para o programa pouco depois das 9h. Para isso, ela consulta o *site* do Inter-SM a fim de encontrar a notícia sobre o jogo do sub-17 ocorrido no final de semana. Nota-se que a facilidade da produção noticiosa possibilitou que não apenas a Rádio Imembuí produza as informações, como também as próprias fontes (FERREIRA, 2018). Diante disso, o Inter-SM produz e mantém um canal para veicular as informações relacionadas ao clube. Este, por sua vez, ao ser acessado, é fonte de dados, que servem para compor o quadro informativo do Arena Esportiva.

Observa-se aqui que Angélica escolhe, entre todos os eventos esportivos do final de semana, as notícias a serem transmitidas. A seleção é a segunda etapa das rotinas produtivas proposta por Wolf (1987). Diante do material que a repórter visualiza nos *sites*, em grupos de campeonatos do interior e da imprensa no *WhatsApp*, somado aos que chegam por intermédio da assessoria dos clubes, é preciso realizar a seleção do material que vai ao ar. Diante disso, nota-se o desempenho da função de curadoria, já que há uma multiplicidade não só de notícias, como de fontes de informação (FERREIRA, 2018). Com isso, segundo Kovach e Rosentiel (2004 apud FERREIRA, 2018) cada vez mais, a população necessita dos profissionais para que deem a credibilidade às notícias. Dessa forma, não existe a substituição do trabalho jornalístico, mas o deslocamento a outras funções que envolvem a verificação e interpretação de conteúdos até mesmo multimídia (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

Para isso, a jornalista recorre aos valores-notícia, já mencionados acima, e ao tempo de duração do programa. A preparação para a entrevista é feita por meio da notícia *online* que

informa o resultado e demais acontecimentos do jogo. De posse desse conteúdo, Angélica liga para o técnico do time sub-17, Lucas Fossati, com o propósito de repercutir a vitória do Inter-SM no Estadual Juvenil B. Visualiza-se aqui o uso da internet como uma fonte facilitadora (LOPEZ, 2010) do conhecimento sobre os eventos esportivos que ocorrem durante o final de semana e que não foram possíveis de ser cobertos *in loco*.

Da sala de gravação, Angélica tenta um primeiro contato com o técnico. Como esse não atende, ela liga para o presidente do Farroupilha, Marcus Napoleão, time que havia subido para a Divisão de Acesso de 2019 no último final de semana. Com o êxito na tentativa, Angélica realiza a entrevista. Depois de gravada, ela edita o áudio no próprio computador e o envia para o sistema. Com uma entrevista já realizada, Angélica tenta mais uma vez o técnico Fossati, mas novamente sem sucesso. Diante disso, a repórter comenta que nem sempre consegue fazer o contato com as fontes. Devido a isso, ela procura controlar o tempo que leva para produzir as notícias e os deslocamentos que, talvez, precise realizar. Isso é determinado por meio de algumas práticas adotadas na construção do processo noticioso (PENA, 2012). A própria busca por um plano B de fontes feita por Angélica, caso as principais não atendam, é uma forma de gerenciar o processo produtivo, pois a repórter precisa fechar o tempo do programa a tempo de ir ao ar.

O próximo passo é produzir o “Agenda da Bola” e o “Lance Rápido”. Geralmente esses dois quadros são feitos por último, após todas as entrevistas já terem sido gravadas. Posteriormente a isso é que a jornalista finaliza o roteiro, pois dependendo do tempo total de áudio gravado, podem ser colocadas mais ou menos manchetes. Para a produção do Agenda da Bola, Angélica seleciona os jogos que vão ocorrer no dia por meio do *site* “Super Placar” e passa para o roteiro. A próxima etapa da produção é baixar os boletins da Dupla Grenal por meio do *site RadioWeb*. Às 10h Angélica começa a produção do Lance Rápido, por meio dos *sites* do Correio do Povo e Globo Esporte. Angélica seleciona 17 manchetes para serem lidas no dia.

Por volta das 10h, a repórter tenta novamente ligar para Fossati, que não atende. A jornalista comenta que enquanto ela não consegue fazer o contato com as fontes, ela adianta os outros conteúdos do programa. Após trinta minutos, Fossati liga para a redação da rádio. Como ele tem disponibilidade para dar entrevista naquele momento, a jornalista se direciona para a sala de gravação. Logo no início da entrevista, a ligação cai e Angélica precisa retomá-la. A entrevista demora em torno de quinze minutos. Um ponto interessante sobre as entrevistas é a preparação planejada realizada pelo repórter. A jornalista prepara-se e segue

um roteiro de indagações com dose variável de improviso, que depende da interação com o entrevistado e do conhecimento com o conteúdo.

Foi observado que quando Angélica possui um domínio sobre a pauta, como as que são sobre o Inter-SM, a repórter não utiliza um roteiro de perguntas. Já quando a pauta explora temas não muito recorrentes, ela utiliza uma folha com informações. Após a edição, Angélica estrutura o roteiro e conversa com seus colegas de redação sobre a divisão das funções na próxima segunda-feira, pois Angélica irá viajar a Porto Alegre a fim de cobrir o congresso técnico da Copa Wianey Carlet.

Não é sempre que Angélica consegue ir a todos os eventos esportivos que ocorrem durante a semana, apesar de preferir. Conforme exemplifica, o motivo para querer estar *in loco* é que:

A nossa obrigação é deixar os ouvintes bem informados e como é que tu vai deixar um ouvinte bem informado e passar todas as informações se tu não estava lá para ver? A tua concepção é diferente. O técnico pode passar coisas muito técnicas para ti. [...] eu quero passar o que eu estou vendo. A rádio não tem imagem, a gente não tem imagem pra poder passar para o ouvinte. Nós somos os olhos deles. E até por credibilidade. A credibilidade que tu tem a partir do momento que tu comparece, que tu vai, que tu está presente [...] (VARASQUINI, 2018).

A repórter lamenta o fato de não ter tempo hábil para acompanhar todos os esportes, fazer as entrevistas *in loco* ou trazer mais profissionais do esporte para serem entrevistados no estúdio. A presença no local do fato é significativa para o ouvinte, pois quando os repórteres acompanham de perto os acontecimentos, eles buscam cumprir a tarefa de transmitir o máximo das sensações para o público (COELHO, 2011).

Além do mais, quando dá o acaso de ter dois eventos esportivos no mesmo horário, Angélica e Tiago procuram dividir as pautas, caso os dois possuam a disponibilidade. Isso porque ambos estão inseridos em uma nova era tecnológica que demanda dos profissionais a execução de mais de uma função (BARBEIRO; RANGEL, 2015). Dessa forma, Angélica apura, acompanha os treinos do Inter-SM, escreve o roteiro, apresenta o programa e procura ter um conhecimento geral dos esportes mais populares cobertos pelo programa. Caso não seja possível comparecer aos dois eventos ocorridos no mesmo dia, a solução é escolher apenas um e apurar as informações por telefone sobre o outro.

Com duas entrevistas já prontas, Angélica vai realizar a última entrevista com o técnico do União Independente. Nos dias em que há poucas pautas, o que geralmente ocorre no intervalo entre um campeonato e outro, os repórteres procuram por fontes que sabem que falam bastante e, portanto, podem deixar o áudio da entrevista correr por mais tempo. Isso

também ocorre quando apenas um dos profissionais faz a apresentação, pois quando os dois estão juntos, eles ocupam uma boa parte do tempo do programa com comentários sobre as pautas.

Neste dia, em especial, foi possível visualizar que o programa vai ao encontro com as considerações de Barbeiro e Rangel (2015) ao afirmarem que o esporte é pautado pela agenda. Dessa forma, todas as entrevistas que vão ao ar são sobre jogos ocorridos no dia anterior.

Após a gravação, às 11h02min, Angélica passa para o roteiro o tempo das entrevistas. O Lance Rápido e o Agenda da Bola são colocados em folhas separadas. Após isso, a repórter imprime cópias da primeira página do roteiro, que consta os entrevistados, trilhas e tempo, para ela e para a técnica. Já a folha com as informações sobre os outros dois quadros apenas a jornalista tem acesso.

Toda a produção do programa, conforme já foi dito, é feita por Angélica, o que evidencia uma prática antiga, quando o jornalista de rádio começou a executar todas as tarefas que envolvem a reportagem, desde a apuração, até a edição do áudio (LOPEZ, 2010). Com isso, notou-se a exigência por jornalistas que saibam postar no *site* da rádio, utilizar os *smarthphones* para o contato por *WhatsApp* e gravar entrevistas. O fato que ameniza a demanda dos profissionais por executar várias tarefas em um curto período de tempo é a existência das rotinas produtivas (WOLF, 1987). O modo como os jornalistas organizam os materiais informativos, e aqui se enquadra a produção do programa, é devido a essa necessidade de transformar as tarefas do trabalho em uma prática habitual.

Portanto, a forma de produção do “Arena Esportiva” atende à lógica de rotinizar o trabalho, com a função de facilitar a produção do programa, realizada por apenas uma profissional. Esse fato, tornado visível com as observações, foi corroborado por Angélica ao dizer que depois de um tempo já apresentando e fazendo a produção do Arena Esportiva, a execução fica mais fácil. Além disso, os critérios de noticiabilidade que compõem o programa, como proximidade e atualidade, juntamente com a utilização da internet para buscar informações e realizar o contato com as fontes e o uso do telefone para a gravação de entrevistas diretamente do estúdio, são escolhas feitas pelos repórteres que colaboram na simplificação da rotina de produção do programa.

Angélica finaliza a produção, vai almoçar às 11h20min e retorna às 11h45min para a apresentação do programa ao vivo às 12h05min.

A apresentação é a terceira etapa das rotinas produtivas descrita por Wolf (1987). Nessa fase, a imagem que os comunicadores formam do público é importante, pois isso guiará como o repórter irá direcionar a sua fala para a audiência. Outra questão é que os repórteres

devem ajustar as informações de forma que atenda ao formato proposto (WOLF, 1987), no caso esportivo.

No estúdio, na hora da apresentação, Angélica abre o *WhatsApp* da Rádio Imembuí no computador. Às 12h07min começa o programa. De posse do roteiro, Angélica utiliza o improviso para contextualizar as entrevistas.

Durante o programa, Angélica fica com outra folha na mão, na qual estão informações sobre os jogos que ocorreram no final de semana, a fim de contextualizar as entrevistas. Antes de começar o programa, Angélica acessa o *site* do seu *blog* sobre futebol no computador. Com a notícia sobre os times confirmados na Copa Wianey Carley aberta no *blog*, Angélica fala, durante o programa, algumas das informações lá dispostas. Dessa forma, nota-se que “a internet está integrada à rede local e permeia toda a cadeia produtiva do rádio, desde a fase de recolha da informação, seleção, redação, edição e apresentação” (BIANCO, 2004, p. 13). Além da rapidez na produção, a internet contribuiu para construção de uma estrutura padronizada de trabalho diário.

Após a apresentação, a repórter retorna à redação.

5.1.2 Arena Esportiva - Edição do dia 24 de julho de 2018

No segundo dia de observação, no dia 24 de julho de 2018, terça-feira, a chegada da repórter foi às 07h na redação. Neste dia, Angélica não precisa gravar nenhuma entrevista para a edição dia, pois as mesmas já haviam sido feitas no dia anterior, quando a repórter participou do congresso técnico da Copa Wianey Carlet. No evento, os clubes conheceram quem seriam os seus adversários e o regulamento do torneio. O fato de Angélica ter ido até Porto Alegre acompanhar o congresso é devido ao trabalho de setorista esportista que a repórter realiza na emissora, principalmente em relação aos clubes Inter-SM e Riograndense. Dessa forma, como o futebol é o principal esporte que Angélica acompanha, exige-se uma especialização do repórter nessa área. Ferraretto (2000) defende que “a especialização dá mais qualidade ao noticiário. O repórter conhece o assunto e suas fontes. O material produzido torna-se mais preciso e aprofundado, daí a sua importância e necessidade” (p. 256).

Portanto, apesar dos critérios que definem o valor-notícia de uma informação serem numerosos e variados (MORENO; CARDOSO, 2015), os repórteres avaliaram e aplicaram esses critérios para concluir que a recolha das informações *in loco* do congresso técnico seriam importantes para o programa, já que se trata de um campeonato em que o único clube de futebol em atividade da cidade vai participar.

Angélica explica que sempre quando tem a cobertura de um evento, os repórteres procuram trazer o programa praticamente pronto de lá, com as entrevistas todas gravadas para transmitir no programa. Os entrevistados no congresso foram o diretor executivo do Inter-SM, Cezar Saccol, o técnico do clube, Guilherme Tocchetto, e um representante da Federação Gaúcha de Futebol (FGF). Nota-se aqui que os valores-notícia do programa, atualidade e proximidade, foram novamente utilizados e serviram, inclusive, para selecionar os entrevistados.

Uma das explicações para a escolha pelo fator local, prioridade do programa, é pelo fato de que as demais emissoras de rádio em Santa Maria não cobrem a gama de esportes na cidade, como canoagem, atletismo, *rugby*, futebol americano e futsal, segundo o coordenador de Jornalismo, Tiago Nunes. “[...] A gente buscou ser essa referência. E tanto é que o nome “Arena Esportiva” é exatamente para isso: Arena, englobar todos esses esportes aqui da cidade”. Junto a isso, o próprio slogan da Imembuí, “a rádio da gente daqui”, segundo Angélica, reforça a ênfase para o âmbito esportivo local:

[...] a gente tem que resgatar o que é nosso. A gente tem que mostrar o que tem de bom em Santa Maria e tem muita coisa boa em Santa Maria na área do esporte. Só que muitas vezes as pessoas não têm conhecimento nenhum disso e a gente tem que apoiar o que é nosso, porque é o que pode trazer mais público pra Santa Maria, uma economia melhor para a cidade. Então eu acho que a gente tem um papel muito importante. A gente eu digo o nosso programa e as notícias que a gente traz, porque muita gente acompanha e sabe o que acontece em Santa Maria por nós, porque a gente preza, a gente busca tudo o que é daqui (VARASCHINI, 2018).

Diante disso, os valores-notícias devem ser simples para serem colocados em prática de forma rápida pelos profissionais, pois assim, evita que os jornalistas tenham de analisar cuidadosamente quais os fatos a serem noticiados (WOLF, 1987). Além do mais, o autor coloca que os valores-notícia devem ser flexíveis, para que possam ser ajustados e trocados por outros acontecimentos. Essa ideia se evidencia ainda mais diante da percepção de mudanças nas lógicas produtivas atuais do jornalismo, quando critérios de noticiabilidade tornam-se relativos e estão em constante reconfiguração.

As fontes escolhidas para o programa, e que de certa forma constituem-se no mesmo grau do que as utilizadas em outras edições, são fontes estáveis e institucionais (WOLF, 1987), que passam aos repórteres uma credibilidade conquistada com o tempo. Essas mesmas fontes acabam sendo utilizadas até mesmo por apresentarem o ponto de vista oficial. Inclusive, como Angélica mesmo menciona, o fato da existência de *fake news* faz com que os repórteres tenham um cuidado maior com as informações, como por exemplo, a notícia da

demissão de técnicos em um *blog* na internet. Dessa forma, é preciso que os profissionais tenham as suas fontes de confiança, para que possam confirmar as informações. Esse fato faz com que os jornalistas utilizem fontes regulares pelo fato delas apresentarem conteúdos credíveis (WOLF, 1987). Junto a isso, a repórter verifica as informações e dá uma interpretação a elas para transmitir aos ouvintes. As entrevistas no evento foram feitas com o celular. Essa é uma das tecnologias mais usada pela repórter e que facilita não apenas a recolha das informações, como a própria transmissão futebolística, conforme explica a repórter:

Esse ano, a gente daqui da Rádio Imembui utilizou (o celular) para fazer as transmissões dos jogos via *Skype*, que foi a primeira vez que foi implantando na Rádio Imembuí. Antes era aquele processo de linha. Chegava no estádio e não tinha linha, porque o retorno vinha daqui e dali, o retorno tinha que passar de São Gabriel pra Caxias, daí de Caxias vinha pra cá e não voltava. A gente tinha muita dificuldade com isso. A gente tinha que grampear celular, o som não saía da maneira que a gente queria. Então a tecnologia nos ajudou até pra isso agora. A gente faz via *Skype*, fica som de estúdio, fica do jeito que o ouvinte gosta de ouvir [...] (VARASCHINI, 2018).

A utilização do celular foi possível devido a mudança analógica para o digital, ocorrida no rádio no início dos anos 90 (BIANCO, 2004). O uso do celular trouxe novas alternativas para o radiojornalismo, pois os profissionais podem não só realizar entrevistas com a nova tecnologia, como também entrar ao vivo do local em que estiverem, o que torna o processo mais ágil (BIANCO, 2004). Essa prática é visualizada nos boletins feitos por Angélica direto dos treinamentos do Inter-SM. O boletim pode ser tanto ao vivo, como gravado e pode ou não conter um trecho de uma entrevista. O que define se o boletim feito por Angélica à tarde é ao vivo ou gravado é o fato de estar ou não ocorrendo treino do Inter-SM no horário. A repórter geralmente entra no programa “Tá na hora” com André Campos ou no “Imembuí News” com Tiago Nunes. Se no momento estiver acontecendo o treino do clube, a jornalista entra ao vivo no programa. Caso contrário, Angélica liga para a rádio e grava o boletim diretamente do treino. A característica de gravar o boletim *in loco* (FERRARETTO, 2000) é apontada por Angélica como essencial, tanto dos treinos do Inter-SM, como de outros eventos esportivos, por mais que ela não esteja ao vivo.

As tecnologias, em especial o celular, alteram a produção, transmissão e consumo das informações e, diante disso, é preciso que os jornalistas debatam sobre os modos de fazer radiojornalismo e as linguagens específicas do formato (LOPEZ, 2010). O fato que mais alterou a linguagem utilizada pelos comunicadores no programa foi a migração do AM para o

FM. A troca exigiu dos profissionais a mudança não só na forma da apresentação, como também em alguns elementos do programa, conforme explica Angélica:

O FM te demanda mais agilidade, tu tem que ser um pouquinho mais dinâmico nas coisas. Quando eu comecei no AM aqui, eu fazia produção. Depois com o FM a gente viu que seria legal fazer o programa com dois apresentadores, para ser mais dinâmico, para dar aquele pique maior. Principalmente pelo horário, porque ali bem na hora do almoço, a galera tem que tá ligada, tem que prestar atenção e passa muito rápido [...] O FM, ele tem característica um pouquinho diferente do AM. Não que a gente tenha mudado radicalmente depois que passou do AM para o FM. A gente continuou com as mesmas metodologias [...]. A gente busca trilhas mais animadas. A gente tem, por exemplo, a música de sexta no programa pra dar uma animada. As conversas são mais descontraídas. A gente busca mais isso, sem perder a credibilidade ou a informação. [...] O entrevistado, por exemplo, a gente tenta buscar algo mais legal, principalmente no esporte isso é bacana. Tu tem essa possibilidade, de trazer mais descontração. [...] A gente consegue, por exemplo, fazer algo diferente, como foi o nosso primeiro programa em estilo próprio pra *Facebook*, pra *live*. Foi direto do estádio Presidente Vargas. Então tudo isso é possível devido a essa maneira diferente, a essa dinâmica que o FM te permite fazer muito mais (VARASCHINI, 2018).

O próximo passo executado pela repórter é a gravação do noticiário. Após, Angélica contabiliza em 13 minutos o tempo que tem de áudios. A jornalista conta que quando a apresentação do programa é feita por apenas uma pessoa, busca-se conseguir uma média de 21 minutos de entrevistas gravadas, pois somado com os boletins da dupla Grenal, mais o Agenda da Bola e o Lance Rápido, totaliza o tempo do programa. A explicação para o aumento das entrevistas é o fato de não haver as conversas entre os apresentadores no ar. Isso também ocorre em dias de feriados, pois o programa começa cinco minutos mais cedo. Porém, como Angélica tinha informações a mais para transmitir no ar sobre o congresso, além das que já estavam nas entrevistas, ela fechou o total de áudio em treze minutos. As entrevistas já haviam sido passadas para o computador para serem editadas. Dessa forma, o programa já estava praticamente pronto. Restava apenas montar o roteiro e baixar os boletins da dupla Grenal da rádio Bandeirantes RS.

Ao longo da manhã, vários colegas entram e saem da redação. Nesse meio tempo, Angélica auxilia um colega com a previsão do tempo, pois o profissional responsável por essa informação está de férias.

Os próximos programas do Arena Esportiva serão totalmente focados na Copa Wianey Carlet, conforme conta a repórter. Ao longo da semana, a jornalista começará a ligar para os clubes que vão enfrentar o Inter-SM para saber como está a preparação para o torneio. Além disso, no momento em que o Inter-SM começar a pré-temporada, Angélica volta a acompanhar os treinos do clube. Aqui nota-se novamente a presença do valor-notícia

proximidade (WOLF, 1987), que toma conta do programa. No caso das pautas sobre o Inter-SM e Riograndense, não há a disputa, com outros assuntos, pelo espaço no tempo do programa. Segundo explica Angélica, pelo fato do Arena Esportiva dar ênfase ao local, e principalmente ao futebol, os dois clubes da cidade sempre merecem destaque e tornam-se um valor-notícia permanente, que se sobrepõem aos outros.

Apesar do Inter-SM não estar, atualmente, em atividade, como a repórter é uma setorista do esporte, ela mantém sempre o contato, via *WhatsApp*, com algum membro do departamento de futebol dos clubes da cidade, principalmente com o Inter-SM, a fim de averiguar quais jogadores serão contratados. Dessa forma, não só o trabalho de Angélica na Rádio Imembuí é totalmente dependente do esporte, como a própria rotina fora do trabalho também é permeada pelo mundo esportivo, conforme ela atesta:

Eu estou sempre, 24h (conectada). Agora não tem Riograndense, mas quando tinha, a minha vida girava em torno do Inter-SM e do Riograndense. Eu sei de tudo o que acontece. [...] nas férias, o certo é desligar o celular. Não dá. Eu fico falando com o pessoal do Inter-SM: "Vão contratar? Quando vai ser a apresentação? Como estão se organizando? E o jogo? E o treino?". [...] Por isso que o *WhatsApp* é muito legal, porque facilita. [...] Eu estou sempre ligada, sempre buscando, sempre olhando. A gente não tem as horas de trabalho. A gente do esporte trabalha o dia todo, toda a hora tem que estar sabendo. Eu acho que no esporte, mais do que qualquer outro setor, tu tem que estar conectado. Às vezes tu está jantando e toca o telefone. Tu para tudo o que tu estava fazendo com teus amigos, olha, responde, vê, busca. E as pessoas que convivem com a gente tem que estar acostumadas com isso, porque não adianta (VARASCHINI, 2018).

Dessa forma, como Angélica realiza o trabalho de setorista (FERRARETTO, 2000), a repórter acompanha o dia a dia do clube por meio dos treinamentos e tem conhecimento, em primeira mão, sobre os atletas que tiveram alguma lesão e possíveis substituições de jogadores. Outros esportes como o futsal, também é acompanhado de perto por Angélica por meio dos jogos que ocorrem.

Com os áudios da dupla Grenal já baixados, Angélica fecha o programa com 16 minutos de áudio. Assim, o próximo passo é finalizar o roteiro, pois os jogos do dia para o Agenda da Bola e as manchetes do Lance Rápido a repórter já havia realizado mais cedo. Um dos motivos da importância do roteiro é justamente a delimitação do tempo (KAPLÚN, 2017). O autor recomenda que cada parte do roteiro tenha os minutos de duração, para que possa ser calculado o tempo total, característica visível no roteiro do programa. Dessa forma, os repórteres evitam passar do tempo estipulado.

Por meio do grupo da imprensa no *WhatsApp*, Angélica tenta o contato com o time do Real, de Tramandaí, que disputará a Copa Wianey Caley e enfrentará o Inter-SM. O clube

será o primeiro da série feita pela repórter sobre a preparação dos times para o torneio. Com o roteiro finalizado, Angélica imprime duas cópias do documento e, às 11h20min, sai para almoçar.

No retorno à redação, a repórter vai até o estúdio para começar a apresentação do programa. A primeira ação feita pela jornalista é abrir o *WhatsApp* no computador da rádio, que está localizado sobre a mesa dos microfones.

Enquanto Angélica comenta no ar sobre a chave em que tinha ficado o Inter-SM na Copa Wianey Carlet, um ouvinte envia um recado pelo *WhatsApp*, na qual opina sobre o assunto. Visualiza-se, dessa forma, que o público possui uma relação direta com os profissionais, transformando-se em um diálogo, na qual as pessoas manifestam as suas opiniões e dão os seus feedbacks (FERREIRA, 2018) diretamente nos canais disponibilizados pela emissora. Isso ocorre tanto nas publicações e *lives* feitas no *Facebook*, como por meio do *WhatsApp*. Angélica responde o ouvinte pelo aplicativo e depois lê a mensagem no ar. A participação do ouvinte durante a transmissão radiofônica por meio da internet é a representação de um público e de um rádio configurado para as novas tecnologias. Esse modelo radiofônico fundamenta-se na interação com os ouvintes e faz do público um usuário que produz e consome os conteúdos (PRATA, 2008).

O *WhatsApp* durante o programa é usado, principalmente, para que o ouvinte possa enviar recados e opinar sobre assuntos transmitidos no ar, conforme conta Angélica. “É um palpite de jogo, ou um comentário do ouvinte sobre o que achou do jogo, sobre a contratação, o que pensa o ouvinte, a preocupação do torcedor”. Segundo a repórter, o *WhatsApp* no Arena Esportiva não é muito utilizado para a sugestão de pautas pelos ouvintes, principalmente pela questão de que os repórteres englobam muitos esportes, mas o canal está sempre aberto a sugestões.

Na sequência do programa, para quem estava escutando, pode ter percebido algo de estranho após a última entrevista chamada por Angélica. Devido a um deslize, a entrevista foi ao ar sem Angélica ter realizado os cortes iniciais que costuma fazer, na qual consta a apresentação do entrevistado. No mesmo momento, a jornalista pediu ao técnico de áudio para tirar a entrevista do ar e chamou a fala de volta para ela. Enquanto falava no ar sobre a entrevista que deveria estar sendo transmitida, Angélica escreveu num papel um recado para o técnico de áudio para apenas cortar o início da entrevista para que essa pudesse ser rodada. Como no momento foi difícil realizar essa edição, Angélica desistiu da entrevista e avisou no ar que o áudio será rodado no dia posterior. Após isso, a jornalista continuou a apresentação normalmente.

5.1.3 Arena Esportiva - Edição do dia 1º de agosto de 2018

No dia 1º de agosto de 2018, quinta-feira, Angélica chega à redação por volta de 09h30min. Neste dia, a jornalista tem a presença do seu colega Tiago Nunes, com ela quem divide a apresentação do programa. Como Tiago é o responsável pela produção e apresentação do correspondente que vai ao ar às 8h, e das quatro edições do “Notícias 101.9”, ele chega às 7h na rádio.

Os repórteres conversam sobre Copa Wianey Carlet, que já está prestes a começar. O fato deles saberem sobre esse e outros campeonatos, bem como sobre o que ocorre no mundo esportivo, é devido a possibilidade das novas ferramentas de trabalho que permitem que o jornalista tenha conhecimento sobre vários assuntos do esporte. O repórter esportivo encontra-se mais preparado do que antigamente e demonstra conhecer amplamente as modalidades esportivas, não só o futebol (BARBEIRO; RANGEL, 2015).

Como os apresentadores vão comentar sobre o torneio, Angélica imprime duas cópias da tabela do 1º turno do campeonato para servir como base para o programa. Os dois também dialogam sobre pautas e possíveis entrevistas para gravar para o restante da semana, bem como o entrevistado para levar ao estúdio ao vivo. Nota-se que este é o único tempo que os dois repórteres tem disponível para conversar sobre as pautas. De acordo com Tiago, ao longo da manhã eles debatem, na sala de redação, sobre o que será noticiado nos programas e distribuem as pautas ao longo da semana, conforme exemplifica:

A gente não tem uma reunião de pauta fixa. Como a gente tá sempre na correria, com outras atividades, a gente tá sempre procurando conversar. Então surge uma pauta de tarde, eu mando um e-mail pra Angélica. Surge uma pauta de noite, eu mando um *WhatsApp* pra ela, ou mando um e-mail "olha, amanhã tem tal evento", para não esquecer. [...] Mas a gente conversa constantemente. Claro que ela, como produtora, acaba levando a linha de frente [...] (NUNES, 2018).

O fato de Angélica comandar a produção do programa identifica-a com a prática do *gatekeeper*, pois as decisões da repórter não são feitas com base em critérios individuais, mas sim em relação a um conjunto de valores em que estão inseridos questões de ordem profissional e organizativa, como a procura por meios para tornar mais eficiente e rápido a produção das notícias (WOLF, 1987). Dessa forma, a repórter é quem, na maioria das vezes, escolhe as pautas e os entrevistados do programa.

Os áudios que vão compor o Arena Esportiva já haviam sido gravados antecipadamente. Uma das possibilidades para isso ocorrer é quando Angélica presencia os

treinos do Inter-SM às tardes, após o programa ir ao ar. Do treino do dia anterior, a repórter coletou a entrevista com o técnico do clube, Guilherme Tocchetto, por meio do celular. Aliás, a utilização dessa tecnologia representou um marco para o rádio, já que as produções realizadas, principalmente no radiojornalismo, são alteradas (LOPEZ, 2010). Dessa forma, mais uma vez é possível ver, como já se observara, que a tecnologia veio a facilitar a própria produção do Arena Esportiva, pois há intensa utilização do celular ou telefone para a coleta de entrevistas. A evolução das tecnologias e a utilização delas no programa são exemplificadas por Tiago:

A gente utiliza muito (as tecnologias). Essa questão da tecnologia mudou bastante, porque antes a Angélica ia fazer uma cobertura, ela tinha que gravar, voltar para o estúdio, baixar o áudio. Então a gente perdia muito tempo e de manhã o tempo passa voando e às vezes os clubes fazem coletiva às 11h. Às vezes 10h o treino começa e termina 12h. Então hoje a Angélica tá no treino, e às vezes "ah, não vou conseguir chegar a tempo". Manda o áudio para o operador via *WhatsApp*, ou entra ao vivo do treino pelo celular. A gente utiliza muito o celular. [...] Então acaba facilitando essa questão de deslocamento. Quando eu comecei na rádio, tinha um gravador de fita. Tinha que gravar, trazer aqui (na rádio), esperar rodar toda a entrevista, e ainda saía um 'chiadinho' de fundo. E às vezes tu não sabia se gravou, não gravou. Tu ia descobrir quando chegava aqui. Agora não. Tu grava no celular também, edita no celular, manda pra cá (rádio), tudo pronto, com uma qualidade de som bem superior. Então facilitou muito a implementação das novas tecnologias (NUNES, 2018).

Os áudios sempre são gravados quando as atividades com os jogadores terminam. Por isso, Angélica sempre tem que esperar até o final do treinamento. Para se deslocar até lá, a repórter tem à disposição o carro e o celular da emissora, caso necessite.

Outros fatores que facilitam esse processo é o acesso às fontes e locais. De acordo com os repórteres, hoje em dia não há tanta dificuldade em se comunicar com as fontes, pois como muitos dos contatos são feitos pelo *WhatsApp* ou *Facebook*, o processo tornar-se mais rápido e prático. Dessa forma, nota-se aqui a utilização internet como uma forma já trazida por Lopez (2010): o acesso a variadas fontes de informação. "Através delas [fontes de informação], é possível desenvolver um trabalho denso e complexo de produção que auxilie o repórter na busca pela informação e na leitura do acontecimento" (LOPEZ, 2010, p. 45). Os jornalistas complementam a apuração feita por telefone ou por outros meios e a utilizam como fonte para comprovar os fatos. O uso da internet pelos jornalistas da Rádio Imembuí também serve para que eles observem os comentários do público e procurem por novas matérias, sempre pensando no que eles podem aproveitar para utilizar no próximo programa. Para isso, nota-se a familiaridade dos apresentadores do Arena Esportiva com as plataformas digitais, o que representa novas opções de produção.

Os repórteres também contam que não encontram dificuldades para acessar os locais para realizar coberturas para o programa, uma vez que a emissora confirma a ida deles aos eventos esportivos e realiza o credenciamento. O fato dos dois profissionais serem conhecidos na cidade entre os esportistas, pois acompanham os campeonatos locais, acaba por facilitar o processo de comunicação e o acesso, de acordo com Angélica, pois há um reconhecimento do trabalho desempenhado pelos repórteres.

A outra entrevista que será transmitida no programa é o áudio que estava programado para rodar no dia anterior, com o presidente do time de futsal União Independente, Claudemir Fernandes, sobre a saída do técnico Choco do time, mas acabou sendo cortado, pois os repórteres alongaram-se nos comentários. Aliás, quando perguntados sobre o tempo, Tiago e Angélica disseram sentir falta de um espaço maior para o programa na grade de programação:

Hoje a gente tem um programa que tem um tempo limitado e a gente às vezes sente falta de uma entrevista ao vivo, que a gente não faz muito porque às vezes tu não tem o domínio da entrevista e tu acaba estourando o programa. Então a gente sente falta disso e também de um debate maior. A gente tem aquele momento de conversar, trocar informações, e quando a gente começa fazer isso, toma conta do programa por um bom tempo e isso acaba estourando. Várias vezes a gente começou a falar de futebol e às vezes a última matéria não entra e tem que ficar para o outro dia (NUNES, 2018).

Os apresentadores conformam-se com o curto período de tempo, pois essa é a programação estabelecida pela Rádio Imembuí. Segundo Tiago, o aumento do tempo do programa acarretaria a diminuição do horário de outro profissional, o que dificultaria devido às questões comerciais envolvidas. A saída é, ao longo de outros programas, veicular boletins esportivos, como nos programas à tarde, ou nos comentários feitos por Angélica no programa do Vicente Paulo Bisogno. Devido ao horário limitado, Angélica conta que, às vezes, os repórteres pecam na cobertura de algum esporte, pois não há como transmitir tudo. Apesar disso, ela avalia que com o tempo que possuem, os repórteres conseguem fazer um bom trabalho em termos de cobertura esportiva.

Angélica e Tiago calculam o tempo do programa com as duas entrevistas gravadas no dia anterior, mais a realizada de manhã cedo com o técnico do São Borja, Jair Galvão, que subiu para a Divisão de Acesso 2019.

Do seu computador na redação, às 10h, Angélica escuta novamente os áudios gravados que irão ao ar para ver se há a possibilidade de cortar alguns minutos, para não correr o risco de estourar o tempo. Aliás, o uso de *softwares* para a edição de som foi um dos momentos importantes vividos pelo rádio, o que possibilitou a informatização da redação e desencadeou

novos modos de produção das notícias (BIANCO, 2004). Há, dessa forma, uma exigência dos profissionais, para que eles saibam utilizar tanto os softwares de edição de áudio, como também saibam operar, minimamente, as próprias mesas de áudio para as gravações dos noticiários.

Angélica contata algumas fontes pelo *WhatsApp* e comenta com elas, por áudio, sobre o Inter-SM na Copa Wianey Carlet e sobre o gramado do Presidente Vargas. O próximo passo da repórter é copiar as manchetes para o Lance Rápido e estabelecer a ordem que as entrevistas vão ao ar. Essa hierarquização dentro do esporte local é determinada conforme as prioridades do programa. Inicialmente, sempre são transmitidas as notícias do futebol local com o Inter-SM e o Riograndense.

Posteriormente, ganham destaque modalidades esportivas que estão mais em evidência, conforme salienta Angélica. Nesse quesito entram: futsal, com a Série Bronze, futebol americano, com o Santa Maria Soldiers, vôlei, *rugby*, basquete, e futebol 7. A ordem é concluída com outros esportes que o programa não dá tanta ênfase, mas sempre quando ocorrem competições e eventos, os repórteres procuram englobar, como a canoagem, algum projeto da Asena, evento de judô, ou a entrevista com uma personalidade no esporte que esteja presente na cidade. A escolha dessa hierarquia é explicada por Tiago pelo motivo do programa não conseguir abordar, na segunda-feira, todos os jogos que ocorrem no final de semana. Devido a isso, há uma distribuição das pautas ao longo dos dias.

Logo após o término, às 11h25min, Angélica e Tiago saem para almoçar.

Na volta dos repórteres para a apresentação do programa, Tiago entra no *WhatsApp* da emissora no computador no estúdio. Com o retorno de Tiago, a apresentação volta a ser em forma de um diálogo informal, já que no programa não há nenhuma leitura de textos em formato noticioso. O programa com dois apresentadores torna-se mais dinâmico e atrativo para os ouvintes pelo fato de mesclar as falas, além de apresentar mais de um ponto de vista. Como não existe a produção de textos radiofônicos, o programa é uma mescla de improviso com conteúdos preparados.

O improviso pode ser observado na interação entre os dois apresentadores e nos comentários feitos após a transmissão das entrevistas gravadas. Já a preparação está identificada nas discussões realizadas previamente pelos repórteres antes do programa ir ao ar, nas manchetes do Lance Rápido e nos jogos da Agenda da Bola, conteúdos esses preparados previamente e impressos em uma folha. As manchetes lidas pelos apresentadores nada mais são do que títulos, não editados, de matérias encontradas nos *sites* esportivos.

Durante a apresentação, enquanto são transmitidos os boletins da dupla Grenal da Rádio Bandeirantes, Angélica e Tiago conversam sobre a tabela da Copa Wianey Carlet. Os boletins sobre o Internacional e o Grêmio, que compõem o programa, são os primeiros conteúdos transmitidos no Arena Esportiva. A justificativa para essa escolha é devido a dupla Grenal ser muito acompanhada pelos ouvintes na cidade. Além disso, pela semelhança do horário, a Rádio Imembuí compete com o programa de esportes da Rádio Gaúcha. Segundo Tiago, a emissora concorrente despeja, de início, uma série de informações sobre a dupla Grenal. Portanto, como Tiago e Angélica iniciam com as informações dos clubes da capital gaúcha, dá tempo do ouvinte santa-mariense e da região ouvir o início do programa porto-alegrense e depois migrar para a Imembuí para ouvir as notícias do esporte local. “A gente tem o público local, claro, que é o nosso foco, tanto é que mais da metade do programa é para o esporte local, mas essa abertura do programa é, de certa forma, pra gente captar o ouvinte que vai em busca das informações da dupla”, conta o repórter.

Num determinado período, enquanto Tiago fala ao microfone, ele faz sinais para o técnico de áudio para indicar que faltou o fundo musical enquanto os dois apresentadores falam. Segundo Tiago, a música é usada apenas na fala dos apresentadores, e não durante as entrevistas, e serve para caracterizar mais o FM. Os repórteres recebem um recado no *WhatsApp* da emissora de uma ouvinte que parabeniza o programa e faz uma reclamação sobre atendentes de supermercado que mexem no celular enquanto atendem os clientes. O comentário lido faz com que Angélica também comente no ar sobre uma situação ocorrida com ela em relação ao uso do celular.

Diante disso, nota-se não só a importância da interação com ouvintes, como a própria necessidade das emissoras de se atualizarem e acompanhar às demandas do novo público digital que está inserido nesse ambiente tecnológico (BIANCO, 2004). A autora sinaliza que esta é uma característica do radiojornalismo contemporâneo, pois com a internet, há novas possibilidades de interação, como o próprio envio de áudio pelos ouvintes. Essa participação do público, seja ela intensa ou não, faz com que as rotinas dos jornalistas e da própria emissora seja alterada, pois a rádio precisa pensar como fará a sua inserção nesse ambiente. Além do mais, é necessário que os profissionais se mantenham atualizados em relação às tendências das tecnologias e o quanto os ouvintes as utilizam, para que assim, possam compreender o público e saberem como pensar nesse novo contexto do rádio (LOPEZ, 2010).

Os repórteres visualizam que muitos profissionais ainda enfrentam dificuldades em evoluir junto com as tecnologias. Para Tiago, o ouvinte está na internet e para isso, os profissionais de rádio também precisam estar, “se não, infelizmente, vai ficar para trás e o

mercado não perdoa”. Angélica também segue essa linha de pensamento, ao contar o quanto ela, como profissional, mudou as suas práticas ao longo dos anos. “O profissional hoje em dia precisa saber um pouquinho de tudo. Antigamente, aquele que sabia só uma coisa, que era muito bom numa coisa, era o melhor [...]. Hoje em dia, pra ti ter uma melhor posição, tu precisa saber envolver todos esses processos [...]”. Percebe-se, portanto, que as possibilidades de trabalho oferecidas aos jornalistas crescem cada vez mais, pois com a tecnologia, a apuração e o comportamento do público também se modifica (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

A repórter visualiza que as próprias universidades estão evoluindo e também estão pensando em formar um profissional multimídia, capacitado à multitarefa jornalística. Sobre a participação dos ouvintes, Tiago comenta que aumentou muito quando a rádio migrou para o FM e inseriu-se na internet, pois antigamente a participação se dava pelo mural de recados no *site* da rádio. O processo não era muito ágil, pois o ouvinte tinha que ir para o computador e abrir o *site*. Já com a internet, Angélica visualiza o quanto a participação foi simplificada:

[...] com a internet facilita muito, e a participação do ouvinte é muito maior. Por exemplo, a gente vê que quando tem entrevistado no nosso programa, ao vivo, e tem a *live*, a participação do ouvinte é muito maior por ali do que só mandando recado no *WhatsApp*. Tu vê que tem uma participação maior, que o ouvinte acompanha, mas principalmente o que a gente fala nas jornadas esportivas: o ouvinte tem uma participação incrível com a Rádio Imembuí, seja pelo *Facebook*, seja pelo *WhatsApp*, seja por ligação até mesmo. Mas essa opção que a gente tem também de poder mostrar um pouquinho pela internet, o ouvinte se sente mais incluído, porque ele tá te vendo também, ele tá acompanhando, ele tá ali contigo, ele tá ali no mesmo momento que tu. Então o ouvinte faz parte disso e a gente fica muito feliz e o ouvinte participa bastante, porque hoje em dia o ouvinte também é nossa fonte [...] (VARASCHINI, 2018).

Após os repórteres apresentarem todos os quadros, o programa é finalizado.

5.1.4 Arena Esportiva - Edição do dia 09 de agosto de 2018

No dia 09 de agosto de 2018, quinta-feira, Angélica chega por volta das 9h na rádio e comenta com Tiago sobre os times participantes da Copa Diário, prevista para ocorrer nos dias posteriores e sobre as entrevistas selecionadas para ir ao ar na edição do dia. Uma delas foi gravada no dia anterior, mas não foi transmitida, pois o programa contou com o entrevistado ao vivo.

Junto a isso, os repórteres conversam sobre a divisão das pautas da tarde. Tiago vai ao seminário sobre diálogos eleitorais, promovido pela Agert e chegou a notícia de que haverá

uma coletiva de imprensa sobre o Hospital Regional no mesmo horário. Angélica também não poderá cobrir a coletiva, pois ela vai estar presente no treino do Inter-SM. Na entrevista concedida pela repórter, ela menciona o fato de que cobre assuntos não relacionados ao esporte pela rádio, mas se tem um evento em paralelo com os treinos do Inter-SM, os colegas da redação sabem que ela dará preferência ao futebol. Diante disso, nota-se que essa postura em relação às escolhas vai ao encontro do que Barbeiro e Rangel (2015) evidenciam ao afirmar que “o apresentador de programa esportivo contemporâneo, seja de que conteúdo for, tem uma postura jornalística e trata os eventos com os mesmos critérios que outros jornalistas cuidam de política, economia, artes e espetáculos, etc” (p. 74).

Angélica lamenta com Tiago a entrevista que gravou no dia anterior na técnica do estúdio e acabou perdendo, pois o programa de áudio do computador travou durante a entrevista e ela não conseguiu recuperar. Diante disso, Tiago menciona a ela um episódio semelhante ocorrido com um colega de rádio que, por meio de artimanhas, conseguiu ligar novamente para o entrevistado e fazê-lo repetir as repostas que já havia dado.

Enquanto Angélica não consegue o contato com entrevistados, que não atendem, a repórter seleciona as manchetes para o Lance Rápido. Nota-se que o modo como o Arena Esportiva está estruturado, por meio dos quadros que o compõem, faz com que esse seja um programa diferenciado na grade da emissora. Dessa forma, os direcionamentos feitos pelos apresentadores, com base nos conteúdos, características e linguagem selecionados, atribuem ao programa segmentação e personalidade (KAPLÚN, 2017).

Os principais meios pelos quais Angélica e Tiago buscam notícias é por meio dos *sites* e grupos de campeonatos da imprensa esportiva do interior. Tiago utiliza o *WhatsApp* para marcar entrevistas com as fontes de informação. Já o *Facebook*, a frequência do uso é bem menor, mas também é utilizado para procurar pautas, caso os clubes de futebol não possuam *sites*. O fato observado é que essas novas ferramentas, como o celular e a internet, fornecem aos jornalistas novos lugares de interação e força-os a usar e compreender esses novos dispositivos a fim de acompanhar os ouvintes (LOPEZ, 2010). Tem-se, portanto, uma alteração na produção de notícias, pois com as tecnologias, o público torna-se mais ativo.

Angélica está sempre conectada no *WhatsApp*, pois, por meio do aplicativo, a jornalista tem contatos e recebe informações. Conforme exemplifica a repórter:

[...] se tu quer confirmar uma informação, tirar uma dúvida, o teu *WhatsApp* tá ali. Todos os contatos estão ali. O *Facebook* é bem menos agora. O *Facebook* às vezes tu fica até garimpando coisas. [...] por exemplo: "tal jogador mencionou no *Facebook* dele que tá saindo do clube por algum motivo". Então as redes sociais, pra

gente, é uma fonte. E é muito importante na busca por informação, principalmente o *WhatsApp*. (VARASCHINI, 2018).

Diante do fato de que os repórteres estão o tempo todo conectados na internet, em especial no *WhatsApp*, é possível verificar que os profissionais fazem parte da geração virtual descrita por SILVA (2001 apud PRATA, 2008), pois a comunicação realizada por Tiago e Angélica com outras fontes é feita, primordialmente, por intermédio da internet. Esse novo suporte permite o diálogo entre as pessoas participantes dos grupos de *WhatsApp* que se encontram em várias cidades da região, o que ressignifica as noções de distância e tempo. Por meio de matérias identificadas nos grupos do *Facebook*, Angélica costuma ligar para as fontes a fim de apurar as informações e transformar em pautas para o programa.

Frente a isso, apesar do trabalho dos profissionais de rádio ter sido facilitado pela internet e telefone, a apuração feita por esses dos meios desencontra-se com o essencial princípio do radiojornalismo: o deslocamento a campo do repórter e a aproximação com o ouvinte (LOPEZ, 2010). A repórter, que utiliza as duas tecnologias como um dos principais meios para apuração, conta que quando entrou para a Rádio Imembuí, a tecnologia era outra.

Nem todo mundo tinha *WhatsApp*, nem todo mundo tinha um telefone com *WhatsApp*. Tu buscava mais [...]. A internet ajuda muito (atualmente). Antes, tu tinha, por exemplo, um evento no CDM. "Vou ter que ir lá para ver o que está acontecendo". [...] Tu tinha um pouquinho mais de dificuldade, porque tu tinha menos acesso à informação. Hoje em dia tu tem mais acesso à informação, e isso, de um certo ponto, te dá também muita informação falsa, que hoje todo mundo fala em *fake news*. Então tu tem que apurar muito bem essa informação. Por exemplo, saiu no *blog* do Fulano, ou no *Facebook* do fulano, que o técnico foi demitido. Vamos ligar para o clube pra saber realmente se o técnico foi demitido, ou vamos ligar para o técnico para ver realmente o que aconteceu. Então por um lado tem muito mais acesso à informação, mas tu pode também ter muito mais acesso à informação falsa (VARASCHINI, 2018).

É indiscutível que a presença desses elementos altera o perfil profissional dos jornalistas e coloca em dúvida quais as mudanças que serão necessárias para o campo de atuação. “Esse contexto pede novas habilidades, com características somadas à essência da busca pela verdade, da boa apuração e do cruzamento de dados, por exemplo” (LIMA, PAULINO, 2011, p. 17-18). Diante disso, o que se percebe é que os profissionais permanecem, o tempo todo, adaptando-se a essa realidade, pois as mudanças ocorrem rapidamente.

Outro meio de Angélica buscar as pautas para o programa é através do contato direto com as fontes. Conforme a repórter, existem muitos contatos em que ela liga de vez em quando para averiguar se há novidades no esporte, como por exemplo, a ocorrência de algum

evento esportivo nos próximos dias. A partir da conversa com as fontes, surgem pautas não só para o dia, como também para programas mais distantes, pois elas acabam comentando sobre a existência de campeonatos futuros. Diante disso, Angélica já anota em sua agenda, para que assim ela se lembre de ligar novamente.

Às 10h Angélica tenta realizar algumas ligações. Quando consegue falar com o representante do Riograndense sobre as eleições que vão ocorrer no clube, a fonte preferiu adiar a entrevista para o próximo dia. Diante disso, Angélica vai em busca de outra pauta. Às 10h30min ela vai até a sala de gravação tentar gravar a entrevista com o presidente do Lajeadense, Alexandre Sebben. Com tempo disponível, o presidente concede entrevista à Angélica. A repórter comenta que foi difícil realizá-la, pois o técnico respondeu brevemente as perguntas. Diante disso, é possível perceber que a relação entre o entrevistador e a fonte é sempre ativa e faz parte de um processo. “A entrevista reside em um ciclo de saber perguntar, ouvir a resposta, reprocessar o que foi dito e questionar novamente” (FERRARETTO, 2000, p. 274-275). Essa entrevista compõe a série de conteúdos que Angélica está realizando sobre os adversários do Inter-SM. O assunto é justamente a preparação do time para a Copa Wianey Carlet. Após quinze minutos, Angélica termina e edita a gravação. Com esse tempo, ela fecha o programa com 19 minutos.

A escolha das fontes para as pautas do programa depende do assunto que será abordado, conforme exemplifica Angélica. Se o tema for sobre os sócios e o lançamento de camisetas do Inter-SM, por exemplo, a fonte é o diretor de *marketing*. Caso o assunto seja relacionado com folha de pagamento, dívidas trabalhistas e organização interna do clube, o entrevistado é o presidente. A repórter menciona que o conhecimento de quais fontes entrevistar é adquirido com o tempo, mas sempre as pessoas procuram encaminhar os repórteres para os responsáveis dos assuntos caso os repórteres não saibam. Aliás, é esse conhecimento que permite ao repórter um maior entendimento dos fatos, o que acaba por tornar mais simples o contato com as fontes e possibilita a construção de pautas mais precisas (COELHO, 2011). Tiago também menciona que é realizado um rodízio de fontes para que a presença de determinadas pessoas no programa não se torne repetitiva. A escolha das fontes pode ser estabelecida, também, em função da eficiência, pois os jornalistas possuem um prazo para finalizar a produção (WOLF, 1987). Dessa forma, a depender da pauta, existem certas fontes que são mais rápidas de serem consultadas.

Após a entrevista, Angélica finaliza o roteiro. A repórter também escreve, ao lado do nome dos entrevistados, o tempo de áudio de cada sonora. Além da entrevista com Alexandre Sebben, também há uma entrevista com o técnico do Inter-SM, Guilherme Tocchetto, sobre o

jogo-treino assistido por ele entre Avenida e Juventude, ambos adversário do clube santamariense. A outra entrevista foi realizada com o representante do consulado do Internacional de Porto Alegre sobre a festa com ídolos e taças do clube que vai ocorrer no dia posterior. A indicação do tempo de cada áudio é importante para que os repórteres calculem, durante a apresentação do programa, quantos minutos ainda restam no ar e, assim, o quanto eles ainda podem se alongar nos comentários emitidos após as entrevistas. Dessa forma, no roteiro estão a ordem dos quadros do programa, as entrevistas e a inserção das vinhetas. Assim, o roteiro serve para que a transmissão do programa seja realizada com base nele (KAPLÚN, 2017).

Às 11h20min Tiago sai para almoçar, mas Angélica fica para produzir e gravar o “Notícias 101.9”. Na volta de Tiago à redação, os dois repórteres dirigem-se ao estúdio a fim de iniciarem a apresentação do programa. No estúdio, Tiago abre o *WhatsApp* com o celular e olha os recados que ainda não haviam sido lidos.

Durante o programa, chega o recado de um ouvinte que fala sobre a camiseta *retrô* lançada pelo Inter-SM e envia a foto da camiseta. Tiago descreve-a no ar. Nota-se aqui a utilização, pelo ouvinte, de uma das ferramentas disponíveis com o celular: o envio de fotos. O celular também permite ao próprio jornalista a produção de conteúdos noticiosos multimídias (LOPEZ, 2010). Essa ferramenta é utilizada por Tiago durante as narrações dos jogos esportivos. O repórter costuma tirar uma foto do estádio onde o jogo vai ocorrer e publicar no *Facebook* da Rádio Imembui, a fim, também, de anunciar a cobertura feita pela emissora. Aliás, a inserção da rádio no ambiente *online* fortaleceu o meio sonoro, conforme pensa Tiago.

Até o nosso colega, diretor administrativo Johnny Clay Rosa, fala que o rádio é um camaleão, que ele conseguiu se adaptar ao local. Foi um grande ganho. Hoje é a rádio no aplicativo. É a rádio no *Facebook*, com a *live*. É o torcedor participando pelo *WhatsApp* numa interação mais direta. É ele nos vendo no estúdio, o que antes não acontecia [...] (NUNES, 2018).

A repórter Angélica também salienta a força da Imembuí na internet, principalmente quando foram incluídas as *lives* pelo *Facebook*. A inserção da rádio na internet também possibilitou que ouvintes de vários estados do Brasil possam ouvi-la.

Junto com o roteiro, Angélica utiliza uma folha com informações sobre as pautas. O evento que Angélica participou, assim como o próprio congresso técnico em que ela esteve presente nas semanas anteriores, sinaliza o uso de outro valor-notícia aplicado no programa: a questão da disponibilidade, que diz respeito à possibilidade do acontecimento ser coberto pelo jornalista, em termos de estruturas técnicas, distância e tempo (WOLF, 1987). Nota-se, então,

que se a repórter não tivesse tempo disponível e nem meios para se locomover até os locais, muitas pautas não seriam possíveis de ser realizadas.

Angélica dá no ar a informação de que, no dia posterior, o programa vai transmitir a entrevista com o representante do Riograndense. Essa é a entrevista que Angélica tentou realizar, mas a fonte pediu para adiar a gravação. Enquanto as entrevistas são transmitidas, os repórteres conversam sobre a possível realização de um programa especial no dia 17, sexta-feira, pois o Inter-SM estreia no campeonato no dia 19, domingo.

O programa é finalizado às 12h48min com as manchetes lidas pelos apresentadores no quadro Lance Rápido. A escolha por esse formato é em razão do tempo do programa, por isso que as manchetes não são aprofundadas. Segundo Angélica, o quadro serve para mostrar aos ouvintes as principais notícias que ocorrem no dia, para que assim, o programa não fique poluído com muitas informações, mas pouco aprofundamento.

Com o término, os repórteres retornam à redação.

5.1.5 Arena Esportiva - Edição do dia 17 de agosto de 2018

No dia 17 de agosto, sexta-feira, os repórteres chegam à redação nos horários usuais. Neste dia, o diretor de *marketing* do Inter-SM, Marcio Caetano, vai ao programa para ser entrevistado ao vivo no estúdio da rádio.

Como o programa contava com a entrevista ao vivo, não há o Lance Rápido e nem as entrevistas sobre o esporte local. A *live* feita por meio do *Facebook* da emissora é realizada uma vez por semana no programa Arena Esportiva quando há entrevistado ao vivo. Tiago comenta que o tempo é o fator limitante para que não ocorram mais *lives*, pois como outros programas da emissora também utilizam a ferramenta, e é ele quem a gerencia, fica inviável a utilização mais de uma vez por dia. Assim, elaborou-se uma escala de programas, de segunda a sexta-feira, na qual, cada dia, determinado programa é o escolhido para utilizar a ferramenta. A escolha dos repórteres de fazer a *live* no Arena Esportiva quando há entrevistado, segundo Tiago, é porque a fonte divulga o vídeo. Esse ato resulta em um acréscimo no engajamento dos ouvintes, que compartilham, comentam e curtem.

Tendo convidado ao vivo a gente faz (a *live*). Até para divulgar o trabalho daquela pessoa, não só no FM, mas nas redes sociais, porque hoje todo mundo tá nas redes, e tem sido bem bacana. Quando a gente traz jogadores, a família dos jogadores acompanha, seja onde for, via internet, e acaba sendo um programa diferente pela participação mais forte dos ouvintes, dos torcedores (NUNES, 2018).

A isso se observa a prática de *gatematching* (BRUNS, 2011), na qual os indivíduos conectados às redes não são responsáveis por produzir os conteúdos, mas por compartilhar as *lives* feitas pelo programa e avaliar as informações e conteúdos disponibilizados pelos comunicadores e entrevistados. Com as possibilidades de interação, isso ocorre com mais frequência e de forma cada vez mais veloz, “[...] usando as redes sociais mais recentes, que divulgam, compartilham, comentam, questionam e desacreditam as matérias noticiosas dentro de minutos, e usando plataformas adicionais que possibilitam a colaboração *ad hoc* rápida e eficaz entre os usuários” (BRUNS, 2011, p. 119). A prática foi possibilitada devido aos canais disponibilizados pelo rádio, na qual permitem que os usuários comentem, enviem fotos e informações, ou seja, pratiquem a lógica de *produsage* (BRUNS, 2011). Diante disso, nota-se que no modelo de *gatematching* há, muito mais, a fase da resposta por parte dos usuários, o que anteriormente inexistia nesse processo.

A questão visualizada é que, como há uma maior participação dos ouvintes nas redes sociais, a emissora passou a utilizar a nova ferramenta a fim estar onde o ouvinte está. Essa mudança do público acaba por estimular o profissional de rádio a dinamizar a produção, alterar as estratégias narrativas e até utilizar novos canais para que possa se comunicar com os ouvintes (LOPEZ, 2010). Isso está mais visível em uma *live* que os apresentadores fizeram para uma edição do programa, especialmente pensada para o *Facebook*.

Dessa forma, houve uma preocupação dos repórteres com o enquadramento do vídeo e elementos como bancada e cadeiras. Aliás, a inserção do rádio na internet começou quando as emissoras começaram a criar *sites* e páginas na *web* a fim de não apenas interagir com os ouvintes, como também disponibilizar a transmissão dos programas ao vivo (PRATA, 2008). Essas práticas adotadas pela Imembuí, na qual está presente em mais de uma plataforma e utiliza a câmera no estúdio, caracteriza a emissora como rádio expandido (KISCHINHEVSKY, M.; MODESTO, 2014).

Segundo Tiago, a rádio tem de ser ágil em transmitir as informações, pois os ouvintes vão procura-las nas redes sociais. “Se o Inter-SM anuncia um jogador, tem que, pelo menos, publicar nas redes sociais, no *site* dá rádio, dar (a informação) na hora [...]”. Dessa forma, torna-se evidente que o profissional de rádio possui, em suas rotinas, novos elementos e novas narrativas, e que as próprias emissoras devem pensar a sua identidade no ambiente *online*. Torna-se necessária a capacidade dos repórteres de não só transmitir ao público os fatos com fidelidade, como também pensarem em outros formatos narrativos (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

Outro ponto que pode ser explorado com a internet é a disponibilização de algum conteúdo que já foi ao ar (ALMEIDA, MAGNONI, 2009). Neste caso, além de divulgar algumas informações, o Arena Esportiva utiliza a página da Rádio Imembuí no *Facebook* para fazer as *lives*, que ficam registradas na página da emissora e podem ser acessadas a qualquer momento.

Como o programa conta com a presença do entrevistado ao vivo, Angélica não tinha muitas produções para o Arena Esportiva, pois precisava apenas baixar os boletins da Dupla Grenal e copiar para o roteiro os jogos que vão ocorrer no dia.

Pode-se apurar, de acordo com as observações, que as entrevistas que compuseram os programas são, de acordo com a classificação de Ferraretto (2000), de opinião e coletiva. A entrevista coletiva (FERRARETTO, 2000) é possível de ser visualizada quando Angélica seleciona e transmite no programa trechos gravados antecipadamente com o técnico do Inter-SM nas entrevistas em que ele concede após o final dos jogos. Outra entrevista muito comum no programa são as realizadas com esportistas locais sobre o resultado dos jogos ou eventos, em que as fontes dão informações sobre o que ocorreu. Esse tipo de entrevista é classificada como noticiosa, de acordo com Ferraretto (2000).

Já a entrevista de opinião considera que a posição do entrevistado sobre determinado assunto é o ponto principal. Isso ocorre quando Angélica entrevista repórteres de rádios como RBC, de São Gabriel, Rádio Pelotense, Rádio Progresso de Ijuí e Gazeta, de Santa Cruz, a fim de saber suas opiniões sobre determinados times. Segundo a repórter, essa parceria começou por meio dos contatos trocados durante as partidas de futebol, pois o Inter-SM enfrentou os times dessas cidades. Conforme Angélica,

uma coisa é tu conversar com o treinador, com o atleta. Outra coisa é ter alguém lá que acompanha o dia a dia, que é o setorista, que vê, que tem uma visão diferente. Tu tem uma visão mais ampla de tudo aquilo, tu sabe “por que isso (ocorre)” e “por que aquilo (ocorre)”. Então essa parceria é muito legal porque a gente acaba ajudando de certa forma, passando as informações. E tem o *feedback* daqui pra lá. [...] (VARACHINI, 2008).

Desse modo, para que Angélica também possa passar informações para as outras rádios, é necessário que o repórter una “capacidade de observação com habilidade de comunicação” (FERRARETTO, 2000, p. 253). Isso está visível nos programas que Angélica comenta sobre os treinos do Inter-SM, na qual ela informa sobre os detalhes dos acontecimentos. Junto a isso, deve ser incorporada a sensibilidade do repórter em reconhecer

o lado humano dos fatos e estar sempre informado, para que assim os acontecimentos possam ser contextualizados (FERRARETTO, 2000).

Diante disso, Angélica sempre presencia as atividades dos jogadores durante os treinamentos para que saiba opinar, por exemplo, sobre a má atuação de determinado jogador em alguma partida, que pode ser explicada com base no que ocorreu nos treinos. Observa-se, portanto, que quando o assunto é o Inter-SM, os repórteres utilizam o comentário, “texto opinativo que um jornalista ou um especialista em determinada área analisa a fundo um assunto, explicando-o e/ou posicionando-se a respeito” (FERARRRETTO, 2000, p. 281).

Os apresentadores seguem a lógica do formato, ou seja: há a identificação dos problemas, como por exemplo, a falta de gols; há a interpretação sobre o porquê da ocorrência desse fato, como a má finalização; e, posteriormente, os apresentadores emitem a sua opinião e sugerem o que deve ser feito para que o cenário mude, como a contratação de um centroavante que saiba finalizar a gol. Para que os repórteres possam emitir os seus comentários, é necessário o conhecimento do contexto em que está situado o clube, os personagens que atuam no Inter-SM, além de saberem sobre os aspectos técnicos e táticos. Além do mais, a análise tática das partidas e a descrição do que ocorreu nos jogos é um dos conteúdos que mais capturam os ouvintes (COELHO, 2011).

Em todas as observações realizadas nesta pesquisa, a quase totalidade dos programas, com exceção de um, foram compostos por três entrevistas. Angélica conta que, dependendo da fonte, como foi o caso dos jogadores do Inter-SM contratados para a Copa Wianey Carlet, ela envia perguntas por *WhatsApp* e pede para que eles enviem as respostas através de áudios pelo aplicativo, mas essa não é uma prática muito recorrente.

O cenário digital em que estão inseridos os repórteres do programa acaba por facilitar suas rotinas de produção, mas vale salientar a percepção de Lopez (2010) para um cenário que se contrapõe a isso, pois a velocidade intensificada das formas de produção e de consumo passou a exigir que os repórteres produzam mais conteúdos em menor tempo. Perguntada sobre o expediente que cumpre na rádio, Angélica conta que se adapta aos eventos esportivos. Geralmente, de manhã a repórter produz o Arena Esportiva e à tarde acompanha os treinos do Inter-SM, que terminam entre 17h e 19h. Quando surgem jogos à noite ou outros eventos sociais do âmbito esportivo, a repórter encaixa a sua programação diária de modo a estar presente.

Um fato interessante é que a quase a maior parte das entrevistas que compõem o programa do dia, é gravada durante as manhãs. O contrário só ocorre quando há eventos esportivos ou treinos e jogos de futebol, que acontecem depois do programa ir ao ar. Portanto,

uma questão que também define quais serão os entrevistados, além dos valores-notícia, é a disponibilidade da fonte (WOLF, 1987).

Ao longo da manhã, os repórteres conversam sobre as regras da Copa Wianey Carlet. Tiago solicita que Angélica coloque umas informações no roteiro para eles se lembrarem de falar no programa. Junto a isso, Angélica confirma, no *WhatsApp*, a presença do entrevistado e pede para ele trazer a camiseta retrô lançada pelo Inter-SM para mostrarem na *live*.

Enquanto estão na redação, recebem ligações de ouvintes que reclamam de algumas situações. Angélica anota a informação para passar para o seu colega, que faz o programa à tarde, e costuma transmitir no ar essas reclamações.

Às 11h, Tiago tira do mudo a televisão que se encontra na sala, para que os repórteres escutem a convocação do técnico Tite para os amistosos da seleção brasileira. Posteriormente, enquanto Tiago faz a gravação do correspondente, Angélica finaliza o roteiro. Ela se recorda que precisa escolher uma música para tocar no programa, característica do Arena Esportiva nas sextas-feiras. Diante disso, Tiago escolhe um rock nacional, que comenta ser o gosto do entrevistado.

Com tudo finalizado, os repórteres saem para almoçar às 11h30min e quando retornam, conversam sobre as pautas da semana que vem. Eles dividem as entrevistas por dia, e utilizam o critério da atualidade para distribuí-las.

Angélica menciona a Tiago que na próxima semana vai cobrir a colega de rádio no programa anterior ao Arena Esportiva e ainda não havia pensado nas pautas e nem teria tempo de produzir algo durante o final de semana.

Minutos antes de o programa ir ao ar, os repórteres dirigem-se ao estúdio e verificam que o entrevistado já está lá. Perguntado sobre se alguma vez o entrevistado ao vivo já “furou”, já que é um risco que os repórteres correm, pois o programa é voltado diretamente para o entrevistado, Tiago conta que é raro isso ocorrer. Porém, esse era um receio muito grande que os repórteres tinham no tempo do AM, pois os entrevistados atrasavam ou desmarcavam meia hora antes do programa começar. Diante disso, houve um tempo em que o programa não tinha mais entrevistas ao vivo, mas com a mudança para o FM, a prática retornou. Segundo Tiago, nunca aconteceu de a fonte, em cima da hora, cancelar a ida ao programa. Caso isso aconteça, o repórter menciona que a solução é tentar alternativas, como gravar a entrevista antecipadamente ou realizá-la ao vivo por meio do telefone.

No estúdio, a primeira coisa que Tiago faz é posicionar o celular, com a ajuda de um tripé, de modo que apareçam todos no vídeo e que os ouvintes possam enxergar a camiseta

trazida pelo entrevistado. Logo após, o repórter entra no *WhatsApp* da emissora e dá início à transmissão ao vivo pelo *Facebook*, alguns minutos antes do programa entrar no ar.

Figura 4 – Live no Facebook durante o programa Arena Esportiva com o convidado ao vivo.



Fonte: Imagem capturada na página da Rádio Imembuí no *Facebook*.

Antes de começar a entrevista, os repórteres chamam os boletins da dupla Grenal. Tiago também procura na internet a escalação do técnico Tite e a transmite no ar. Durante o programa, os apresentadores recebem comentários de ouvintes pela *live* no *Facebook*. Um deles foi uma pergunta sobre se a rádio possui um aplicativo. A mensagem foi respondida por escrita no próprio comentário do ouvinte. A interação do público com os repórteres também ocorre por meio do *WhatsApp*, na qual os comentários são lidos no ar. Por meio da ferramenta, Tiago também lê perguntas enviadas ao entrevistado. Visualiza-se que, com a utilização dos dispositivos por parte do público, a função social dos jornalistas acaba por ser afetada, já que a própria rotina dos profissionais (MORENO; CARDOSO, 2015) durante o programa é modificada com a leitura dos comentários. Observa-se, portanto, conforme apontaram os autores, que a própria prática do *newsmaking* é modificada, pois as ferramentas e os canais de informação utilizados pelo público são iguais aos utilizados pelos jornalistas.

O primeiro comentário lido no programa foi aos 20 minutos. Antes da leitura, Tiago estimulou os ouvintes a participarem do programa: “Se algum torcedor tiver recados, perguntas para enviar ao Márcio, pode mandar pelo *WhatsApp* [...] ou pelo *Facebook* na nossa *live*”. Em seguida, o apresentador lê o comentário, com o nome do ouvinte ao final: “Tiago está ansioso. Deve ser dever ser por causa do novo visual da Angélica”. A repórter comenta na sequência que Tiago já se acostumou com o seu visual. O repórter lê outro comentário do ouvinte, que pede: “Boa tarde. Toca uma música do Amado Batista aí em homenagem ao

Marcio Caetano”. Tiago fala que o comentário deve ser uma piada interna entre o ouvinte e o entrevistado, que confirma o fato. Angélica comenta que os apresentadores poderiam ter escolhido Amado Batista e que a música do cantor poderia ser tocada no programa.

Aos 37 minutos, Tiago lê algumas perguntas dos ouvintes: “Têm duas rapidinhas pro Marcio, até porque a gente já tá além do tempo. O estande no *Shopping Independência* tem alguma decisão quanto à abertura? Porque ali é um ponto marcante”. O entrevistado responde à pergunta e Tiago faz mais uma, na qual questiona sobre o clube de vantagens do Inter-SM, que também é respondida por Marcio. Essas duas perguntas foram enviadas para o *WhatsApp* da rádio e na emissão delas, Tiago fez apenas os questionamentos, sem mencionar o nome dos ouvintes.

A última participação dos ouvintes lida no ar por Tiago foi aos 38 minutos do programa: “Parabéns, boa transmissão. Assistindo de São Borja. Chave do Inter nessa copa é boa. Creio que se classifique tranquilo”. Após o comentário, os apresentadores e o entrevistado falam sobre o time de São Borja, que também disputará a Copa Wianey Carlet, e sobre um torcedor do Inter-SM que é conterrâneo da cidade mencionada.

Diante disso, o rádio fala para o ouvinte-internauta, que participa e contribui com o programa por meio do envio de informações. Essa participação foi ampliada, não só pelo uso dos dispositivos, como também pela própria ferramenta proporcionada pelo *Facebook*, que permite aos ouvintes conhecer o estúdio e os apresentadores por meio da *live*. “Desta forma, o ouvinte, que antes glorificava, idealizava e mitificava o comunicador, tem a oportunidade de passar a vê-lo de maneira mais próxima, já que se lhe permite o diálogo, a interação” (LOPEZ, 2010, p. 115). Dessa forma, as próprias perguntas dos jornalistas esportivos ao entrevistado estimulam o público a participar, pois os repórteres são os representantes do público (BARBEIRO; RANGEL, 2015) e devem imaginar o que os torcedores querem saber. Os profissionais precisam, então, estar alertas em relação às expectativas do público, já que pertence aos jornalistas o poder da transmissão de conteúdos (SODRÉ, 2010).

A entrevista foi conduzida em tom coloquial, como um diálogo interativo entre os dois entrevistadores e o entrevistado. “Esta interação – natural na comunicação humana a nível oral – exerce um efeito de aproximação no ouvinte, que se sente incluído no clima coloquial [...]” (PRADO, 1989, p. 57). A entrevista, classificada como preparada por Kaplún (2017), foi discutida previamente com o entrevistado em relação ao tema a ser discutido. Além disso, a entrevista é um misto entre improvisado e pré-elaborado.

Durante o programa, os repórteres levantam a camiseta do Inter-SM, a fim de mostra-la para os ouvintes. Com o Arena Esportiva chegando ao fim, o técnico de som coloca em segundo plano, a música escolhida por Tiago. O programa é encerrado, juntamente com a *live*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia teve como objetivo principal analisar as rotinas produtivas dos profissionais de rádio Angélica Varaschini e Tiago Nunes durante a produção do programa Arena Esportiva na Rádio Imembuí. Ao longo de cinco dias de investigação *in loco*, foi possível perceber alguns elementos que fazem parte do dia a dia dos profissionais na emissora.

O cotidiano de trabalho de Angélica e Tiago é afetado de forma significativa pelas tecnologias surgidas a partir dos anos 90. O computador é uma das principais ferramentas de trabalho, na qual Angélica, responsável pela produção do programa, utiliza para escrever o roteiro. Além disso, a tecnologia também é utilizada para a edição de áudios e, principalmente, acessar a internet. Por meio da *web*, a jornalista informa-se de outras notícias esportivas, seleciona materiais para compor os programas, como por exemplo as manchetes copiadas dos *sites* Globo Esporte, Correio do Povo e Zero Hora, e ainda entra em contato com fontes de informação. Essa última atividade é realizada por *e-mail*, na qual os profissionais recebem informações das assessorias dos clubes esportivos e, principalmente, pelo *Facebook*, que serve não apenas para contatar e buscar fontes, mas também encontrar informações nos grupos dos campeonatos de futebol do interior gaúcho.

As outras tecnologias que estão muito presentes na rotina dos profissionais são o telefone e o celular. A primeira ferramenta serve para gravar as entrevistas com as fontes de informação que vão ao ar no programa e que representa a quase totalidade do tempo do Arena Esportiva. Já a segunda serve, primordialmente, para acessar o *WhatsApp*. Essa última opção é usada para falar com fontes e receber informações por meio dos grupos de assessoria do futebol.

Ao longo das manhãs em que foram feitas as observações, não houve deslocamentos por parte dos repórteres até local dos fatos, o que se concluiu que a apuração é feita diretamente da redação, por meio da internet e do telefone/celular. A ida dos repórteres a campo somente ocorreu durante os treinos do Inter-SM, em que Angélica deslocou-se para o centro de treinamentos durante à tarde, e em algum jogo de futebol e futsal ocorridos aos finais de semana e à noite.

Os programas são apresentados no formato de diálogo, caracterizado por uma linguagem informal entre os repórteres. Não foi observada a utilização de termos estritamente técnicos, pertencentes à linguagem esportiva. Além do mais, perante a forma como o Arena Esportiva é elaborado, com entrevistas e pequenos quadros, pode-se concluir que o improviso

das falas dos apresentadores é dominante no programa. Diante disso, os únicos conteúdos textuais que poderiam ser editados para uma linguagem esportiva de rádio são as manchetes do Lance Rápido, o que não ocorre, pois elas são lidas da forma em que são encontradas, com formato para jornalismo digital.

Durante os cinco dias de observações, concluiu-se a existência de profissionais multitarefas (LOPEZ, 2010), pois Angélica apresenta o programa e é responsável por toda a produção do Arena Esportiva, como a busca por pautas, fontes e manchetes, a gravação de entrevistas, o acompanhamento *in loco* dos treinamentos do Inter-SM e outros jogos de futsal, a produção do roteiro, além da realização de outras atividades como jornalista da Rádio Imembuí. Exemplo disso são a gravação e produção dos noticiários “101.9”, do turno da tarde, a cobertura de algum evento que possa surgir e a substituição de algum profissional da emissora quando este estiver em férias. Já o repórter Tiago é o responsável pela coordenação de jornalismo da rádio, organiza a programação diariamente, produz e grava os noticiários da manhã e os correspondentes ao longo do dia e, também, apresenta o Arena Esportiva e o Imembuí *News*. Além disso, os dois profissionais fazem parte do Departamento de Esportes da emissora. Tiago é o narrador e Angélica é a repórter de campo. Ela também cumpre a função de setorista do esporte da rádio.

Ao encontro dessa realidade, os profissionais da Rádio Imembuí alegaram a falta de tempo, tanto na programação, como na produção do programa. A consequência disso é a impossibilidade de cobrir todos os assuntos esportivos e a falta de experimentar uma narrativa diferenciada, para além do ambiente sonoro, conforme será explicitada a seguir. Apesar dessa dupla falta de tempo ser minimizada pelos repórteres, que imaginam executar um bom trabalho, concluiu-se que o aumento no número de profissionais pode ocasionar um acréscimo na qualidade do Arena Esportiva. Esse entendimento é possível de ser feito diante da observação de outras possibilidades de formatos vistos em outros programas radiofônicos e que podem ser executados na Rádio Imembuí.

Observou-se que os ouvintes participam mais do programa quando a *live* no *Facebook* é feita, pois a rede social representa mais uma opção para os usuários interagir. Assim, os repórteres do programa poderiam explorar mais essa ferramenta e fazer os programas pela *live* todos os dias. Além disso, os apresentadores poderiam criar uma página no *Facebook* e uma editoria no novo *site* da Imembuí a fim de disponibilizar, nessas plataformas, não só os áudios das entrevistas que vão ao ar, como o próprio programa na íntegra, acompanhado de um texto jornalístico. Como o tempo do Arena Esportiva na programação não permite abordar muitos assuntos do esporte, os profissionais da rádio poderiam utilizar a reportagem como uma opção

a mais de conteúdo. Para isso, poderiam ser produzidos textos de outros eventos cobertos pelos repórteres, na qual seria possível explorar o uso de imagem, áudios e vídeos e anexá-los no *site*.

Diante da ideia de que o comentário e análise tática das partidas capturam os torcedores (COELHO, 2011), constatou-se que se os apresentadores utilizassem mais o tempo disponível para transmitir os seus comentários no ar, o programa tornar-se-ia mais atrativo, pois é a conversa e a opinião que fisga os ouvintes. O longo tempo de duração das entrevistas pode acabar dispersando o público, principalmente pelo fato dela ser gravada. Se as entrevistas fossem feitas ao vivo pelo telefone, os ouvintes poderiam interessar-se mais em participar por meio do envio de perguntas. Essa opção abre margem para que os ouvintes enviem, inclusive, perguntas em áudio, que passariam por uma curadoria para serem transmitidas no ar. O fato é que existem dois limitadores para a execução de um programa mais produzido: recursos humanos e tempo na programação. O tempo poderia ser amenizado pela página na internet, que possibilitaria a exploração de outros conteúdos e narrativas diferentes, impossíveis de serem transmitidas no ar.

Durante o período de investigação, observou-se que os critérios utilizados na seleção das pautas para o programa estão relacionados aos valores-notícia de proximidade e atualidade. Apesar de se ter abordado as transformações que permeiam esses conceitos e as dificuldades em enquadrar cada pauta em um determinado critério, foi afirmado pelos repórteres que esses dois valores-notícia, trazidos por Wolf (1987), ainda são visualizados e utilizados em suas rotinas de produção.

Na escolha das pautas para o programa, foi possível verificar que não há uma reflexão sobre os critérios de noticiabilidade, ou seja, os repórteres não avaliam se determinado fato se encaixa em algum dos valores-notícia priorizados no programa ou em algum outro existente. Os critérios que definem a escolha das pautas não se apresentam de forma clara, justamente pelo fato de haver, a partir das lógicas atuais de produção jornalística, uma resignificação dos modos de pautar e tornar os acontecimentos noticiáveis.

Diante da complexidade do processo de classificar as notícias, observou-se que os critérios de noticiabilidade estão imersos nas práticas e no cotidiano dos profissionais e são determinados por fatores como: tempo; quadro de profissionais; equipamentos e tecnologia disponíveis; e acesso a locais e fontes. Diante desses elementos, inerentes à rotina de produção, é que os repórteres sistematizam o processo de fabricação dos conteúdos para o programa.

Assim, os valores-notícia identificados no objeto estudado foram possíveis de ser comprovados devido à entrevista realizada com Angélica e Tiago. Diante do questionamento sobre quais os critérios que determinam a escolha das pautas, os repórteres responderam ser o fator local e a atualidade.

Para que se pudesse concluir como as rotinas dos profissionais são afetadas pelas lógicas de produção características do radiojornalismo hipermidiático contemporâneo, tornou-se importante lembrar o conceito trazido pela autora Debora Lopez (2010), que compreende o radiojornalismo hipermidiático como aquele “que fala em diversas linguagens, em distintos suportes e, ainda assim, mantém no áudio seu foco” (p. 119). Diante desse conceito, concluiu-se que há, timidamente, a configuração de um rádio hipermidiático, na situação analisada, pois existe a utilização da internet como um suporte complementar às ondas radiofônicas e há a adição do vídeo ao som durante as transmissões da *live* pelo *Facebook*. Logo, se o programa utiliza mais de um tipo de mídia, como o som e o vídeo, pode ser configurado como rádio multimídia ou expandido, nos termos de Kischinhevsky e Modesto (2014). Porém, como foi detalhado acima, ainda falta explorar outras oportunidades possibilitadas pela internet e pelas tecnologias, que representaria, ainda mais, um rádio hipermidiático.

Portanto, o que se pode considerar a partir das observações é que a rotina de produção de Angélica Varaschini e Tiago Nunes é profundamente afetada pelas tecnologias, pois se observou que os profissionais permanecem conectados aos dispositivos tecnológicos durante todo o tempo na redação. Essas mesmas ferramentas os auxiliam na produção e execução dos programas radiofônicos. Além disso, visualizou-se que, após ter se passado um ano da migração do AM para o FM, ainda é preciso explorar as possibilidades presentes no rádio hipermidiático.

Durante o desenvolvimento desta monografia, foi possível aprender e visualizar as práticas e rotinas de produção de uma rádio comercial que, aos poucos, inseriu-se na internet, e em especial nas redes sociais, após a migração para a frequência FM. Apesar de se ter acompanhado a produção de apenas um programa, foi possível estar em contato com outros profissionais da emissora e visualizar como eles, semanalmente, transmitem os conteúdos no ar. Pelo fato do programa analisado ser esportivo, acompanhou-se como os repórteres, especialmente a Angélica Varaschini, setorista do esporte, lidam com os assuntos esportivos, principalmente com o Inter-SM, foco do programa. Como a Rádio Imembuí é a única que aborda, de forma mais profunda, outros esportes que não só o futebol, percebeu-se a confiança depositada nos repórteres pelas fontes de informação, que veem na emissora uma opção para dar visibilidade aos seus trabalhos.

O presente estudo foi de fundamental importância, já que ainda não se tinha conhecimento de como se dava o funcionamento de uma rádio comercial. A observação realizada *in loco* serviu para compreender como são realizados o Arena Esportiva e os demais programas e noticiários que compõem a programação da Imembuí. A possibilidade de estudar as teorias do radiojornalismo contemporâneo e, posteriormente, observar um programa de rádio trouxe contribuições para a vida profissional, já que a oportunidade de ser apenas uma investigadora *in loco*, e não uma profissional da emissora, contribuiu para dimensionar a responsabilidade do locutor frente ao microfone.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADGHIRNI, Zélia; PEREIRA, Fábio Henrique. **O Jornalismo em Tempos de Mudanças Estruturais**. Porto Alegre: UFRGS, Intexto, v. 1. n. 24, p. 38-57, jan./jun. 2011. Disponível em: < <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/545>>. Acesso em: 29 out. 2018.
- ALMEIDA, Ana Carolina; MAGNONI, Antônio Francisco. **Rádio e Internet: recursos proporcionados pela web ao radiojornalismo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2009.
- ANDERSON, Chris. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Os jornalistas**. Observatório da imprensa, n. 744, 30 de abr. 2013. Disponível em: <http://observatorioidaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed744_os_jornalistas/>. Acesso em 22 out. 2018
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BIANCO, Nelia R. del. **A Internet como fator de mudança no jornalismo**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 27, n. 1, janeiro/junho de 2004.
- _____. **Radiojornalismo em mutação na era digital**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2004.
- BRUNS, Axel. **Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o Jornalismo**. *Brasilian Journalism Research*, v. 7, n. 11, p. 119-140, 2011.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- DALPIAZ, Jamile Gamba. **O futebol no rádio de Porto Alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade)**. 2002. 187 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62-83.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
- FERREIRA, Gil Baptista. **Sociologia dos novos media**. Covilhã: Labcom, 2018.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2014.

GUIMARÃES, Carlos G. S. **O comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre**: uma análise das novas práticas profissionais na fase de convergência. 2018. 176 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz. Cláudio; FRANÇA, Vera (Org.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 187-240.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MODESTO, Cláudia Figueiredo. **Interações e mediações** - Instâncias de apreensão da comunicação radiofônica. *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*, v. 2, n. 3, p. 12-20, jan./jun. 2014.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi (Org.). Mario Kaplún. **Produção de Programas de Rádio**: do roteiro à direção. 1. ed. Florianópolis/São Paulo: Insular/Intercom, 2017.

LIMA, Patrícia.; PAULINO, Rita. O Jornalismo na era dos dados digitais: mutações das práticas e da identidade jornalística. **Ser jornalista**: Roturas e continuidades. *Revista de Estudos de Jornalismo*, n. 7, p. 7-20, dez. 2017.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio *all news* brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã: LabCom, 2010.

_____. **Rádio com imagens**: uma proposta de sistematização do uso de vídeos em páginas de emissoras de rádio. *Brazilian Journalism Research*, v. 8, n. 2, p. 80-96, 2012.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. 2. ed. São Paulo: Summus, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suley Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.

MORENO, José; CARDOSO, Gustavo. Os desafios do jornalismo em rede. In: CARDOSO, Gustavo; MAGNO, Carlos; SOARES, Tânia de Moraes. (Org.). **Modelos de negócio e comunicação social**: *legacy media*, *novos media*, "telcos" e *startups* jornalísticas em navegação digital – Estudo prospetivo (2015-2020). Lisboa: Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), 2015. p. 538-582. Disponível em: <[https://tv.up.pt/uploads/attachment/file/471/Estudo Modelos de Neg cio e Comunica o Social ERC CIES 2015.pdf](https://tv.up.pt/uploads/attachment/file/471/Estudo_Modelos_de_Neg_cio_e_Comunica_o_Social_ERC_CIES_2015.pdf)>. Acesso em 23 out. 2018.

NUNES, Tiago. *Entrevista concedida à autora em 31 de agosto de 2018*. Santa Maria, 2018.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Radiojornalismo no Brasil**: fragmentos de história. *Revista USP*. n. 22, dez/2002-fev/2003.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PEREIRA, Jéssica Gonçalves. **Uso das redes sociais no radiojornalismo esportivo da equipe Globo/CBN São Paulo**. 2016. 226 p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1989.
PRATA, Nair. **Webrádio: novos gêneros, novas formas de interação**. 2008. 395 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SHOEMAKER, Pamela. J.; VOS, Tim. P. **Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SILVA, Karoline M. F. da Costa e. **A construção da notícia no rádio e as novas rotinas produtivas: um estudo da Rádio Jornal de Pernambuco**. 2014. 134 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Jornalismo como campo de pesquisa**. *Brazilian Journalism Research*, v. 6, n. 2, p. 7-15, 2010.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 51-61.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Vol. II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VARASCHINI, Angélica. *Entrevista concedida à autora em 31 de agosto de 2018*. Santa Maria, 2018

VOLPATO, Marcelo de Oliveira. **Mídia locativa, conteúdo geolocalizado e reconfigurações no jornalismo: três pistas para iniciar o debate**. Parágrafo, v. 5, n. 2, p. 136-144, jul./dez. 2017.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 1. ed. Lisboa: Presença, 1987.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista 1:

Nome: Angélica Varaschini

Cargo: Apresentadora e repórter da Rádio Imembuí

Realizada no dia 31 de agosto de 2018.

1. Quando você começou a formação acadêmica?

A. V.: Eu entrei na faculdade em 2010, na Universidade Federal de Santa Maria, e me formei em 2014.

2. Desde o início você já se interessou pelo rádio?

A. V.: Na verdade, eu sempre quis fazer [jornalismo]. Eu não tinha muita ideia do que eu queria fazer, mas eu queria fazer. O primeiro pensamento que tu vem é a TV. "Bah, quero aparecer na TV. Que máximo". E isso tu muda muito o teu pensamento durante a vida acadêmica, são coisas totalmente diferentes. Aí tinha uma vaga, no segundo semestre, que ia começar um programa novo na universidade que era o Campus da Gente com o (Roberto) Montagner. Ia abrir uma vaga pra produção. Eu sempre gostei de rádio, a gente que é do interior é acostumado a ouvir rádio a vida inteira. "Vou fazer". Aí foi eu e uma colega minha fazer uma entrevista com a Rejane (radialista da Rádio Universidade). Dai a Rejane gostou do meu perfil e disse "vem você". Aí desde o segundo semestre da faculdade eu comecei a fazer a produção do Campus da Gente com o Montagner. E 'caraca', eu era muito ruim, como eu era ruim. E a gente tem uma evolução incrível e só se aprende e só se consegue assim. Aí eu me apaixonei pelo rádio duma maneira que é uma coisa assim que me conquistou de uma forma incrível. Aí eu fiz o Campus da Gente, produzia o Campus da Gente. A gente fazia o vestibular, os eventos externos eram tudo nós ali da rádio. A JAI a gente fazia, todos os eventos da universidade interno eram nós, o pessoal que trabalhava mais ali no rádio. E desde então, eu entrei em 2011 no segundo semestre, a gente tá em 2018, e eu não larguei o rádio ainda.

3. E o rádio esportivo, quando você se interessou?

A. V.: Na UFSM tinha o Radar [programa de radiojornalismo esportivo comandado pelos alunos de jornalismo da UFSM] e eu sempre falava "ah, vou fazer o Radar". Mas não sei, eu

não muito ligada na universidade, porque eu gostava muito daquele ambiente institucional que tinha a Rádio Universidade ali pelo trabalho que eu fazia. Mas eu sempre gostei de esporte. E na verdade quando eu vim pra cá, pra Imembuí, eu comecei no comercial, vendia publicidade. E aí eu fazia algumas coisas. Daí eu fiz um plantão que foi horrível, totalmente horrível o meu plantão. Até que chegou um dia que os guris falaram: “Ó, a partir de hoje tu vai começar a acompanhar a Dupla Rional como setorista. E eu disse: “o que eu vou fazer? Nem sei direito as coisas, nem sabia que tinha Inter e Riograndense aqui em Santa Maria, nem sabia que função fazia um volante na vida. Como eu é que eu vou produzir esporte?”. E aí o esporte entrou, e o meu esportivo entrou. E aí eu comecei a fazer torcida e aí num momento o repórter de campo não pode ir e o coordenador me ligou e disse: “Angélica, vai que é tua e tu vai ter que fazer o campo”. E eu disse: “Como é que eu vou fazer isso? Nunca fiz na vida”. E eu estudava muito, eu passava à noite, eu só olhava jogo, eu só fazia isso na minha vida. E aí o jornalismo esportivo me pegou, me escolheu e desde então eu acho que eu gosto tanto disso, que eu faço com tanto prazer, com tanto amor, que toda a dificuldade acaba sendo bem menor. E entrou na vida o jornalismo esportivo e eu acho que não sei se sai mais não.

4. Antes de você entrar para a Imembuí, você já tinha tido experiência com rádio além da universidade?

A. V.: Nas férias de verão eu fiz um mini estágio na Rádio Progresso de Ijuí, que eu tava de férias, ia ficar por lá. Aí eu fiz lá na rádio, mas não no esporte. Eu fazia geral, ia pra rua, mas eu enfim, era rádio e então eu vi que sempre quis rádio. Teve uma oportunidade no meu último semestre de faculdade que foi um projeto que durou só aquele ano que era o projeto "a redação", que era da RBS TV. Tu tinha a possibilidade de acompanhar durante 3 ou 6 meses, não lembro, algum meio de comunicação da RBS. Tinha a TV, o Diário de Santa Maria, a Atlântida [rádio] e tinha a Gaúcha [rádio]. Ai tu escolhia o que tu queria. Eram várias pessoas, era UFSM e Unifra que participaram então não significava que tu ia entrar naquilo que tu escolheu, porque teve uma prova. Eu escolhi a Rádio Gaúcha e aí eu entrei. Eram 5 pessoas. Fiz esse acompanhamento, que era a visita à redação, que era como chamava, da Rádio Gaúcha. A gente, claro, não participava nem nada. Depois a gente fez um projeto final, que era destinado pelo coordenador da Rádio Gaúcha. Então fiz isso. E aí, claro, nunca deixando a universidade, sempre com o programa e as coisas da Rádio Universidade. Depois eu me formei em 2014 e já entrei aqui na Imembuí.

5. Que horas termina e começa o teu expediente aqui na rádio?

A. V.: Eu não tenho muito horário, porque como acaba sendo o esporte, a gente se adapta com os eventos esportivos. Então tem vezes que eu entro mais cedo. Claro que de manhã sempre em um horário hábil pra produzir o Arena Esportiva. Então isso depende. Às vezes eu chego às 9h, 9h30. Às vezes às 10h. Depende porque o programa vai ao ar às 12h10. E eu saio... Como eu acompanho o treino do Inter-SM, se o Inter terminar às 17h, meu expediente termina às 17h. Se o Inter terminar às 19h, meu expediente termina às 19h. Se tem um evento de noite, eu saio do treino e vou pro evento de noite. Se tem um evento esportivo de tarde, a gente vai no evento esportivo de tarde. As jornadas esportivas, enfim, quando tem jogo, a gente sabe que domingo sempre a gente vai ter, acompanhado o Inter. Então eu não tenho um horário muito fixo. Então depende muito dos eventos esportivos. “Ah, tem o congresso técnico do cidadão de noite”. Eu vou. Mesmo assim eu não vou deixar de vir produzir o Arena. Então as minhas funções depende muito dos eventos esportivos e do que tem do esporte aqui em Santa Maria.

6. Você também faz a produção e gravação dos noticiários?

A. V.: Também faço a produção dos noticiários, que é o Imembuí notícias 101.9, que são as notícias de hora em hora, que a gente faz período da tarde. Por exemplo, nas férias da Salete [apresentadora da Rádio Imembuí], eu faço o programa Espaço Aberto. Quando tem alguma pauta externa, também. Quando se precisa a gente faz, fora do esporte. Claro que com o calendário do Inter mais puxado, que tem nesse segundo semestre, eu acabo me focando e a minha prioridade é o esporte. Quando não tem, aí sim eu já englobo, ajudo mais os guris na redação. Mas eles sabem que em questão de ordem, se tem uma coletiva de determinada coisa e tem o treino do Inter, eu vou fazer o treino. Então tem tudo isso. A gente ajuda os guris no que dá aqui na redação, o que puder a gente faz. A gente, claro, faz mais o esporte, mas se tiver que fazer outras coisa a gente faz. Se tiver que cobrir outro evento a gente cobre, se tem que fazer uma entrevista a gente faz, se tem que apresentar um programa fora do nosso a gente apresenta. Então Tudo isso depende também, claro, de todas as inserções em questão do esporte com a participação no Tá na Hora, que diariamente eu faço.

7. Você já fez algum curso de capacitação em alguma área do jornalismo?

A. V.: Sim. A gente fez de radialista e atualmente eu faço um curso à distância da Universidade do Futebol, que é sobre o futebol. É como se fosse um curso à distância de treinador de futebol, mas que engloba assessoria, a parte tática, análise de desempenho. Então atualmente eu faço esse curso a distância, que é pra aprender um pouquinho mais de futebol,

entender um pouquinho mais de futebol, porque eu acho que na nossa área isso é muito importante. Sem contar, né, ler muito, muita coisa. Eu gosto muito de tática de futebol, então [ler] muita coisa de tática de futebol. Tem muito livro bacana que tu aprende muito, então tu sempre tem que estar buscando, sempre tem que estar se atualizando pra ti ser um pouco melhor, pra ti ser diferenciado, porque já é difícil ter mulher no futebol, então tu sempre tem que buscar algo mais pra ti ser diferente e pra ti sempre buscar aprender mais.

8. Tem aquela máxima que o jornalista tem que estar sempre conectado, informado de tudo. Como é que você lida com isso fora do trabalho?

A. V.: Eu estou sempre, 24h. Pra ti ver como é que é. Agora não tem Riograndense, mas quando tinha, a minha vida gira em torno do Inter e do Riograndense. Eu sei de tudo o que acontece. Porque eu não consigo ficar [sem]. Nas férias, o certo é desligar o celular. Capaz, não dá. Eu fico falando com o pessoal do Inter: "e aí, como é que tá? Vão trazer, vão contratar? Quando vai ser a apresentação? Como vocês estão se organizando? E o jogo como é que foi? E o treino, ele mudou?". Eu estou de férias, nem estou trabalhando, mas a gente tá sempre conectado pra saber. Por isso que o *WhatsApp* é muito legal, porque ele facilita nisso. Mas eu estou sempre. É muito difícil em questão desse assunto, do esporte e em geral, principalmente do interior, eu tá desconectada. Eu estou sempre junto, eu estou sempre ligada, sempre buscando, sempre olhando. Por isso que eu digo, a gente não tem as horas de trabalho. A gente do esporte trabalha o dia todo, toda a hora tem que tá sabendo. "Olha, caiu o técnico. Não, pera aí, vamos lá, vamos ver, vamos marcar uma entrevista". Então tu tem que tá. E no esporte eu acho que mais do que qualquer outro setor tu tem que tá conectado infelizmente. Às vezes tu tá jantando, toca o telefone: "Bah Angélica, e aí, tá sabendo de tal coisa?". Tu para tudo o que tu tava fazendo com teus amigos, olha, responde, vê, busca. E as pessoas que convivem com a gente já tem que tá acostumado com isso, porque é assim, não adianta.

9. E diante disso tu consegue acompanhar outro campeonato, que não o do interior?

A. V.: É que eu gosto muito do campeonato do interior. Claro a gente acompanha a Dupla Grenal, o Campeonato Brasileiro tu acaba pegando, algumas equipes que tu tem um pouco mais de afinidade assim. Mas eu gosto muito do campeonato de interior, de Copa de Wianey Carlet, de Divisão de Acesso, de Terceirona. Até a gente brinca. Às vezes tava passando o jogo da Dupla Grenal na TV e tinha o jogo da Divisão de Acesso. Eu desligava a TV e ficava ouvindo a Divisão de Acesso, porque eu gosto muito. Então minha ênfase é mais a Divisão de

Acesso, esses campeonatos do interior, porque eu gosto mais mesmo. Os outros mais superficialmente.

10. Quando você começou a produzir o Arena Esportiva?

A. V.: Eu entrei na rádio em 2014 e já comecei em 2014 na produção do Arena Esportiva. Quando eu entrei, principalmente em 2015, comecei a fazer algumas matérias para o Arena, que quem apresentava era o Fabrício Minussi. Quando o Fabrício saiu, que foi em 2016 se não me engano, o Tiago começou a apresentar (o programa) e eu fui para a produção. Eu só produzia o programa, porque como eu fazia o setor, eu trazia as informações principalmente da dupla, que na época era a dupla Rional. Tinha o Inter-SM e o Riograndense. Ano passado, que mudou a grade quando a rádio passou para o FM, eu passei a fazer a produção e apresentação.

11. Dentro das notícias do esporte local, existe uma hierarquização da ordem das informações?

A. V.: Inter-SM e Riograndense. Sempre primeiro o futebol. A gente preza sempre por trazer algo da dupla RioNal e depois a gente vai com os esportes que mais estão em evidência. No caso vem a Série Bronze com o futsal, Santa Maria Soldiers com o futebol americano, tinha o rugby, vôlei, basquete, futebol 7. Quando tem esses eventos mais esportivos ou se, por exemplo, "vai sair o cidadão", tu dá ênfase para o cidadão. Depois a gente acaba pegando os outros esportes que a gente não dá tanta ênfase no programa, mas que às vezes a gente também busca. Por exemplo, a canoagem, ou quando tem um projeto bacana da Asena, um evento de judô, ou se vem alguma personalidade dentro do esporte a gente busca também. Por exemplo, teve uma vez que veio o ex-treinador de vôlei da seleção brasileira, Bernardinho, dar uma palestra. A gente foi, cobriu, conversou com ele um pouquinho. Então claro, depende muito disso, mas diariamente sempre prezando o futebol, que é a dupla RioNal e é o que o público, os ouvintes, mais ouvem.

12. Em relação ao horário do programa, preferia que ocupasse outro lugar na grade de programação?

A. V.: Eu acho que para o esporte, se a gente for ver, o público do esporte eu acho que se encaixa exatamente nesse período. Se a gente fosse fazer mais cedo, eu acho que não teria tanto sentido as informações. Até a gente comenta, claro que isso é da grade da rádio e não tem como, mas às vezes falta espaço pra informação, porque ele (o tempo do programa) é

reduzido. Às vezes dá 40 minutos. Não tem tanto tempo assim, mas a gente consegue trazer várias coisas, por isso que às vezes peca e não pode trazer tanta coisa pelo espaço reduzido. Mas claro, quando tem um especial, nosso período aumenta um pouquinho. Por exemplo: quando tem um especial do Inter-SM, que tem entrevistado. Mas se tu fosse pegar na metade da tarde, não seria um horário para o esporte. Eu acho que o horário do meio dia, que o pessoal tá em casa, almoçando, ou voltando do trabalho, ou tá indo, é nesse período do meio dia que o pessoal é mais do esporte.

13. Por que você acha importante dar ênfase ao esporte local?

A. V.: Porque pela metodologia da própria rádio, que a Rádio Imembuí é rádio da gente daqui, a gente preza pelo o que é daqui. Se a gente for elevar, têm tantos meios de comunicação e imprensa na capital que dão muita ênfase para aquilo (dupla GreNal), e a gente tem que resgatar o que é nosso. A gente tem que mostrar o que tem de bom em Santa Maria e tem muita coisa boa em Santa Maria na área do esporte. Só que muitas vezes, as pessoas não têm conhecimento nenhum disso e a gente tem que apoiar o que é nosso, porque é o que pode trazer mais público pra Santa Maria, uma economia melhor para a cidade. Então eu acho que a gente tem um papel muito importante. A gente eu digo o nosso programa e as notícias que a gente traz, porque muita gente acompanha e sabe o que acontece em Santa Maria por nós, porque a gente preza, a gente busca tudo o que é daqui. Por isso que em questão até mesmo de prioridades de assunto, a gente sempre busca e dá sempre ênfase pro que acontece aqui em Santa Maria. Claro que isso não significa que a gente não vai dar uma notícia do São Gabriel, que é aqui de pertinho, de Cruz Alta, ou por exemplo, falando do Inter, "ah, vamos buscar informações da chave do Inter-SM, dos adversários do Inter no esporte do interior". Isso também a gente faz, claro, mas tudo pelo contexto, porque tem algo ligado. A gente vai entrevistar um técnico, por exemplo, "ah, mas por que tu vai entrevistar ele que tá lá?". Bom ele, teve uma passagem aqui em Santa Maria, ele treino o time de Santa Maria, ou ele é daqui ou ele trouxe um jogador para cá. Então eu acho que a rádio tem esse papel fundamental e importante e por isso que a gente tem um bom público de ouvintes. A gente é conhecido, a gente tem uma boa aceitação, porque a gente sempre pensa primeiro para o que é daqui e para mostrar o que tem aqui em Santa Maria.

14. Por que prefere ir aos jogos e treinos do Inter-SM do que depender da informação de fontes?

A. V.: Porque tu vendo, acompanhando, estando junto, é tu quem tá fazendo, tu sabe o que tu tá enxergando e o que os teus olhos podem ver. Por exemplo, eu não precisaria ir em todos os treinos. Eu poderia ligar pro técnico: "tá, e aí Guile, o que tu fez hoje, o que tu deu hoje no treino?". Mas não é esse o nosso trabalho. A gente tem que fazer as coisas *in loco*. A nossa obrigação é deixar os ouvintes bem informados e como é que tu vai deixar um ouvinte bem informado e passar todas as informações se tu não estava lá pra ver? A tua concepção é diferente. O técnico pode passar coisas muito técnicas pra ti. "Ah, a gente fez um trabalho assim, um trabalho assado". Tá mas eu quero passar o que eu estou vendo. A rádio não tem imagem, a gente não tem imagem pra poder passar para o ouvinte. Nós somos os olhos deles. E até por credibilidade. A credibilidade que tu tem a partir do momento que tu comparece, que tu vai, que tu está presente e mostra a tua cara que tu foi. Claro que a gente queria fazer muito mais. O bom seria a gente ter todas as entrevistas *in loco*, ou conseguir trazer todo mundo aqui no programa para falar. Só que às vezes o tempo impossibilita, as pessoas estão sempre correndo. Então a gente não consegue fazer isso. A gente tenta fazer o máximo. Então eu acho que pela credibilidade, pelo o que representa, e tu tá lá, vale muito mais. "Não, mas pera aí, não foi o fulano que disse pra Angélica. A Angélica estava lá e a Angélica viu. Ela foi lá, ela acompanhou". Por isso que às vezes, até quando a gente entra em cadeia com outras rádios, que a gente sabe que tem toda uma questão comercial que às vezes impossibilita, é complicado, por mais que gente luta muito e o comercial luta muito pra gente pode estar 24h com a dupla RioNal, eu vou. Mesmo que a rádio não transmita, eu vou representando a rádio Imembuí pelo trabalho que a gente faz. Porque eu estou lá todo dia. E uma coisa é tu ver, tu acompanhar, tu conversar, tu tá no dia a dia. É diferente do que tu só chegar, por exemplo, no jogo de futebol, ir lá assistir e dizer "ah, mas esse time isso, porque fez isso". Tá, mas pera aí, entende? É que ontem aconteceu isso no treino, a pessoa se machucou, tá sentindo. E tu só vai conseguir isso se tu está lá presente, se tu está lá pra ver todos os detalhes que acontece.

15. Como começou a parceria com outras rádios da região na troca de conteúdos?

A. V.: Isso vem bem da parceria e do contato que tu faz durante o futebol, principalmente durante o futebol. Por exemplo, na Divisão de Acesso, o Inter-SM disputou com Pelotas, disputou com São Luis de Ijuí, São Gabriel, Santa Cruz e a gente tem um grupo no *WhatsApp* que tem algum representante da imprensa de cada cidade e de cada clube, principalmente dos setoristas, no caso. A gente tem uma parceria muito boa e acontece isso. Por exemplo, a gente tem muita participação com a Rádio Pelotense, com a Rádio Progresso de Ijuí, tem o pessoal da RBC de São Gabriel, o pessoal da Gazeta de Santa Cruz, a de Bagé também. É com quem

o Inter-SM disputa. Isso é legal porque uma coisa é tu conversar com o treinador, com o atleta. Outra coisa é ter alguém lá que acompanha o dia a dia, que é o setorista, que vê, que tem uma visão diferente. Tu tem uma visão mais ampla de tudo aquilo, tu sabe “por que isso (ocorre)” e “por que aquilo (ocorre)”. Então essa parceria é muito legal porque a gente acaba ajudando, de certa forma, passando as informações. E tem o *feedback* daqui pra lá. Então isso é muito legal, é muito bacana que as rádios e a imprensa tenham esse contato e isso tudo através do tempo. Tu conhece um (setorista) que vem fazer o jogo aqui, "ah me passa teu contato quando tu precisar me liga, a gente passa informação, manda um boletim". Isso é muito legal, é uma parceria que vem dando muito certo e cada vez a gente utiliza mais isso, principalmente porque acaba sendo bom para os dois lados.

16. No placar da rodada, são divulgados jogos do Brasileirão A e B, Terceirona Gaúcha, Copa do Brasil, Libertadores e Sul-Americana. Por que a escolha desses jogos e não de campeonatos europeus, por exemplo?

A. V.: Até às vezes a gente coloca, quando tem *Champions League*, na agenda da bola. Mas é aquilo de ser tudo que é mais próximo, que é mais perto da gente. Por exemplo, às vezes tem jogos da série B, que tem uma lista de nomes. A gente só dá o que os gaúchos disputam. E tudo por essa proximidade, pra tentar deixar mais próximo, o que é da gente. Então claro que a gente sempre dá ênfase à Copa Wianey Carlet agora, ou a Divisão de Acesso, que é quem disputa aqui. Depois vem o Campeonato Gaúcho, se tiver alguma competição aqui do estado a gente passa a rodada também. Depois vem o Campeonato Brasileiro série A, B, C. Mas sempre porque tem essa participação de gaúchos ou do que é bem pertinho da gente. Às vezes a gente dá, dependendo, se tem um jogo como a final da *Champions* ou já alguma coisa do Campeonato Europeu e tudo mais, mas sempre presando pelo que é mais próximo da gente.

17. Quais os critérios para a escolha das pautas do dia?

A. V.: O que está mais evidência, o que acontece, algum evento. Fora a dupla. A dupla sempre a gente tenta buscar alguma coisa, sempre. Desde que a gente conversou, eu e o Tiago, "ah, como é que vai ser o programa, o que a gente vai ter, o que não vai ter", a gente sempre deixa bem claro que se tiver alguma coisa da dupla RioNal a gente tenta buscar. Por isso que às vezes a gente fala que quando não tem competição, que, por exemplo, o Inter-SM muitas vezes não jogava no segundo semestre, é a época das “vacas magras”. Tu ‘cavoucava’ e era difícil buscar alguma coisa. Então assim, é muito difícil, mas têm vezes que não têm notícias da dupla, e aí a gente acaba buscando outras pautas, mas sempre a prioridade é trazer

alguma coisa da dupla. E aí tu vê, por exemplo, tem a série bronze em evidência, então tem o união e tem a UFSM jogando. Então sempre tenta trazer como foi o jogo do final de semana, projeção para o próximo jogo. Se tem um evento da canoagem no final de semana, vamos falar um pouquinho do evento, como é que vai ser. Ou então vai vir uma celebridade ou um membro importante do esporte, vamos tentar falar, buscar, resgatar. Então sempre tem a ver com o que está acontecendo na semana, se tem algum evento, alguma competição, se tem projeções. Às vezes a gente não repete a pauta, mas retoma aquele assunto porque aconteceu alguma coisa. Por exemplo, tá nas quartas de final do cidadão de futsal, então como é que foi até aqui o campeonato, deu algum problema, tudo tranquilo, como foi o público e como tá sendo a organização pra final? Então sempre depende dos eventos esportivos que estão acontecendo aqui por perto.

18. Como é realizada a busca por pautas?

A. V.: A gente tem contatos. O pessoal nos manda as pautas. A gente também faz uma ronda, vê o que saiu no diário, vê se tem alguma coisa que a gente perdeu. No EsporteSUL, tem alguma coisa que a gente perdeu? Claro que em relação ao Inter-SM e o Riograndense, sempre dando essa ressalva, como a gente tá todo o dia lá, a gente sempre busca isso. Mas tenta ligar, por exemplo, pro Jean da AVF. "Jean, a AVF vai disputar alguma coisa, alguma competição? Então vamos falar sobre isso". Ou por exemplo, tu lembra que fez uma entrevista um dia e tu anotou que tal dia vai ter tal evento. Tá se aproximando, vamos ligar, vamos falar. Isso tudo em relação, bastante, aos contatos que tu tem. E aí tu escuta "olha, a gente tá programando fazer o segundo campeonato de futebol 7 tal dia". Quando chegar mais próximo, a gente fala. Então tem tudo isso, sem contar que a gente sempre faz aquela ronda nos principais veículos de comunicação para ver se tem saído alguma coisa.

19. Na produção do Lance Rápido, há algum critério de seleção para a escolha das manchetes?

A.V.: A gente sempre tenta buscar alguma coisa que a gente não vai dar no programa. Por exemplo, teve jogo do Inter-SM domingo. Então segunda-feira basicamente a gente repercute tudo o que aconteceu no jogo. Mas teve jogo do União Independente. A gente dá a manchete no Lance Rápido [sobre o União], mas no outro dia a gente aprofunda o conteúdo. Isso nas notícias locais. Também alguma notícia local que sai nos outros veículos de comunicação. A gente busca, por exemplo, nos grupos do *Facebook* da Copa Wianey Carlet, Divisão de Acesso, esse grupos que a gente têm. "Avenida ganhou, Bagé perdeu" então tu busca por ali

também. Os principais sites, Globo Esporte, Correio do Povo, Zero Hora, a gente pega bastante. Vai buscando por esses sites para as notícias mais gerais do Lance Rápido.

20. Por que optam pela leitura de manchetes e de um lide?

A. V.: Porque como o nosso programa dá ênfase ao esporte local, a gente aprofunda o esporte local. O restante é só pra realmente mostrar as principais notícias que aconteceram no dia. A gente já tem um período curto, então se agente fosse aprofundar, fica muita informação e um programa muito poluído com muita coisa. Então a gente prefere sempre dar ênfase, aprofundar, os assuntos locais.

21. Quais os critérios utilizados na escolha dos entrevistados para as pautas?

A.V.: Depende o que tu vai abordar. Por exemplo, se a gente for falar dos associados, quantos sócios, quando vão ser lançadas as camisetas, tu sabe que é a área de *marketing*. Então tu já tem tuas fontes, tu sabe quem são os responsáveis pelo *marketing* do Inter-SM. Se vamos falar sobre como está a folha de pagamento, dívidas trabalhistas, como vão ser as eleições do executivo, como está a organização interna do Inter-SM, tu sabe que isso é um assunto do presidente. Então tu vai buscar o presidente do Inter-SM. Agora tu vai falar sobre o futebol, tem o departamento de futebol. Então tu sabe quem são as pessoas que estão no departamento, quem é o diretor, supervisor, coordenador, técnico. Esse conhecimento, claro, não é de um dia pro outro. Quando eu entrei aqui eu não sabia quem eram as pessoas. Tudo isso tu tem com o tempo, tu vai sabendo. Se às vezes tu não sabe, tem uma pauta, um evento mas tu não tem noção com que tu deve falar, tu liga: "queria falar sobre tal assunto, com que eu posso falar, quem é o responsável por isso?". As pessoas vão te encaminhando. Mas tudo, claro, é bem a questão de que com o tempo tu vai pegando, tu vai sabendo quem tá inserido aqui, quem tá inserindo ali, qual pessoa responsável por cada coisa. Às vezes tu dá uma furada. Muito já aconteceu. Tu tá fazendo uma entrevista com o diretor de futebol e tu acaba trazendo no ponto de uma economia interna. Aí o diretor fala "isso aí não é comigo, é com determinado departamento". Tu vai buscando as pessoas que estão compondo cada departamento pra ti achar, principalmente as pautas.

22. Com que frequência utiliza o *Facebook* ou *WhatsApp* durante a rotina na rádio? E para quê?

A. V.: Sempre, porque acaba sendo, principalmente o *WhatsApp*, um link para o nosso trabalho. É uma fonte de trabalho pra gente. A maioria dos contatos que eu tenho é pelo

Facebook. Então, digamos, será que o Paniz tá organizando algum evento esportivo? “E aí Paniz, tá programando alguma coisa, vai ter alguma coisa essa semana?” (mensagem por *Facebook*). Então os contatos que a gente tem no *Whatsapp*, sem contar o grupos que a gente têm, tem muita notícia, muita coisa a gente pega dele. Por exemplo, a gente tem um grupo que é a imprensa do futebol do interior. “Fulano acertou com tal clube. Tá, e com quem eu posso falar? Tu liga pra tal fulano”. Já pega o contato e já liga. Eu sou uma pessoa que tá 24h no *WhatsApp*. É muito difícil eu demorar a responder quando é algo assim. Com todos esses anos, a gente tem muito contato e a gente fez muita parceria com muita gente. A gente tem uma credibilidade incrível com muitas pessoas. Então se tu quer confirmar uma informação, tirar uma dúvida, o teu *WhatsApp* tá ali. Todos os contatos estão ali. O *Facebook* é bem menos agora. O *Facebook* às vezes tu fica até garimpando coisas. O bom seria o *twitter*, mas eu utilizo muito pouco o *twitter*, eu não tenho o costume de utilizar. Mas, por exemplo, “tal jogador mencionou do *facebook* dele que tá saindo do clube por algum motivo”. Então as redes sociais, pra gente, é uma fonte. E são muito importantes na busca por informação, principalmente o *WhatsApp*.

23. Quais os principais meios utilizados no contato com as fontes?

A. V.: *WhatsApp*, principalmente. Quando têm pessoas que não tem o *WhatsApp*, tu acaba ligando. Mas a maior fonte, o que a gente mais ocupa e que nos ajuda muito hoje em dia é o *WhatsApp*.

24. Você percebeu mudanças na forma de apurar, produzir e distribuir as notícias nos últimos anos? Quais?

A. V.: Bastante. Até pelas tecnologias que vem surgindo. Por exemplo, hoje em dia se tu quiser fazer uma entrevista com o cara que tá lá na Inglaterra, tu liga pelo *Skype* e faz tranquilamente. Ou pede um áudio pelo *WhatsApp*, ou faz uma chamada de voz pelo *WhatsApp*. Antigamente tu não tinha isso. Quando eu entrei, principalmente, que tu vê. Isso faz quatro anos, mas a tecnologia era outra, era muito diferente. Nem todo mundo tinha *WhatsApp*, nem todo mundo tinha um telefone que tem *WhatsApp*. Então tu buscava mais, principalmente com o impresso. A Internet ajuda muito. Antes, tu tinha, por exemplo, um evento no CDM. “Vou ter que ir lá para ver o que está acontecendo”. Tinha muito isso, tu tinha um pouquinho mais de dificuldade, porque tu tinha menos acesso à informação. Hoje em dia tu tem mais acesso à informação, e isso, de um certo ponto, te dá também muita informação falsa, que hoje todo mundo fala em *fake news*. Então tu tem que apurar muito bem

essa informação. Por exemplo, saiu no blog do Fulano, ou no *Facebook* do fulano, que o técnico foi demitido. Tá, vamos ligar para o clube pra saber realmente se o técnico foi demitido, ou vamos ligar para o técnico pra ver realmente o que aconteceu. Então por um lado tem muito mais acesso à informação, mas tu pode também ter muito mais acesso à informação falsa. Então tudo isso tu cuida, e aí tu vai vendo, com o tempo também, em quem tu pode confiar, qual é a fonte que dá pra ti contar. Mas a tecnologia ajuda muito, é muita informação. Então tu tem que filtrar, mas (a internet) te ajuda a garimpar bastante informação.

25. Quais as tecnologias mais utilizadas durante a rotina de produção?

A. V.: Principalmente a internet, com o *WhatsApp* pelos grupos. Então todo mundo posta notícias ali. Pelos grupos do *Facebook*, que são grupos específicos: grupos da Copa Wianey Calert, grupo do Citadino, grupo da Série Bronze. E aí tu vai sendo inserido nesse contexto todo e lá dentro tu tem tuas fontes de credibilidade, tuas fontes confiáveis. Então tu faz sempre aquele resgate na internet. Busca, joga no *Google* vê se sai alguma coisa. Por exemplo, a gente sabe que lá em Pelotas tem determinado *site* que traz bastante informação. Então tu pega lá, garimpa se tu quer uma informação de lá. E também pelos contatos que tu tem. O *WhatsApp* de várias pessoas, o *Facebook* de várias pessoas. Então alguma coisa tu também pega por ali. Mas isso é só com o tempo e o contato que tu vai fazendo no decorrer dos trabalhos.

26. E em relação ao uso do *smartphone*, por exemplo, para gravar entrevista?

A. V.: Sim. Eu por exemplo, utilizo muito o celular pra fazer as entrevistas, para gravar. Porque tu tem agora esse processo. Esse ano, a gente daqui da Rádio Imembuí utilizou [o celular] para fazer as transmissões dos jogos via *Skype*, que foi a primeira vez que foi implantando na Rádio Imembuí. Antes era aquele processo de linha. Chegava no estádio e não tinha linha, porque o retorno vinha daqui e dali, o retorno tinha que passar de São Gabriel pra Caxias, daí de Caxias vinha pra cá e não voltava. A gente tinha muita dificuldade com isso. A gente tinha que grampear celular, o som não saía da maneira que a gente queria. Então a tecnologia nos ajudou até pra isso agora. A gente faz via *Skype*, fica som de estúdio, fica do jeito que o ouvinte gosta de ouvir. Tudo isso nos ajudou a fazer uma melhor transmissão, principalmente em questão de esporte, transmissões de jornada esportiva, na qual a Rádio Imembuí é a única de Santa Maria que acaba fazendo isso.

27. Como você observa a inserção do rádio na internet, por meio de sites e redes sociais?

A. V.: Vem ganhando muita força, principalmente depois que foram incluídas as *lives*, que a rádio não fazia. Então isso traz um retorno muito grande também. O aplicativo da própria rádio, o aplicativo da rádio *net*. Então toda essa inserção, fazendo esse mundo multimídia, que hoje em dia tem que ser assim, precisa ser assim por tudo que vem acontecendo, pelas mídias digitais que vem sendo envolvidas. Então a rádio passando pelo processo FM também, que agora é muito difícil tu comprar um carro e ter rádio AM. O rádio tem FM. Muitas pessoas nos escutam de vários estados, de vários países através da internet. E a *live*, principalmente, esse contato com o *Facebook*, com esse ao vivo que é muito importante de mostrar os bastidores. Muitos até falam hoje em dia que são contra a *live*, porque no rádio tu tem que imaginar o que tá acontecendo, tu tem que imaginar como são as pessoas. Mas como isso vai mudando muito no decorrer e na passagem de toda a evolução midiática que vem tendo. Então tu sabe que se tu não se atualizar, se tu não buscar coisas diferentes, tu vai ficando para trás. E a rádio é a mesma coisa. Acredito que a rádio nunca vai perder a sua força. Jamais. Porque a rádio é uma potência, a Rádio Imembui, falando nisso também. Então tu tendo inserção, tu fazendo um programa ao vivo, mostrar como está funcionando, como é que é, quem tu é, então tudo isso foi muito importante e está sendo muito importante. Claro que isso é uma evolução que vai progredindo no decorrer do tempo, mas tudo isso é muito importante. O uso do *WhatsApp* para a comunicação do ouvinte, para a interação do ouvinte é muito importante. Às vezes o ouvinte também é nossa fonte de informação, muitas e muitas vezes. "Olha, aconteceu um acidente em tal lugar, tá aqui". Isso tudo só é possível devido a esses meios, a tecnologia que nos ajuda também.

28. Acha que isso altera e exige dos profissionais um novo perfil?

A. V.: Talvez sim, provavelmente sim. Aquela pessoa de muito tempo atrás não vai se adaptar a isso. Tudo é diferente. Quando eu me formei era uma coisa, hoje em dia eu já sou uma outra profissional e já penso diferente. Então tudo depende de como vai andando. Então o profissional precisa entender que ele tá no rádio, mas ele tem que ter um perfil pra quando tu tem a *live* no *Facebook*, tu tem um perfil pra internet, fazer notícias pra internet, tu tem que saber a maneira de tu se portar no rádio, tu tem que saber a maneira de tu se portar no ao vivo, no impresso ou no digital. Então o profissional, hoje em dia, precisa saber um pouquinho de tudo. Antigamente, aquele que sabia só uma coisa, que era muito bom numa coisa, era o melhor. Hoje em dia não. Hoje em dia pra ti ter uma melhor posição, tu precisa saber envolver todo esse processo e o perfil do profissional vai se adaptando a isso. Eu acho que as universidades estão também pensando nisso, se preocupando em formar um profissional

multimídia, porque não tem como fugir disso, não tem como escapar disso e vai ser cada vez mais daqui pra frente.

29. Como você observa a participação dos ouvintes, principalmente com a inserção da Rádio Imembuí na Internet?

A. V.: Têm perfis de ouvintes na Rádio Imembuí. Tem um perfil muito claro com isso. Têm muitos ouvintes, por exemplo, que não tem acesso à internet, por mais que seja difícil, mas existem muitos que não tem. Então tu percebe, por exemplo, na rua: "eu te ouvi, eu vi que tu falou isso, que tu disse isso". Mas, com a internet, facilita muito e a participação do ouvinte é muito maior. Por exemplo, a gente vê que quando tem entrevistado, no nosso programa ao vivo, e tu faz uma *live*, a participação do ouvinte é muito maior por ali do que só mandando recado no *WhatsApp*. Tu vê que tem uma participação maior, que o ouvinte acompanha, mas, principalmente o que a gente fala nas jornadas esportivas, o ouvinte tem uma participação incrível com a Rádio Imembuí, seja pelo *Facebook*, seja pelo *WhatsApp*, seja por ligação até mesmo. Mas essa opção que a gente tem também de poder mostrar um pouquinho pela internet, o ouvinte se sente mais incluído, porque ele tá te vendo também, ele tá acompanhando, ele tá ali contigo, ele tá ali no mesmo momento que tu. Então o ouvinte faz parte disso e a gente fica muito feliz. O ouvinte participa bastante, porque hoje em dia o ouvinte também é nossa fonte. Então essa participação, esses outros canais que a Rádio Imembuí consegue trazer, nos deixa muito próximo do ouvinte e isso é muito legal pra quem trabalha em rádio.

30. Qual a diferença que você notou com a mudança do sinal AM para o FM? Houve alguma atividade ou alguma demanda que você teve que começar a executar?

A. V.: Eu acho que, principalmente, tu acaba tendo um perfil diferente, um perfil de como se portar com o teu ouvinte e algumas coisas que tu teve que adaptar. Por exemplo, a rádio AM a gente sabe que tu podia aprofundar um pouco mais, tinha um clima diferente. O FM ele te demanda mais agilidade, tu tem que ser um pouquinho mais dinâmico nas coisas. Então quando eu comecei no AM aqui, eu fazia produção. Depois com o FM a gente viu que seria legal fazer o programa com dois apresentadores, pra ser mais dinâmico, pra dar aquele pique maior. Principalmente pelo horário, porque ali bem na hora do almoço, a galera tem que tá ligada, tem que prestar atenção e passa muito rápido. A galera tem que prestar atenção no que a gente tá falando. Então essa coisa do dinâmico, de tu ser cada vez mais perto, de tu mostrar mais agilidade o FM te traz isso, te dá mais opções também. Então essa dupla que a gente faz

no programa eu acho muito legal, eu acho que fica um programa bem melhor. Às vezes eu saio de férias, ou o Tiago sai de férias, aí um só apresenta e tu vê que é diferente, que tem um clima diferente. Então essa coisa eu acho que é legal no FM e até pelo que representa e pelo o que projeta. O FM tem característica um pouquinho diferente do AM. Não que a gente tenha mudado radicalmente depois que passou do AM pro FM, a gente continuou com as mesmas metodologias. Claro que a gente faz algo um pouquinho mais animado em questão de trilha. A gente busca trilhas mais animadas. A gente tem, por exemplo, musica de sexta no programa pra dar uma animada, as conversas são mais descontraídas, a gente busca mais isso, sem perder a credibilidade ou a informação. Isso continua e vai continuar, sendo AM ou FM. Mas acaba sendo interativo. O entrevistado, por exemplo, a gente tenta buscar algo mais legal, principalmente no esporte isso é bacana, tu tem essa possibilidade, de trazer mais descontração. Por exemplo, vem um atleta e tu faz uma entrevista ao vivo com ele e tu puxa "tá, mas e aí, no vestiário o que rola, quais são as brincadeiras?". Então tu busca essa descontração e isso o FM te proporciona muito mais e acho que ganha muito com isso, principalmente o esporte. A gente consegue fazer pautas, a gente consegue, por exemplo, fazer algo diferente, como foi o nosso primeiro programa em estilo próprio pra *Facebook*, pra *live*. Foi direto do Estádio Presidente Vargas. Isso só foi possível devido a isso. Ou os programas que a gente fez direto do estádio na sala do Presidente Vargas, as transmissões, então tudo isso é possível devido a essa maneira diferente, a essa dinâmica que o FM te permite fazer muito mais.

31. Para que serve o *WhatsApp* durante o programa? O ouvinte já propôs pauta por meio desse canal?

A. V.: Claro. O ouvinte é também a nossa fonte. Mas no programa, é principalmente pela dupla Rional. Ou é um palpite de jogo, ou um comentário do ouvinte sobre o que achou do jogo, sobre a contratação, o que pensa o ouvinte, a preocupação do torcedor se o Inter-SM não jogar no segundo semestre. "Ah, ontem o jogo foi assim, foi assado. A gente quer que entre o fulano". Então, realmente, no nosso, acaba sendo mais pra opinião, principalmente do torcedor quando tem a ver com a dupla Rional ou um evento. Então acaba sendo mais, no nosso programa, pra isso. Em questão de sugestão de pauta no Arena ele é um pouquinho menos porque a gente acaba englobando já tudo. Mas claro que sugere, com certeza. Mas a gente tem mais recado de opinião dos torcedores principalmente.

32. Em relação a alguns elementos que compõem a rotina, você sente que falta tempo para cobrir outras competições ou produzir um material diferenciado?

A. V.: Falta, mas a gente trabalha muito bem com que a gente tem. Claro que, por exemplo, às vezes a gente vai fazer uma entrevista ao vivo. Muitas vezes a gente traz os jogadores. Traz dois ou três jogadores. A gente tem 45 minutos no programa, não dá pra falar tudo. Alguma coisa vai ficar de fora. Então às vezes falta um pouquinho de tempo. Como eu disse, eu gosto de estar nos locais. Mas a gente não tem tempo pra fazer tudo. Eu não tenho tempo pra produzir o programa, pra ir no treino do Inter, aí às 17h eu tenho congresso técnico do cidadão, às 20h eu tenho o jantar do Riograndense e às 22h vai acontecer o jogo do futsal. Eu não consigo fazer tudo sozinha. Não tem como a gente fazer tudo e estar em todos os lugares. Então claro que falta um pouquinho, mas pelo o que a gente tem, em questão de que a gente pode ligar, tem também isso, pode ir num lugar e pode ir no outro, pode trazer (a fonte), eu acho que a gente consegue fazer um bom programa. Eu acho o nosso programa muito bom. Ele traz bastante informação, ele não deixa a desejar. Claro que se a gente tivesse mais tempo, tivesse um pouquinho mais de disponibilidade, a gente podia trazer mais coisas, englobar mais coisas ou fazer um quadro diferente ou, por exemplo, trazer um projeto duma escola que tá acontecendo. Ou a escolinha da Chapecoense que tem aqui em Santa Maria, ou vamos falar do amistoso que teve. Por isso que também tem o Lance Rápido, porque às vezes a gente não consegue englobar tudo, mas ao menos vamos dizer que aconteceu. Aconteceu a gente vai colocar o que aconteceu. É que nunca tá bom, a gente sempre vai querer mais, mas eu acho que pelo o que a gente tem, e pelo trabalho que a gente faz, a gente consegue passar boas coisas para os nossos ouvintes.

33. E uma opção para isso seria ser o aumento de profissionais na produção do programa?

A. V.: Sim. Se tivesse duas pessoas responsáveis pelo esporte, por exemplo, que às vezes a gente faz isso, eu e o Tiago, muitas vezes a gente faz: "Tiago, a gente tem a janta do *paddel*, que a gente tem que comparecer. Mas ao mesmo tempo tem o cidadão, e a gente precisa ir ver o jogo. O que a gente faz? Não, então eu vou num e tu vai em outro". Então a gente cobre os dois. Muitas vezes a gente consegue fazer isso. Agora tem vezes que não tem como, porque o Tiago tem a faculdade, eu tenho as minhas outras coisas. Infelizmente, ou felizmente, não tem como viver 24h. E o bom é que Santa Maria tem muito evento esportivo, tem muita coisa, então se tivesse três pessoas: "tu vai lá, eu vou aqui e tu vai lá". Tá, mas não tem. Então a gente faz com o que pode. Por exemplo, tinha futsal e tinha vôlei. Eu fui no futsal, então amanhã eu ligo pro vôlei. A gente não deixa de dar a informação, mas às vezes a gente não

pode estar presente, não pode fazer. E pelo espaço também. Não adianta a gente querer fazer tudo se a gente não tem muito espaço. A gente não dá ênfase ao futebol amador, por exemplo. Quando tem um jogo ou alguma coisa, a gente comenta esporadicamente, mas a gente não tem futebol amador diário. E a gente sabe que o futebol amador de Santa Maria é muito forte. Mas por quê? Porque a gente tem outro foco. O nosso foco são campeonatos, é o Inter-SM, Riograndense, futsal, vôlei. Então engloba um pouquinho mais. Podia ter mais? Podia. Mas pelo o que tem, a gente consegue. Eu acho que a gente não fica devendo muito não. Eu acho que dá para passar, não tão aprofundado, todos os assuntos, mas ao menos as pessoas, os ouvintes tem uma dimensão de tudo que acontece em questão de esporte aqui em Santa Maria, principalmente.

34. Você sente falta de algum equipamento para a produção do programa?

A. V.: Claro que se a gente tivesse mais coisas, seria bem melhor. Por exemplo, às vezes a gente tem dificuldade em questão de equipamento pra transmitir. A gente utiliza dos próprios equipamentos pra fazer determinadas coisas, porque a rádio não tem. A gente entende que existe uma dificuldade, que às vezes tem uma dificuldade financeira, infelizmente, que não é por má vontade. Muitas vezes não é por má vontade de não querer, mas é porque não tem como. Infelizmente, naquele momento, não tem como. Então, muitas vezes, a gente utiliza dos próprios equipamentos pra fazer isso. Se tivesse, claro que facilitaria. A gente poderia fazer algo a mais, um equipamento que muitas rádios usam, por exemplo, pra fazer uma cobertura ao vivo. A gente tem um celular, a gente entra do celular. A gente não tem um equipamento que tem um microfone, que tu pode entrar com uma maleta e fazer tudo certinho, uma pessoa só. São equipamentos que rádios maiores e meios de comunicação maiores têm. Claro que tu tivesse um pouquinho mais de equipamento tu poderia fazer mais coisa, mas não que a gente não faça. A gente faz com o que a gente tem. A gente não fica devendo, mas se a gente tivesse, poderia ser com melhor qualidade de som, poderia algo diferente com essas possibilidade. Então claro que falta, mas com o que a gente tem, a gente se esforça e faz o máximo que pode.

35. Nota alguma dificuldade no acesso às fontes?

A. V.: Eu não acho, porque a gente tem muitos contatos e contatos muito legais de várias pessoas, de várias coisas. E como a gente acaba trazendo o local, e o local é daqui, a gente conhece as pessoas que trabalham. Mas claro, isso tudo com o tempo. Por exemplo, digamos que chegue alguém aqui pra trabalhar e não conheça ninguém de Santa Maria, vai sentir

dificuldades no acesso às fontes. Mas tem o *Facebook* que tu busca. "Ah, é o fulano de tal, então vou botar no *Facebook*. Chama no *Facebook*, pede o número". Então claro que isso tudo facilita. Antigamente tu não tinha. A maioria das pessoas não tinha *Facebook*, tu não sabia como achar aquela pessoas. Tu sabia o nome da pessoa, mas qual o telefone, como vou achar, onde é que eu vou? Tu não tinha. Então hoje em dia é mais fácil. Às vezes tu tem uma pauta lá de não sei da onde, mas tu não sabe quem é a pessoas, mas tu tem o nome da pessoa. Então busca no *Facebook*, pede informação, tu conhece alguém que conhece. Nos grupos do *WhatsApp*: "ah, tu não tem o número do técnico do Juventude, do Nova Prata?", por exemplo. Tu não sabe o nome, mas por ali tu busca. Então eu não sinto muita dificuldade devido a todos esses ícones e todos esses instrumentos de comunicação hoje em dia.

36. E os locais em que é preciso ir para cobrir as pautas para o programa, são de fácil acesso?

A. V.: Agora sim, mas, por exemplo, tu tem um jogo da Série Bronze, tem todo um credenciamento. Jogo do Inter-SM, por exemplo, por mais que agente é conhecido, que a gente tá lá todo o dia, a gente tem que fazer credenciamento. Tu vai fazer jogo fora [de Santa Maria], tu tem que fazer credenciamento. Tu tem que pelo menos ligar pra assessoria, "a gente vai ir em tantas pessoas. Meu nome é tal" e faz o credenciamento. Quando tu já conhece, já tem essa intimidade e a pessoa já sabe quem tu é, facilita. Às vezes, "me desculpa, não consegui te mandar um *e-mail*, não consegui te confirmar presença. Não, não tem problema", porque a pessoa te conhece. Então isso tudo acontece. E claro, a rádio disponibiliza o carro pra eu ir nos treinos, pra eu fazer um evento que eu tenha que cobrir de noite. A rádio proporciona o celular se preciso for, pra dar os boletins ou pegar informação. O carro pra deslocamento. Então claro que tudo depende do ambiente. Se tem um evento e vem alguém de fora, uma palestra, tu tem que entrar em contato com a assessoria de comunicação de tal evento, falar, se apresentar, dizer quem tu é, o que tu quer e aí sim tem um processo um pouco maior. O quando a gente vai pra fora. Mas aqui em Santa Maria, por a gente conhecer e por estar sempre presente, volta aquilo de eu preferir estar lá. Imagina se eu só fizesse entrevista por telefone. Se eu chegasse num local "tá, mas pera aí, quem tu é?". Por isso a presença é importante nos eventos. É importante tu mostrar o teu interesse. São vários detalhes que, para o esporte principalmente, é muito importante no profissional.

37. Os boletins feitos por ti à tarde são ao vivo?

A. V.: Quando tem treino, porque o boletins que eu faço de tarde, que eu entro no Tá na Hora, com o André, é sempre do treino do Inter-SM. Ou quando tinha do Riograndense. Se o treino

tá rolando no momento do programa, a gente entra ao vivo. Se não, a gente liga e grava, mas é sempre com as informações *in loco*, do treino. Ou se tu vai cobrir um evento, sempre com as informações *in loco*. Então depende muito. "Ah, mas não tem treino do Inter-SM de tarde". Bom, mas tu acompanhou de manhã, então tu sabe o que aconteceu de manhã. Então tem tudo isso, mas aí depende claro. Mas são todas com informações *in loco*, na hora e de tudo que aconteceu no momento.

38. Como você observa o rádio no futuro?

A. V.: Quando a gente fazia faculdade, e quem gostava de rádio, às vezes as pessoas falavam: "tá, mas o rádio vai terminar com a internet. Não vai mais ter rádio pra vocês. Tem internet, tem TV, tem tudo.". O rádio nunca vai terminar, porque o rádio te passa uma sensação que tu nunca vai ter com a TV ou com a internet. Rádio é mágico. Quem trabalha na rádio sabe disso. Só que é aquilo, o rádio tem que se adaptar e evoluir com as tecnologias que tem. Tem que buscar se aperfeiçoar, tem que buscar algo diferente pra não ficar pra trás, tem que buscar algo novo, tem que ser diferentes. E as tecnologias ajudam nisso. Então, na verdade eu acho que todo esse processo de transformação midiática que vem tendo, e vai ter muito ainda, ao invés de fazer com que o rádio termine, como muitas pessoas falavam, ele pode ajudar de alguma forma a ter essa modificação no rádio também. A *live* é uma coisa. Antigamente ninguém fazia, ninguém tinha isso em rádio. Hoje tem. E tu não perde os teus ouvintes, e bem pelo contrário, tu chama mais. Então o rádio tem que se adaptar, tem que buscar inovação, tem que buscar coisas novas, coisas diferentes, pra não perder essa essência de rádio. A emoção de tu ouvir uma jornada no rádio é totalmente diferente do que tu ver pela TV. E que maravilhoso que é isso. Que maravilhoso que é tu ouvir o narrador gritar o gol. É outra coisa do que o gol do narrador de TV, totalmente diferente, tu se arrepia. Dando exemplo do futebol americano, uma vez veio os meninos do Soldiers, quando eles ganharam o Gigante Bowl. Os guris falavam "caraca Tiago, que máximo ouvir tua narração do gol". É outra coisa, é um sentimento maravilhoso que a rádio pode transmitir, mas pra rádio que se inova, que busca, que vai atrás do que tá acontecendo. Se tem que mudar a programação, vamos mudar a programação. "Bah, não tá dando, esse programa não tá se encaixando com esse horário, não dá mais". Vamos mudar, vamos buscar, vamos trazer outra coisa, um evento, um bloco. Então tudo isso vai acontecer se a rádio também se organizar, se buscar essas coisas novas. Então tudo tem a ver com isso, com esse processo de evolução do rádio.

Entrevista 2:

Nome: Tiago Nunes

Cargo: Apresentador, repórter e coordenador de jornalismo da Rádio Imembuí

Realizada no dia 31 de agosto de 2018.

1. Quando você começou a tua formação acadêmica?

T. N.: Eu comecei em 2013 no Centro Universitário Franciscano (Unifra), agora já Universidade Franciscana (UFN) e vou me formar agora na metade de 2018. Quando eu comecei na rádio, eu comecei como radialista, fiz o curso do Senac. Eu comecei em 2010 e, em 2013, entrei para o jornalismo na faculdade.

2. Desde o início você já se interessou pelo radiojornalismo esportivo?

T. N.: Sim. Desde criança acompanhando os jogos de futebol, basicamente futebol. Então meu grande sonho era ser narrador de futebol, pensava em trabalhar apenas com narrador de futebol, mas isso é impossível, não tem como. Eu comecei fazendo cobertura de eleição, fazendo depois futebol com torcida, repórter de torcida, plantão esportivo, repórter de campo, e só depois eu comecei a fazer narrações. Mas o meu foco sempre foi trabalhar no cenário esportivo e eu comecei com um blog, em 2010 também, o blog que eu criei, o PeleiaFC, que esse foi o primeiro canal que eu tive pra área esportiva.

3. Você já tinha tido experiência com rádio antes de entrar na Imembuí?

T. N.: Não, nenhuma. A Imembuí foi a primeira emissora que eu trabalhei e antes só ouvia rádio.

4. O que motivou o teu interesse pelo rádio?

T. N.: Eu ouvia muito rádio quando era criança, até por influência dos pais, minha avó sempre com o rádio ligado em casa. Meu pai sempre acompanha futebol no rádio, porque na época não tinha *paperview*, futebol na TV era muito raro, e era muito caro também. Então o rádio tu acompanha o time da cidade. Lá em Pelotas acompanhava os jogos do Brasil de Pelotas, acompanhava a Dupla Grenal. Então o rádio sempre acabou sendo esse veículo pra buscar informação, que antes a internet era difícil também, ver jogo na TV era só na TV aberta e passava muito futebol carioca, São Paulo e pouco daqui. Então foi essa ligação que eu tive com o rádio, e daí nunca mais parei. Sempre desde pequeno tenho um radinho. Quando estragava um comprava outro.

5. Qual o teu expediente aqui na rádio?

T. N.: Eu chego aqui às 7h, aí eu fico até às 17h. Eu tenho um intervalo das 13h às 15h. Eu fico aqui também na emissora, almoço aqui por perto, porque como eu moro lá no centro, seria muito deslocamento. Eu tentei até fazer isso no início, mas não deu certo, muita correria. De manhã eu apresento o Nosso Correspondente às 8h, que vai na Imembuí e na Nativa. Depois eu faço as quatro edições do notícias 101.9, que é de hora em hora: 9h, 10, 11h e 12h. Gravo o correspondente das 12h45min, depois às 15h30min eu tenho o Imembuí News até às 17h e o correspondente das 18h45. Fora isso, eu coordenação o jornalismo, faço as narrações de futebol no final de semana, que agora eu estou só nas narrações, antes eu fazia reportagem de campo, plantão, torcida, mas hoje eu estou só nas narrações, e além da programação de jornalismo, quando tem alguma alteração na grade de programação devido ao futebol, tem que fazer a programação, imprimir, mandar para o pessoal.

6. Você já fez algum curso de capacitação em alguma área?

T. N.: O único curso que eu fiz foi o do Senac, o profissionalizante, porque pra trabalhar na rádio tem que ter o registro de radialista, e na época o Senac oferecia o curso, que durou seis meses e aí eu consegui o registro.

8. Tem aquela máxima que o jornalista tem que estar sempre informado de tudo. Como é que você lida com isso fora do trabalho? Você está sempre conectado?

T. N.: O tempo todo. É bem assim. Jornalista tá sempre ligado, não pode se desligar. A gente brinca que notícia não faz feriado, não tem folga, então jornalista é da mesma forma. Inúmeras vezes eu estou em casa, era pra estar descansando, estou ali no *Facebook*, quando vê tem um anúncio de um clube. Eu já pego aquela informação, mando pro meu *e-mail* pra no dia seguinte enviar pra Angélica, pra gente ver se rende uma pauta. Então toda a hora tu tá conectado, recebo muita informação pelo *WhatsApp*. Então a gente guarda, manda por *e-mail* pra no outro dia virar pauta. Aconteceu já de 23h tá fazendo algo particular, quando vê surge a informação de alguém. Como já aconteceu, o Rio Grande pedir pra outro clube ser excluído do campeonato às 22h. Daí tu recebe a informação. Tu não vai dizer pra fonte "não, liga amanhã".

9. Diante disso, consegue acompanhar outros campeonatos de futebol?

T. N.: Não, é muito difícil. Como o foco é o futebol local, a gente acompanha muito daqui. Futebol do interior eu acompanho muito, futebol nacional, Brasileirão Série A e B, porque

têm os gaúchos, C e D muito pouco, porque é mais distante do meu foco do trabalho e futebol europeu não, futebol europeu eu vejo o pessoal falando de Barcelona, de Manchester. Eu no futebol Europeu não consigo ter esse domínio porque eu foco muito no interior e em Santa Maria. Então o meu HD chega no limite.

10. Como e quando o programa foi criado?

T. N.: O programa, nesse horário, ele já bem antigo. Eu entrei na rádio em 2010 e ele já existia com a Viviana Fronza, que hoje está na Gaúcha, e com o Fabrício Vargas, que hoje trabalha na Câmara de Vereadores. Ele já existia nesse mesmo formato, das 12h10min, 12h05min, até as 14h50min, era na época. Ele começou na mudança da programação da rádio, quando entrou a rádio Gaúcha. A Rádio [Imembuí] fez uma parceria com a Gaúcha, então o programa foi criado, e antes ele se chamava “Meio dia nos esportes”. Era uma apresentação dupla, trazia as informações do esporte local com a Viviana e o Fabrício ao vivo. Então quando eu comecei, o programa já estava no ar. Depois, quando a emissora migrou para o FM, em 2017, a gente deu uma modificada, principalmente no nome do programa, “meio dia nos esportes”, porque a Gaúcha tem um programa chamado “Esportes ao meio dia”. Então a gente mudou para criar uma identidade própria, aí ficou “Arena Esportiva” com a participação da Angélica também, que antes ela só produzia e agora ela divide a bancada. Mas basicamente a estrutura do programa segue a mesma, com a diferença que naquela época não tinha quadros. Este ano a gente criou quadros, deu uma modificada.

11. Então a Angélica começou em 2017?

T. N.: Na apresentação comigo sim. Antes era só eu. Ela produzia, botava todas as informações no roteiro e eu apresentava. Até pra trazer um pouco mais de dinâmica, e como ela tá no treino, do dia a dia, é importante, porque às vezes surge uma questão de última hora, aí eu já converso com ela, "esse jogador tá liberado, esse não tá", então fica mais interativo e também tem a participação do setorista que tá acompanhando o dia a dia do clube.

12. Em relação à ordem que vocês seguem – Boletins da Dupla Grenal, Placar da Rodada, Esporte Local e Lance Rápido – já era um formato mais ou menos estabelecido ou vocês deram uma modificada?

T. N.: Esse formato foi criado com a migração. Quando migrou do AM para o FM, a gente transformou o programa nesse formato, que antes ele era corrido. Abria o programa, só tinha manchetes e já começava a programação. Depois quando migrou pro FM que a gente criou "Dupla Grenal" no começo do programa, "Agenda da bola", as informações do esporte local e

o giro por fim. Então foi com a migração, com esse novo formato, que a gente criou os quadros.

13. Por que os boletins da Dupla Grenal são os primeiros conteúdos a serem divulgados já que o programa destina mais tempo ao esporte local?

T. N.: Aqui em Santa Maria é muito presente a dupla Grenal. Então o pessoal acompanha muito. Então o que a gente fez? No mesmo horário, querendo ou não, a gente concorre com o programa da Gaúcha que é de esportes, e o programa da Gaúcha começa ao meio dia e ele já despeja uma série de informações. Então a gente começando com a dupla grenal, de certa forma a gente acaba captando o ouvinte que vai lá pra Gaúcha ouvir o início do programa e depois vem só para ouvir as informações do esporte local. Até porque o esporte local a gente começa mais ou menos meio dia e quinze, meio dia e vinte. Então esse quinze minutos iniciais, a gente dá uma segurada no programa porque não tem como concorrer com a dupla Grenal, que aqui é muito forte. A gente tem o público local, claro, que é o nosso foco, tanto é que mais da metade do programa é para o esporte local, mas essa abertura do programa é, de certa forma, pra gente captar o ouvinte que depois vem em busca das informações da dupla.

14. Dentro das notícias do esporte local, existe uma hierarquização da ordem das informações?

T. N.: Geralmente a gente começa com futebol, porque o futebol é o nosso carro chefe, a gente valoriza muito o produto nosso que é o Inter-SM e o Riograndense, quando tava em atividade. Então a gente busca sempre começar com futebol. Depois vêm as outras informações: futebol americano, que agora tá em alta aqui, *rugby*, futsal, série bronze que também tá em alta, vôlei, às vezes quando tem canoagem. Então a gente abre o leque depois pros outros programas, mas a gente sempre procura começar com futebol, que é o carro chefe, e demanda o maior tempo do Arena.

15. Em relação ao horário do programa, preferia que ocupasse outro lugar na grade de programação?

T. N.: Na minha visão, o ideal seria começar às 11h30min. Mas aí tem a questão de programação, logística da emissora, o que não é possível. Eu acho que o horário ideal, até pra não concorrer com esse programa que a Gaúcha tem no outro horário, seria começar às 11h30min, indo até 12h30min, 12h40min. Acho que esse seria o ideal no formato, até porque tu pega um público que tá saindo do trabalho, que tá indo pra faculdade. Pegaria a partir dali

das 11h30min e tu teria um programa de maior duração, porque hoje a gente tem um programa que tem um tempo limitado e a gente, às vezes, sente falta de uma entrevista ao vivo, que a gente não faz muito porque às vezes tu não tem o domínio da entrevista e tu acaba estourando o programa. Então a gente sente falta disso e também de um debate maior. A gente tem aquele momento de conversar, trocar informações, e quando a gente começa fazer isso, toma conta do programa por um bom tempo e isso acaba estourando [o tempo]. Várias vezes a gente começou a falar de futebol e, às vezes, a última matéria não entra e tem que ficar para o outro dia.

16. Por que você acha importante dar ênfase ao esporte local?

T. N.: No rádio, aqui em Santa Maria, não têm [cobertura do esporte local], porque a dupla Grenal toma conta do cenário estadual, e aqui no esporte local eram poucas as emissoras que abriam espaço pra acompanhar Riograndense, Inter-SM, canoagem. Santa Maria tem uma gama muito grande de esportes, tem atletismo, canoagem, *rugby*, futebol americano e tantos outros. E tanto é que no FM, não temos um programa nesse molde aqui em Santa Maria que valorize o esporte local. Então a gente buscou ser essa referência, e tanto é que o nome "Arena Esportiva" é exatamente para isso: Arena, englobar todos esses esportes aqui da cidade. É um espaço que o público acompanha, tem uma audiência muito boa, principalmente quando a gente traz o pessoal no estúdio e faz *live*, acaba fidelizando a participação dos outros esportes, e antes não tinha. Antes era só quando a emissora tava no AM.

17. No placar da rodada, são divulgados jogos do Brasileirão A e B, Terceirona Gaúcha, Copa do Brasil, Libertadores e Sul-Americana. Por que a escolha desses jogos e não de campeonatos europeus, por exemplo?

T. N.: A gente acaba valorizando, quando faz o giro da agenda com os jogos, a gente tenta primeiro pegar os principais campeonatos. O Brasileiro Série A a gente dá na íntegra, Série B a gente também procura dar na íntegra, com valorização pros dois gaúchos que estão disputando, Série C também, agora tem gaúcho disputando, Série D também tem gaúcho. A copa do interior a gente dá todos os campeonatos, porque a gente valoriza mais o interior do estado, e a dupla Grenal a gente também acompanha quando dá na agenda. O campeonato europeu a gente só dá quando tem participação dos grandes, Real Madri, Barcelona, Inter de Milão, porque a gente vê que hoje, esse público, é um público muito específico, que quando ele quer acompanhar o Campeonato Europeu, Liga dos Campeões, tudo mais, ele procura na

internet, e por isso que a gente dá só uma comentada por cima quando tem algo de jogo importante da *Champions* ou algo do tipo.

18. Em relação aos conteúdos dos programas, as pautas que vão ao ar são debatidas antecipadamente?

T. N.: A gente não tem uma reunião de pauta fixa. Como a gente tá sempre na correria com outras atividades, a gente tá sempre procurando conversar. Então surge uma pauta de tarde, eu mando um e-mail pra Angélica. Surge uma pauta de noite, eu mando um *WhatsApp* pra ela, ou mando um *e-mail* "olha, amanhã tem tal evento, pra não esquecer". Eu utilizo muito *e-mail* porque é tanta coisa que a cabeça não consegue guardar tudo. Mas de manhã quando eu estou aqui na redação junto com ela, ela chega "ah, hoje no programa vai ter tal coisa". Aí eu "ah, amanhã vai ter isso. Vamos tentar ajustar pra botar isso nesse dia, aquilo noutro dia, devido a nossa limitação de tempo, é bem apertado. Mas a gente conversa constantemente. Claro que ela, como produtora, acaba levando a linha de frente. Eu apenas, "ah, amanhã tem esse evento. Olha esse cara falou isso na emissora tal lá no interior", porque eu acompanho muito futebol do interior, então quando surge alguma pauta do interior, acabo também dando alguma sugestão, mas basicamente a Angélica é quem comanda a produção.

19. Quais os critérios para a escolha das pautas do dia?

T. N.: Atualidade e o fator local. A proximidade do fator local. A gente procura pegar esses pontos, tanto é que agora no FM a gente pega em mais cidades, que antes não pegava. Então quando sai informação de São Gabriel, a gente dá do futebol. Quando tem algum evento na Quarta Colônia, que acontece muito alguns jogos festivos, que vem ex atletas da dupla Grenal, a gente também valoriza. Então basicamente a atualidade e o fator local. Acredito que fator local na frente, porque final de semana Santa Maria tem muitos esportes, só que agente não consegue colocar tudo na segunda-feira. Então às vezes o futsal acaba ficando na terça, futebol americano a gente consegue dar o resultado na segunda e entrevistar só na quarta, porque a gente coloca na segunda-feira o futebol e algo mais importante.

20. Tu busca se informar, antecipadamente, sobre as pautas que vão ao ar?

T. N. Eu sempre busco acompanhar. Claro que as informações do treino do Inter-SM a Angélica tá mais por dentro, porque ela tá no dia a dia, 80% da apuração é feita por ela. Às vezes quando chega alguma informação pra mim, porque eu tenho o site "Peleiafc.com", que fala do futebol do interior do estado, às vezes eu sugiro alguma coisa do interior pra ela, ou

alguma coisa aqui do futebol local, esporte local. Quando alguém me procura "olha Tiago, tem o evento tal", eu passo pra ela. Ela que faz a entrevista, a apuração, tudo.

21. Quais os critérios utilizados na escolha dos entrevistados para as pautas?

T. N.: Quando chega o assunto "ah, tem um assunto sobre a estreia do Inter-SM na Copa Wianey Carlet", dai a gente "ah, vamos tentar entrevistar o presidentes e o técnico". Aí a gente também, pra não repetir muito, quando vê o presidente falou semana passada "ah, o presidente já falou, vamos ver outro nome". Então a gente tenta fazer um rodízio de fontes, pra não ficar repetitivo sempre a mesma pessoa falando. Técnico, jogadores a gente também utiliza muito, o pessoal do marketing. Claro que tem clube, como o futebol americano, rubgy, vôlei, que tu acaba repetindo mais porque não é todo dia que se tem informações deles, são mais eventuais.

22. Sobre a entrevista ao vivo durante o programa, observei que nesses dias vocês não fazem outras entrevistas sobre o esporte local, então acabam por depender apenas do entrevistado. Alguma vez o entrevista não apareceu?

T. N.: É raro. Antes era um receio muito grande que a gente tinha, ainda do tempo do AM, que a gente marcava com a pessoa, daí a pessoa atrasava, ou chegava 11h30min e desmarcava. Aí teve um período que a gente ficou sem entrevista ao vivo, mas depois quando foi pro FM, a gente pelo menos tenta um dia da semana. Às vezes é difícil porque não fecha agenda, mas um dia da semana tenta trazer alguém ao vivo e quando vem alguém ao vivo, aí sim, o programa basicamente é voltado todo para o entrevistado. Raramente tenta um audiozinho curto, de alguma outra pessoa, mas é basicamente o entrevistado. Não aconteceu ainda da pessoa, em cima da hora, cancelar, "não vou poder vir". Se ela diz: "não posso ir no estúdio". Então vamos fazer por telefone. A gente tenta uma alternativa. Se não pode vir e ainda dá tempo de gravar, a gente também grava a entrevista. Mas é o risco que a gente corre de chegar na hora e a pessoa cancelar. Se cancelar, a gente tem que ter alguma carta na manga pra fazer uma entrevista por telefone ao vivo.

23. Com que frequência utiliza o *Facebook* ou *WhatsApp* durante a rotina na rádio? E para quê?

T. N.: Direto. Acompanhando também a Angélica, a gente usa muito o *WhatsApp*. Principalmente o *WhatsApp*. O *Facebook* mais é pra procurar pautas. Às vezes os clubes de futebol utilizam muito. Têm clubes que não têm sites, então eles utilizam. Quando vê o

profissional anunciou que tá indo pra tal clube, a gente vê no *Facebook*. Mas o *WhatsApp* a gente usa muito pra marcar entrevista. "Ah, tu pode me atender tal horário?". Daí a pessoa, "não, tudo bem, pode me ligar". Mas fazer entrevista por *WhatsApp* não, só em último caso, e nem é entrevista. Quando vê um jogador foi contratado, então manda um áudio sobre como é que foi esse acerto com o clube, porque ele tá fora do país, ou porque os horários não estão batendo. Porque é muito complicado fazer entrevista pelo *WhatsApp*, tu perde muito tempo e não fica algo natural. Então o *WhatsApp*, basicamente, é pra fazer agendamento de entrevistas, verificar alguma pauta, algo do tipo.

24. Esse contato com as fontes dá-se principalmente pela internet ou utiliza ainda o telefone?

T. N.: Antes era bem mais de entrar em contato com o telefone. Hoje a gente vê se a pessoa tá disponível pelas redes sociais mandando uma mensagem. Se ela não atende, não responde, daí liga pra tentar marcar, vê se pode atender tal horário, se não pode. Mas basicamente a gente consegue fazer tudo via aplicativo, pra agendar as entrevistas. Por telefone a gente faz as gravações, porque é muito difícil às vezes tu conseguir ir em tal lugar, acompanhar, e conseguir gravar com as pessoas.

25. Você percebeu mudanças na forma de apurar, produzir e distribuir as notícias nos últimos anos? Quais?

T. N.: Mudou muito, porque quando em comecei, em 2010, era tudo só ali no rádio. Não tinha nada de redes sociais. A rádio não estava no *Facebook*, não estava no *twitter*. Com a migração do AM pro FM, a gente fez *live*, a gente fez programa fora do estúdio. Nunca tinha sido feito programa fora do estúdio. A gente foi para o estúdio, fizemos programa do gramado. A gente acabou ampliando esse leque e o pessoal participa muito, principalmente pelo *Facebook* e acompanhando via aplicativo. O do aplicativo o pessoal já acompanhava anteriormente pelo *site* da rádio, e antes eles participavam pelo mural de recados, que tinha no *site*, mas era uma participação mais tímida pelo mural de recados. Hoje o pessoal participa pelo *WhatsApp* bastante. Até na Copa do Mundo foi surpreendente o quanto o pessoal participou, porque a gente fazia promoções, sorteava e tudo mais. Mas o pessoal participa muito pelo *WhatsApp* e *Facebook* nas *lives*. Essa interação que a gente acabou abrindo bem mais. Antes era algo muito focado no AM, não tinha essa abertura de canais.

26. Utiliza as tecnologias durante a rotina de produção? Quais?

T. N.: A gente utiliza muito. Nessa questão da tecnologia, mudou bastante, porque antes a Angélica ia fazer uma cobertura, ela tinha que gravar, voltar para o estúdio, baixar o áudio. Então a gente perdia muito tempo, e de manhã o tempo passa voando, e às vezes os clubes fazem coletiva às 11h. Às vezes 10h o treino começa e termina 12h. Então hoje a Angélica tá no treino, e às vezes "ah, não vou conseguir chegar a tempo". Manda o áudio para o operador via *WhatsApp*, ou entra ao vivo do treino pelo celular. A gente utiliza muito o celular. Agora a gente implementou também, quando tem alguma cobertura externa, a utilização do *Skype*, que é uma qualidade de som de estúdio, muito superior ao telefone celular. Então acaba facilitando essa questão de deslocamento. Quando eu comecei na rádio, tinha um gravador de fita. Tinha que gravar, trazer aqui [na rádio], esperar rodar toda a entrevista, e ainda saía um chiadinho de fundo. E às vezes tu não sabia se gravou, não gravou. Tu ia descobrir quando chegava aqui. Agora não, tu grava no celular, também edita no celular, manda pra cá, tudo pronto, com uma qualidade de som bem superior. Então facilitou muito a implementação das novas tecnologias.

27. Como você observa a inserção do rádio na internet, por meio de sites e redes sociais?

T. N.: O rádio, acho que foi o veículo que mais conseguiu se moldar à nova tecnologia, porque muito se falou, quando surgiu a TV, que o rádio ia morrer. Quando surgiu a internet, o rádio também ia morrer. Eu acho que, pelo contrário, o rádio conseguiu se fortalecer através das redes sociais. Até o nosso colega, diretor administrativo, Johnny Clay Rosa, fala que o rádio é um camaleão, que ele conseguiu se adaptar ao local. Foi um grande ganho. Hoje é a rádio no aplicativo, é a rádio no *Facebook* com a *live*, é o torcedor participando pelo *WhatsApp* numa interação mais direta, é ele nos vendo no estúdio, que antes não acontecia. É a emissora criando um programa, como a gente fez do [estádio] Presidente Vargas, focado no *Facebook* e depois pensado no FM, porque o programa que a gente fez no estádio a gente pensou na imagem, enquadramento, cadeiras, bancada, tudo, e acabou sendo o foco principal. Então, acredito que tenha sido um grande aliado para o rádio nesses últimos anos, uma sobrevivência, e não a morte, como muita gente pensou do rádio.

28. Acha que isso altera e exige dos profissionais um novo perfil?

T. N.: Sem dúvida. E essa é uma dificuldade que a gente vê muito no rádio, que ainda tem profissionais que vem do tempo que se usava gravador de fita, que se puxava cabo pra fazer transmissão do estádio. Nos anos 90 pra cá isso acabou mudando muito rápido. Nos anos 2000 a transformação foi mais ainda, então isso acaba exigindo sim a agilidade da

informação, porque hoje o torcedor tá em casa, tá conferindo ali na internet, e se não tá na emissora, ele vai procurar nas redes sociais, e não dá pra demorar muito. O Inter-SM anuncia um jogador, tem que, pelo menos, publicar nas redes sociais, no *site* da rádio, dar [a informação] na hora, e a facilidade do rádio é isso, porque o repórter pode entrar a qualquer momento, não precisa esperar começar o programa seguinte. Eu acredito que foi um grande avanço. Claro que quem tá no rádio tem que seguir esse avanço junto com as redes sociais, se não, infelizmente vai ficar pra trás e o mercado não perdoa.

29. Como você observa a participação dos ouvintes? Aumento devido à inserção da rádio Imembuí na internet?

T. N.: Muito. Antes, no AM, basicamente era só o mural de recados e o telefone. Só que ali era no site, o pessoal mandava, a gente ficava com o site aberto. Não tinha muita participação, porque o pessoal tinha que ir para o computador, e tinha que abrir o site pra mandar depois tudo. Então a gente acabou fazendo, com a FM, essa imersão forte nas redes. Então hoje a gente tem o e-mail, mas a gente não recebe muita pauta de torcedor por e-mail. É mais dos clubes. O Inter-SM manda por e-mail. *WhatsApp* a gente recebe, no programa, uma média que varia. Tem dias que tem jogo o pessoal participa mais, outras vezes nem tanto. Mas a gente recebe muita coisa pelo *WhatsApp* também. E das assessorias dos próprios clubes, que às vezes nos procura pelos nossos *WhatsApp* pessoais. Então aumentou bastante e ajudou muito nesse recebimento de informações para apuração.

30. Qual a diferença que você notou com a mudança do sinal AM para o FM? Houve alguma atividade ou alguma demanda que você teve que começar a executar?

T. N.: O único acréscimo que eu tive foi na apresentação do Imembuí *News*, todas as tardes, e agora de segunda à quinta, das 15h30min às 17h. No resto, minha rotina de trabalho seguiu a mesma. Claro que aumentou um programa, então aumenta a demanda de trabalho no período da tarde. Mas a mudança do AM pro FM, primeiro que aumentou qualidade do som, não tem mais aquele chiado. Aumentou o alcance da emissora. A gente tem registro do pessoal de São Martinho da Serra acompanhando, São Gabriel, Caçapava pega som local, Rosário do Sul. E também a questão das redes sociais, que a gente mergulhou nas redes. Porque antes fazer a *live*, com o som que ia para o ar no AM, era ruim, porque o chiado ficava de fundo. O AM tem o chiado tradicional. Então ficava aquilo na cabeça do ouvinte, daí ficava chato. Agora no FM não. É um som limpo, não tem interferência nenhuma. Então o pessoal que tá acompanhando não vai ter aquela questão do chiado no ouvido. E as redes sociais, que a gente

foi em peso. Uma vez por semana a gente procura fazer uma *live*. Quando tem convidado ao vivo, a gente faz *live*. A gente fez os programas voltados para o *Facebook* lá no estádio Presidente Vargas. Então acredito que a migração para o FM não foi apenas migrar o som da rádio. Aumentou a qualidade, aumentou o alcance, aumentou a utilização das redes sociais. Vem aí um novo *site* que a emissora vai lançar também, moderno, por causa dessa migração. Então acho que a migração foi uma sobrevida pra todas essas modificações, e tem sido muito positivas. O pessoal pode acompanhar o programa no rádio do carro, o que antes era muito complicado porque tava no AM, passava por baixo de algum lugar da cidade, já não pegava mais, e hoje tem gente que nem utiliza o AM no carro, fica só no FM. No aplicativo também o pessoal acompanha muito. Então acredito que melhorou bastante essa utilização, mas graças, sem dúvida nenhuma, à migração.

31. Para que serve o *WhatsApp* durante o programa? Serve para a proposição de pautas por meio dos ouvintes ou pensar em próximos entrevistados?

T. N.: Sim. O *WhatsApp* no programa é pra receber mensagens, ou [a gente] faz alguma pergunta no ar: "o que você achou do jogo do Inter-SM?"; "o que você acha da promoção do ingresso?". Então basicamente é pra receber recado do ouvinte e ler na hora. É o que a gente procura, essa interação mais próxima.

32. Por que vocês acha melhor fazer a *live* quando vai o entrevistado? Por que apenas uma só vez e não durante todos os programas?

Primeiro devido à questão de tempo, porque quem comanda as *lives* da emissora sou eu, então a gente fez uma grade: segunda-feira o canal debates; quinta-feira também tem o canal; sexta-feira tem a Salete Barbosa com *live* e o arena; quarta o Imembuí *News*. A gente procurou fazer uma escala de programas pra pegar de segunda à sexta-feira. Se eu fosse fazer todos os dias, seria um trabalhão: pra montar, desmontar equipamento, vai, junta e recolhe. A gente faz quando tem entrevistado, exatamente pra pessoa compartilhar, divulgar também. Então a gente traz o pessoal do *Soldiers*, o pessoal vem para o estúdio, todo mundo compartilha, aí chama um número grande de pessoas pra ver. Quando vem apenas um a gente também faz. Não é pelo número de pessoas. Tendo convidado ao vivo a gente faz. Até pra divulgar o trabalho daquela pessoa, não só no FM, mas nas redes sociais, porque hoje todo mundo tá nas redes, e tem sido bem bacana. Quando a gente traz jogadores, a família dos jogadores acompanha, seja onde for, via internet, e acaba sendo um programa diferente pela participação mais forte dos ouvintes, dos torcedores.

33. Em relação a alguns elementos que compõem a rotina, você sente que falta tempo para cobrir outras competições ou produzir um material diferenciado?

T. N.: Ah sim. Como a gente tem outras atividades, o tempo é corrido e às vezes acaba faltando. Devido à questão de horários, a gente acaba sentindo falta de ter um momento ali de parar tudo só pra discutir o programa. A gente acaba discutindo o programa ao longo do dia inteiro. Então acaba sendo um dificultador essa questão, mas no fim a gente consegue. Claro que, termina o programa, eu tenho o meu intervalo, a Angélica tem o intervalo dela, daí a gente já retorna de tarde e eu tenho outras coisas pra fazer. A gente não consegue pegar uma entrevista, por exemplo, que foi ao ar no programa e fazer uma matéria pra ir para o *site*. Pegar a entrevista e transformar em uma matéria mais curta pra ir em outro programa. O que a gente consegue muito é: a entrevista foi para o ar, o operador grava, salva na pasta, aí a gente pega um trequinho dela pra colocar num programa da tarde e aí a gente acaba fazendo a chamada da matéria. Mas isso quando são assuntos muito fortes. O Inter-SM anuncia técnico, ou cai presidente, anuncia presidente, ou tem disputada de uma final de campeonato, mas a gente tem essa dificuldade sim devido à limitação de pessoal e limitação de tempo, porque a gente não faz só esporte. Eu coordeno o jornalismo, apresento o Imembuí *News*, o correspondente, faço notícias 101.9 de manhã, organizo a programação da emissora. Então a gente se divide. Precisaria de um Tiago gêmeo.

34. Se tivesse mais profissionais para produzir o programa, pensaria em propor algo diferente?

T. N.: É. Acredito que se a gente tivesse mais uma pessoa pra acompanhar outros esportes, seria muito válido. Hoje a gente tem a Angélica que acaba cobrindo todos. Claro que o nosso foco é futebol. Vamos dizer assim: 60% futebol, 40% demais esportes. Então a gente, às vezes, não consegue cobrir todos os esportes. Às vezes, final de semana quando tem muita coisa, a gente só cobre o futebol, depois o resto vem ao longo da semana. Se a gente tivesse, talvez, mais uma, duas pessoas, pra fazer esse acompanhamento geral, porque eu vejo em Santa Maria uma questão muito diferente das outras cidades. Eu acompanho Pelotas, porque eu sou de lá, e Pelotas é só futebol. As emissoras de lá 90% é futebol e 10% vem depois. Caxias do Sul é futebol 80% e depois vem o basquete que lá é forte também. E Santa Maria não. Santa Maria eu diria que o futebol não é que nem em Pelotas e Caxias. Santa Maria tem o futebol que, claro, chama a atenção, a gente valoriza e tudo mais, mas tem uma gama de outros esportes que a cidade foi abençoada. A gente tem o futebol americano que hoje tá fazendo sucesso. Quando eu entrei na rádio, jamais imaginei que eu ia narrar uma partida de

futebol americano, e hoje eu já fiz duas finais de futebol americano em transmissão. A Rádio Imembuí foi a primeira emissora comercial a fazer uma transmissão de futebol americano no rádio. A primeira, no geral, é a rádio Universidade, educativa. Mas eu vejo que a cidade, por ter uma gama tão grande, *rubgy*, futebol americano, basquete, futsal, vôlei, atletismo e futebol, são vários esportes que a gente acaba não conseguindo cobrir com tanta ênfase. Mas a gente sempre tenta abraçar eles todo ao longo da semana, ao longo do ano, até alguma informação mais forte, ao contrário de outras cidades.

35. Acredita que o programa poderia ter mais tempo na grade de programação para aprofundar mais os assuntos?

T. N.: Esse foi sempre o nosso grande desejo, mas a programação ela já vem assim. Então não tem como ampliar, porque se ampliar tem que tirar o horário de outro colega, outro profissional, e aí tem questões comerciais envolvidas. Então é bem difícil a ampliação de horário. O que a gente consegue é, ao longo dos outros programas, trazer boletins. A Angélica tem um boletim no Controle Geral. Quando tem treino de tarde do Inter-SM, ela participa ao vivo no meu programa Imembuí News. Ela tem um boletim gravado, no final da tarde, no André Campos no "Tá na hora". Então a gente consegue fazer inserções ao longo do dia pra tentar aumentar a grade esportiva. Final de semana, aí sim com futebol. A gente tem um tempo mais livre pra fazer uma pré-jornada maior, pra depois vir o jogo. Mas a gente tem essa dificuldade em função da grade que já existe na emissora.

36. Você sente falta de algum equipamento para a produção do programa?

T. N.: Não. Até que para a produção, essas questões não. O último que a gente implementou foi o *Skype*, que a gente utilizou nas transmissões, que é uma qualidade de som muito boa. Mas a gente tem gravador, se precisar, a unidade móvel à disposição a gente tem. Então na questão de equipamento acho que não interfere, porque hoje com o celular, tu pode fazer um programa de onde tu quiser, sem problema nenhum. Pra gravar áudio e mandar, basta ter internet e tu manda de qualquer lugar. Então não vejo a questão de equipamento como um problema. Hoje a gente tem tudo à disposição.

37. Você tem o teu blog, a Angélica tem o dela também. Vocês não pensaram em criar uma página para o programa, a fim de disponibilizar áudios e fotos?

T. N.: A gente tinha a página do Arena Esportiva no *Facebook*. Mas depois a emissora acabou fazendo uma readequação, até veio um profissional de São Paulo que fez uma análise toda pra

migração do AM. Daí a gente viu que páginas avulsas acabariam afastando do foco principal que é o *Facebook* da rádio. Então a gente tinha o Arena, daí a gente tirou do *Facebook* e ficou tudo só no nome Rádio Imembuí no *Facebook*. A gente gostaria, mas por questão de tempo, não consegue fazer, [como, por exemplo] termina o treino, ela [Angélica] vai lá, faz algum conteúdo exclusivo pro *Facebook*, ou faz alguma conteúdo exclusivo pro *site*, devido essa correria do dia com várias outras atividades. A gente tenta, quando tem coletiva do Inter-SM, [a Angélica] tira uma foto, daí ela me encaminha e eu posto nas redes. Eu acho que a única questão do equipamento, que tu falou e agora eu recordo, seja a disponibilização, talvez, de uma internet limitada pra gente acompanhar e fazer alguma cobertura nesse sentido. Mas a gente não sente falta hoje, sobre isso, porque às vezes "ah, ela tá no treino, tem coletiva, o Inter-SM tá fazendo a coletiva, a gente compartilha na nossa rede social". Ou eu estou lá no estádio, na hora que sobra do jogo, eu tiro uma foto e publico na rede da rádio. Todo mundo tem canal livre pra publicar no *Facebook*, mas às vezes não consegue devido a correria mesmo. É um ponto que a gente tenta suprir, mas que devido a limitação de tempo, de outras atividades, acaba sendo bem corrido.

38. Nota alguma dificuldade no acesso às fontes? A *internet* ajudou nesse processo?

T. N.: Hoje até que não tem tanta dificuldade assim. A gente procura sempre fazer um pré-agendamento, ver se a pessoa tá disponível no *WhatsApp*, "ah, qual horário tu vai estar disponível?", porque antes a gente cansou de ligar e tá desligado o telefone, a pessoa tá trabalhando. Então antes tu ligava e ninguém te atendia. Hoje, se tu tem uma antecipação, tu manda um *WhatsApp*, vê o horário disponível. Claro que tem pautas que surge na hora, daí tu tem que ligar pra pessoa e tu não pode esperar. Já aconteceu de ligar pra pessoa e ela não atender, daí tem que esperar mais tempo. Mas acabou ajudando sim. A dificuldade é basicamente pra entrar em contato, porque depois a gente consegue fazer a entrevista.

39. E os locais em que é preciso ir para cobrir as pautas para o programa, sente alguma dificuldade?

T. N.: Não. Quando tem alguma entrevista, ou alguma clube convoca, a gente, claro, confirma a ida do repórter, a emissora disponibiliza transporte, tudo, não tem problema nenhum quanto a isso. Aliás, a Imembuí é a única emissora de rádio que tem uma setorista que vai. E não vai só no Inter-SM, é uma setorista do esporte. Então, claro que o foco é o nosso futebol, mas quando tem coletiva, anúncios mais fortes, a gente procura sempre acompanhar. Às vezes aconteceu de dar choque entre dois eventos, daí a gente infelizmente tem que priorizar um e

depois acaba gravando via telefone com a outra pauta. Mas a gente procura sempre cobrir, quando recebe algum comunicado a gente confirma a ida do repórter, seja pra eleição, anúncio de jogador, início de temporada, tudo isso.

40. Como você observa o rádio no futuro?

T. N.: Eu vejo o rádio cada vez mais nas redes sociais. Ainda mais forte com as *lives*, com as transmissões ao vivo, e rádio é aquilo, valorizar o local. Hoje, pela internet, tu tem informação do *Manchester United*, do Barcelona, mas vai procurar informação do clube da tua cidade na internet, ainda é muito escasso. O rádio tem esse papel de valorizar o que é local, valorizar o que é da cidade e, através das redes sociais, ampliar esse canal. Então eu vejo que o rádio vai se fortalecer cada vez mais com as redes sociais e ele vai se adaptando conforme as novidades que vão surgindo. Então eu acredito que a tendência é que ele se fortaleça, mas é claro, focando o local, buscando aquele ouvinte que tá disperso do local e, às vezes, quer saber tudo na internet. Hoje o pessoal tá na internet, tá no ônibus e tá na internet. Quando vê tá passando a *timeline* e tem uma *live* do programa. Então acho que vai valorizar.

ANEXO A – E-MAIL ENTREVISTA

Entrevista 1:

Nome: Alcides Zappe

Cargo: Superintendente da Rádio Imembuí

Recebida no dia 5 de julho de 2018.

1. Quais as mudanças percebidas nos últimos anos na rotina produtivas do radiojornalismo, principalmente com a introdução das novas tecnologias?

A.Z.: O dia a dia do nosso jornalismo mudou. Além das rotinas tradicionais, temos usado todas as novas tecnologias, dando uma interatividade aos ouvintes via internet que nos impressiona, como *WhatsApp*, site, *Facebook*. Muitos dos nossos programas são transmitidos pela *live*. Os tempos mudaram, as ferramentas favoreceram muito o radiojornalismo.

2. Observa um aumento da interatividade com os ouvintes, visto que agora há novos instrumentos para isso?

A.Z.: Sim. Conforme foi posto acima, além dos usuários tradicionais do rádio do espectro 101.9 FM, conquistamos um número cada vez maior de ouvintes nas novas plataformas.

3. Qual a importância, para a rádio, em abrir espaços para que os ouvintes participem?

A.Z.: A importância para nós tem sido levado muito em consideração, pois procuramos fazer conteúdo jornalístico, comunicativo e com a participação dos ouvintes.

4. Quem é o público-alvo da emissora?

A.Z.: Atualmente o nosso público é bem variado. Nossa preocupação tem sido atingir as classes mais jovens, pois o nosso público é composto por pessoas acima de 30 anos, dentro das classes sociais A, B e C, com uma boa faixa de renda, e ouvintes dotados de boa capacidade intelectual. A rádio pelo sua programação não consegue atingir as classes bem mais populares, situação que estamos procurando também atingir.

5. Quanto à migração do sinal AM para o FM, como foi o processo e o que alterou na rádio?

A.Z.: A migração aconteceu no dia 30 de maio de 2017, depois um longo e penoso processo que muitos não acreditaram, alterando principalmente a qualidade do áudio e alcance. Nossa

programação não sofreu muita alteração, continuou o radiojornalismo, com algumas mudanças na linguagem de nossos apresentadores.

6. Quem é responsável por gerenciar as redes sociais?

A.Z.: Tiago Nunes, nosso coordenador de programação.

7. Para que o site da emissora é utilizado?

A.Z.: Para manter os ouvintes conectados com as principais notícias que a rádio divulga em sua programação.

8. Qual a importância do ambiente *online* para o rádio?

A.Z.: Atingimos algo que nunca o rádio seria capaz de atingir pela a onda do rádio normal. Temos ouvintes do mundo inteiro através de áudios e vídeos via plataformas online.

9. Quem organizou a programação da Rádio Imembuí?

A.Z.: Todo nosso departamento de jornalismo: direção, gerência e coordenação, com os demais integrantes da equipe.

10. Cada apresentador é responsável pela produção de seus programas?

A.Z.: Não. A grande maioria tem apresentador e com o seu produtor respectivo.

11. Em um futuro próximo, existe a possibilidade de mudanças em alguma questão na rádio?

A maior inserção nas redes sociais, por exemplo.

A.Z.: Sim. Estamos em constante evolução para um futuro em médio prazo, mas sempre em radiojornalismo, com novos profissionais e aproveitando os nossos veteranos, e cada vez mais usando as redes sociais.

Quando e como a Rádio Imembuí foi fundada?

A.Z.: A rádio foi fundada 13 de fevereiro de 1942, hoje com 76 anos. Sonhadores e líderes que sonharam em adotar uma rádio em Santa Maria. Foi a primeira a ser instalada, ficando até 1997 com a direção da família Isaías, casas Eny. Após, a rádio foi adquirida por Cláudio e Alcides Zappe. Foram percussores na instalação da rádio o Dr. Olivé Leite, Augusto Ribas, Luis Bolick e Salvador Isaías.

ANEXO B – ROTEIRO DO PROGRAMA “ARENA ESPORTIVA”

Edição do dia 16 de julho de 2018.

ARENA ESPORTIVA

Apresentação: Tiago Nunes

Comando técnico: Carlos Alberto Rodrigues de Oliveira/Rulian Fernandes / Hermes Brondani

- TRILHA ABERTURA ARENA

Abertura – Tiago faz o Editorial e lê comerciais

- TRILHA MANCHETES

Tiago dá os destaques das sonoras

- TRILHA DUPLA GRENAL

GRÊMIO

Gremio com

INTER

Inter com

TEC TRILHA SELEÇÃO

- BOLETIM COPA DO MUNDO –

França vence a Croácia e conquista a Copa do Mundo pela segunda vez – **Filipe Sboril**

- TRILHA AGENDA DA BOLA

TEC TRILHA PROGRAMA

- CHOCO- 05min 07s

- FOSSATI- 05min 33s

- PRESIDENTE FARROUPILHA – 04min 54s

- VINHETA FECHA ARENA

Vinheta fechamento programa após os apresentadores encerrar

AGENDA DA BOLA

COPA DO BRASIL	SÉRIE C	SÉRIE D
20h: Vasco x Bahia 20h: Cruzeiro x Atletico-PR	21h15: Salgueiro x Náutico	20h: Ferroviária x São José

LANÇE RÁPIDO

UFSM faz 9-4 sobre Macleres e fica na parte de cima da tabela do Estadual Sub-20

No final de semana dos dias 21 e 22 de julho, Santa Maria será sede da 2ª Etapa do Estadual de Futsal sub 9

Bagé se apresenta nesta segunda-feira para dar início à pré-temporada para a Copa Wianey Carlet

Filho de Zidane é contratado por clube da segunda divisão da Espanha

Inter vence Gre-Nal e é campeão gaúcho sub-20

Vasco contrata o atacante Maxi Lopez

West Ham contrata Felipe Anderson da Lazio por 40 milhões de euros

Clubes tem até essa segunda-feira para confirmar Participação na Copa Wianey Carlet

Djokovic arrasa Anderson, vence Wimbledon pela 4ª vez e ressurge no circuito

Presença de D'Alessandro é dúvida para retorno do Brasileirão

Inter trabalha para ter Jonatan Álvarez contra o Ceará

Grêmio não deve ter força máxima no duelo contra o Atlético-MG

Eleito o melhor jogador jovem da Copa do Mundo, Mbappé, de 19 anos, doa salário da Copa para caridade

Cristiano Ronaldo passa por exames médicos no seu novo clube

Janela abre, e Grêmio aguarda chineses para ter Marinho contra o Atlético-MG

Com Buffon no PSG, Fábio é o 12º goleiro do mundo há mais tempo no mesmo clube

Santos tem semana decisiva para fechar com Carlos Sánchez e Derlis González